



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**“FLAGRANDO A VIDA”: TRAJETÓRIA DE LÍGIA PINA - PROFESSORA,  
LITERATA E ACADÊMICA (1925-2014)**

**JOSÉ GENIVALDO MARTIRES**

**SÃO CRISTÓVÃO – SE  
2016**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**“FLAGRANDO A VIDA”: TRAJETÓRIA DE LÍGIA PINA - PROFESSORA,  
LITERATA E ACADÊMICA (1925-2014)**

**JOSÉ GENIVALDO MARTIRES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação, sob a orientação da Prof. Dr. Joaquim Tavares da Conceição.

**SÃO CRISTÓVÃO – SE  
2016**

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

M386f Martires, José Genivaldo  
"Flagrando a vida" : trajetória de Lígia Pina – professora, literata e acadêmica (1925-2014) / José Genivaldo Martires ; orientador Joaquim Tavares da Conceição. – São Cristóvão, 2016.  
136 f. : il.

Dissertação (mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, 2016.

1. Educação – História - Sergipe. 2. Professoras – Vida intelectual. 3. Educadores. 4. Colégio de Aplicação da UFS. 5. Pina, Maria Lígia Madureira. I. Conceição, Joaquim Tavares da, orient. II. Título.

CDU 37.011.3-051(813.7)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E  
PESQUISA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
EDUCAÇÃO

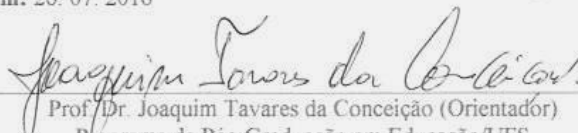


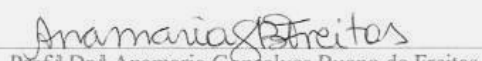
JOSÉ GENIVALDO MARTIRES

FLAGRANDO A VIDA": TRAJETÓRIA DE LÍGIA PINA -  
PROFESSORA, LITERATA E ACADÊMICA (1925-2014)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-  
Graduação em Educação da Universidade  
Federal de Sergipe e aprovada pela Banca  
Examinadora.

Aprovada em: 26. 07. 2016

  
Prof.<sup>o</sup> Dr. Joaquim Tavares da Conceição (Orientador)  
Programa de Pós-Graduação em Educação/UFS

  
Prof.<sup>o</sup> Dr.<sup>a</sup> Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas  
Programa de Pós-Graduação em Educação/UFS

  
Prof.<sup>o</sup> Dr.<sup>a</sup> Raylane Andreza Dias Navarro Barreto  
Universidade Tiradentes / UNIT

SÃO CRISTÓVÃO (SE)  
2016



**MARIA LÍGIA DE MADUREIRA PINA**

## *II Canto ao Vendedor de Quebra-Queixo*

Que ser humano  
que pássaro  
que anjo  
me dirá em que arcano

se encontra o vendedor de “quebra-queixo”?  
Nunca mais o vi passar às tardes  
à minha porta  
tocando uma música suave, dolente  
no realejo de sopro  
enternecendo o coração da gente.  
Nunca mais o grito alegre,  
festivo das crianças:  
“lá vem o homem de “quebra-queixo”.  
Por onde andaré o homem do “quebra-queixo”  
com o seu realejo?  
Teria dado ao seu corpo cansado  
o sagrado repouso do aposentado?  
Teria mudado da cidade, do Estado  
Ou estará na Eterna Morada  
tocando para os Anjos  
sua música suave, dolente,  
deixando na saudade  
o coração da gente?

Que ser humano  
que pássaro  
que anjo  
me dirá em que arcano  
se encontra o homem do “quebra-queixo”  
com a melodia do seu realejo?

*Maria Lígia Madureira Pina*

Às três MARIAS da minha vida:

Maria do Carmo Martires (*in memoriam*)

Maria Nely dos Santos

Maria Lígia Madureira Pina (*in memoriam*)

## AGRADECIMENTOS

No decorrer dessa caminhada nada mais justo do que agradecer ao nosso Deus maior Olodumaré e aos nossos ancestrais pela existência e energias que emanam diariamente. Agradecer também àquelas pessoas que contribuíram para a concretização desse sonho. Primeiramente ao meu orientador prof. Dr. Joaquim Tavares da Conceição, dedicado, sério, comprometido, competente e de uma sabedoria ímpar.

Aos professores e professoras do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe (PPGED/UFS), pelas contribuições neste caminhar. Agradeço também àqueles professores que se tornaram exemplos e/ou modelos que nortearam a minha conduta profissional e de pesquisador: prof<sup>ª</sup>. Dr.<sup>a</sup> Josefa Eliana Souza, professora no antigo segundo grau no Colégio Estadual Murilo Braga (Itabaiana), hoje coordenadora do PPGED, a qual avaliou este trabalho na disciplina Seminário de Pesquisa, com ricas contribuições; prof<sup>ª</sup>. Msc. Maria Nely dos Santos; prof. Dr. Jorge Carvalho do Nascimento; às professoras da qualificação, Dr.<sup>a</sup> Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas e Dr.<sup>a</sup> Raylane Andreza Dias Navarro Barreto. Destaco também os professores (as): Paulo Marchelli, Verônica do Reis Mariano Souza, Regina Santos, Neide Sobral, Marizete Lucini, Dilton Maynard, Itamar Freitas e Bernard Jean Jacques Charlot pelas contribuições na elaboração deste trabalho.

Aos colegas professores do Colégio de Aplicação e aos queridos alunas e alunos que entenderam o distanciamento das atividades pedagógicas em razão da pesquisa. Aos funcionários do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, pela atenção. Ao Prof. Msc. José Anderson Nascimento, presidente da Academia Sergipana de Letras, pelo apoio, estendendo esses agradecimentos a todos que fazem parte dessa egrégia instituição. Agradeço à professora Dr.<sup>a</sup> Raylane Andreza Dias Navarro Barreto, coordenadora do projeto *Memória Oral da Educação Sergipana: Modos de Educar e Práticas Escolares no Território Sergipano*, da Universidade Tiradentes (UNIT); aos professores, Dr. João Paulo Gama de Oliveira e Dr.<sup>a</sup> Martha Suzana Cabral pela disponibilização e socialização de suas fontes. À Senhora Shirley Maria Santana Rocha, guardiã do arquivo pessoal da prof.<sup>a</sup> Lígia Pina. Aos entrevistados que não se opuseram a fornecer os seus depoimentos.

Agradeço aos meus colegas de turma do mestrado: Ademir, André, Anselmo, Cândida, Helma, Mariza e Nemésio pelos momentos inesquecíveis. Aos meus familiares e amigos:



Matheus Martires, Alexandre Silva, Rivaldo Martires, Josilene Martires, Jozeilza Martires, Elaine Martires, Anderson Martires, Valteno Martires, João dos Santos Martires, Josivaldo Martires (*in memoriam*), Genivaldo Teles, Willians Tiago, Aléssia Nascimento, Juracy Júnior, Fabiano Fernandes, Ricardo Costa, Odeilzo Nicolau, Danielle Azevedo, Adilson Almeida e Antônia Marques. Enfim... Meu muito obrigado!

## RESUMO

A presente pesquisa teve o propósito de investigar a trajetória de vida de Maria Lígia Madureira Pina, professora, literata e acadêmica, estabelecendo compreensões a respeito das relações entre sua formação intelectual e as práticas pedagógicas desenvolvidas no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe, bem como a produção dos seus escritos, e como esse capital cultural contribuiu para a sua efetivação na Academia Sergipana de Letras. Neste sentido, foram recorrentes as seguintes categorias e seus respectivos teóricos: campo, trajetória, capital social, capital cultural e intelectual de Pierre Bourdieu (1996, 2002, 2003 e 2004); documento de Jacques Le Goff (2014). Utilizamos a técnica de história de vida, realizada por meio de coleta de relatos orais da biografada e de pessoas do seu convívio, bem como a utilização de fontes documentais localizadas nos arquivos do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe; Academia Sergipana de Letras e da Universidade Federal de Sergipe. Lígia Madureira Pina nasceu em 1925, na cidade de Aracaju; estudou no colégio Frei Santa Cecília, Escola Nossa Senhora de Lourdes e Escola Normal. Fez o curso superior em Geografia e História na Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe. Lecionou em diversos estabelecimentos de ensino de Aracaju, dentre eles: Escola Normal, Atheneu e Colégio de Aplicação da UFS. Nesta instituição de ensino desenvolveu uma série de atividades e materiais didáticos com o propósito de dinamizar as aulas de história. Em 1991 encerrou as suas atividades pedagógicas, passando a se dedicar as suas obras literárias, e a partir de 1998, às atividades da Academia Sergipana de Letras.

**PALAVRAS - CHAVE:** Academia. Colégio de Aplicação. Intelectual. Magistério. Trajetória.

## ABSTRACT

This research aims to study Maria Lígia Madureira Pina's life story - Professor, literate and academic- by establishing comprehension about the relationship between her intellectual formation and pedagogical practices developed at Colégio de Aplicação at Universidade Federal de Sergipe [SE Federal University], as well as the production of her writings and how this cultural capital contributed to her effectiveness in Academia Sergipana de Letras [SE Academy of Letters]. In this sense the following categories and its respective theorists were recurred: field, history, social capital and cultural capital by Pierre Bourdieu (1996, 2002 e 2004); Jacque Le Goff's (2014) document; intellectuals by Jean Francois Sirinelli (2003). We use the life history technique performed through biography testimonies and of people in her familiarity as well as the use of documentary sources located in the following archives: Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe; Academia Sergipana de Letras and of the Universidade Federal de Sergipe [ Historical and Geographical Institute of Sergipe; SE Academy of Letters; Federal University of Sergipe]. Ligia Madureira Pina was born in 1925, in Aracaju city. She studied at the following schools: Frei Santa Cecília, Nossa Senhora de Lourdes and Normal School. Ligia majored in geography and history at the Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe [Philosophy Catholic College of Sergipe]. She taught at several schools in Aracaju, including: Normal School, Atheneu and Colégio de Aplicação [Application High School] of UFS, in this last educational institution she developed a number of activities and materials in order to streamline the lessons of history. In 1991, she finished her educational activities and started devoting to her literary works and from 1998 on, in the activities of Academia Sergipana de Letras.

**KEYWORDS:** Academy. Colégio de Aplicação. Intellectual. Professorship. Route

## LISTA DE FIGURAS

**Folha de rosto** - Foto de 1947 - formatura do curso normal da Escola Normal Rui Barbosa - Acervo da família.

<b>Figura 01</b> - Cena de entrevista com a prof <sup>a</sup> Lígia Pina concedida a Secretaria de Estado da Educação.(2012).....	18
<b>Figura 02</b> - Anúncio de filme – Cinema Guarany.....	49
<b>Figura 03</b> - Prédio do Colégio Nossa Senhora de Lourdes.....	55
<b>Figura 04</b> - Prédio da Escola Normal Rui Barbosa.....	56
<b>Figura 05</b> - Pátio interno do Colégio Nossa Senhora de Lourdes onde funcionava a Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe .....	61
<b>Figura 06</b> - Imagem frontal da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, onde funcionava o Colégio de Aplicação.....	66
<b>Figura 07</b> – Foto da cena da peça teatral “O Mártir da Liberdade”.....	72
<b>Figura 08</b> - Capa do livro “Flagrando a Vida”.....	76
<b>Figura 09</b> - Capa do livro “A Mulher na História”.....	83
<b>Figura10</b> - Capa do livro “Satélite espião observando a vida no planeta azul”.....	89
<b>Figura 11</b> - Capa do livro “A Relíquia” .....	94
<b>Figura 12</b> - Acadêmicas da Academia Literária de Vida.....	97
<b>Figura 13</b> - Participação da Academia Literária de Vida na 2 <sup>a</sup> Bienal do Livro de Itabaiana....	99
<b>Figura 14</b> - Imagem frontal do prédio da Academia.....	100
<b>Figura 15</b> - Cerimônia de posse da Prof. <sup>a</sup> Lígia Pina na Academia Sergipana de Letras.....	107
<b>Figura 16</b> - Manchete no Jornal da Manhã.....	114

## LISTAS DE QUADROS

<b>Quadro 01</b> - Relação dos (as) entrevistados (as).....	17
<b>Quadro 02</b> - Produção de pesquisas em História da Educação em Sergipe no século XX.....	22
<b>Quadro 03</b> - Dissertações de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe - 1996 a 2015.....	23
<b>Quadro 04</b> - Teses de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe - 2011 a 2015.....	24
<b>Quadro 05</b> - Relação das dissertações sobre trajetória de vida e/ou biografias do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe (1996 – 2015).....	29
<b>Quadro 06</b> - Teses sobre trajetórias de educadoras defendidas no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe (2008-2015).....	42
<b>Quadro 07</b> - Relação das dissertações sobre trajetória de vida e/ou biografias do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Tiradentes (2010 – 2016).....	43
<b>Quadro 08</b> - Relação dos professores da Escola Normal na década de 1940.....	58
<b>Quadro 09</b> - Relação dos (as) professores (as) do curso de Geografia e História da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe no período de 1955 a 1958.....	62
<b>Quadro 10</b> - Relação dos poemas do livro “Flagrando a Vida”.....	77
<b>Quadro 11</b> - Relação das mulheres sergipanas estudadas no livro “A Mulher na História”.....	85
<b>Quadro 12</b> - Relação dos poemas do livro “Satélite espião observando a vida no planeta Azul”.....	89
<b>Quadro13</b> - Relação dos contos e crônicas do livro “A Relíquia – contos e crônicas”.....	95
<b>Quadro 14</b> - Relação das patronas e acadêmicas da Academia Literária de Vida.....	98
<b>Quadro 15</b> - Relação dos (as) patronos (as) e acadêmicos (as) de 1927.....	102
<b>Quadro 16</b> - Relação dos patronos e acadêmicos de 1929.....	102
<b>Quadro 17</b> - Relação das acadêmicas na Academia Sergipana de Letras por ano da posse.....	104
<b>Quadro 18</b> - Publicações de artigos da prof. <sup>a</sup> Lígia Pina em revistas.....	110
<b>Quadro 19</b> - Publicações de artigos da prof. <sup>a</sup> Lígia Pina em jornais.....	118
<b>Quadro 20</b> - Publicações em periódicos e jornais sobre a prof. <sup>a</sup> Lígia Pina.....	121

## LISTA DE SIGLAS

**ASL** - Academia Sergipana de Letras

**ALV** - Academia Literária de Vida

**BICOM** - Biblioteca Comunitária da UFS

**CADES** - Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário

**CAPES** - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

**CBPE** - Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais

**CODAP** - Colégio de Aplicação

**CEMDAP** - Centro de Pesquisa, Documentação e Memória do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe

**CPD/UFS** - Centro de Processamento de Dados

**FAFI** - Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe

**FCFS** - Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe

**FNFI** - Faculdade Nacional de Filosofia

**GA** - Ginásio de Aplicação

**GEPEH** - Grupo de Estudos e Pesquisa em História da Educação.

**IBGE** - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

**ESCOLA NORMAL** - Instituto de Educação Rui Barbosa

**IFS** - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe

**IHGS** - Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe

**INEP** - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

**IPES** - Instituto de Previdência do Estado de Sergipe

**MAC** - Movimento de Apoio Cultural Antonio Garcia da Academia Sergipana de Letras

**PPED** - Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Tiradentes.

**PPGED** - Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe

**PROCAD** - Programa Nacional de Cooperação Acadêmica

**PROEST** - Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis da Universidade Federal de Sergipe

**PSP** - Partido Social Progressista

**PTB** - Partido Trabalhista Brasileiro

**PUC/SP** - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

**SBPPF** - Sociedade Brasileira para o Progresso Feminino

**SENAI** - Serviço Nacional da Indústria

**SIGAA** - Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas

**UFBA** - Universidade Federal da Bahia

**UFS** - Universidade Federal de Sergipe

**UNIT** - Universidade Tiradentes

## SUMÁRIO

<b>1 - INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>2 - ESTUDOS SOBRE A TRAJETÓRIA DE VIDA NO CAMPO DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO.....</b>	<b>21</b>
2.1. - O PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE (PPGED): O <i>LOCUS</i> DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO EM SERGIPE.....	21
2.2 - ESTUDOS BIOGRÁFICOS E TRAJETÓRIAS DE VIDA NAS PRODUÇÕES DO PPGED/UFS.....	27
2.3 - TRAJETÓRIAS DE VIDAS E BIOGRAFIAS, TEMÁTICAS NOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM SERGIPE (PPGED/UFS E PPED/UNIT).....	29
<b>3 - A TRAJETÓRIA DA PROFESSORA MARIA LÍGIA MADUREIRA PINA .....</b>	<b>47</b>
3.1 - RECORTES DE VIDA .....	47
3.2 - FORMAÇÃO INTELECTUAL.....	53
3.3 - NO TEATRO DA HISTÓRIA.....	64
<b>3.3.1 - Ligia Pina: professora de História do Colégio de Aplicação.....</b>	<b>65</b>
<b>4 - A LITERATA MARIA LÍGIA MADUREIRA PINA. ....</b>	<b>76</b>
4.1 - “FLAGRANDO A VIDA”.....	76
4.2 - “A MULHER NA HISTÓRIA”.....	82
4.3 - “O SATÉLITE ESPÃO OBSERVANDO A VIDA NO PLANETA AZUL”.....	88
4.4 - “A RELÍQUIA”.....	94
4.5 - A NOVA HORA LITERÁRIA.....	97
4.6 - A IMORTAL LÍGIA PINA.....	100
<b>4.6.1 – Participações no Movimento de Apoio Cultural Antonio Garcia – MAC e na Academia Sergipana de Letras.....</b>	<b>105</b>
4.7 - ARTIGOS PUBLICADOS EM REVISTAS E JORNAIS.....	110
<b>4.7.1 - Publicações em Revistas.....</b>	<b>110</b>
<b>4.7.2 - Os Artigos publicados em Jornais.....</b>	<b>118</b>
<b>4.7.3 - Publicações sobre a Prof.<sup>a</sup> Lígia Pina.....</b>	<b>121</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>123</b>
<b>REFERÊNCIAS E FONTES. ....</b>	<b>127</b>



## 1. INTRODUÇÃO

Esta dissertação investiga a trajetória profissional e intelectual da professora Maria Lígia Madureira Pina, no exercício do seu magistério no Colégio de Aplicação (CODAP) da Universidade Federal de Sergipe (UFS), bem como a sua produção acadêmica e os espaços culturais de que participou. O interesse pelo objeto desta pesquisa iniciou-se com os relatos de alunos do CODAP em meados da década de 1990 sobre os seus ex-professores e, em 2004, na disciplina do mestrado em educação do Núcleo de Pós-Graduação em Educação - NPGED, ministrada pelos professores doutores: Anamaria Gonçalves Bueno Freitas e Jorge Carvalho do Nascimento e como requisito parcial de avaliação, elaboramos um estudo biográfico, ou seja, sobre a trajetória de vida da professora Maria Lígia Madureira Pina e suas contribuições para o ensino de História. Com o passar do tempo, a ideia de transformar este estudo preliminar num objeto de pesquisa foi amadurecendo. Passamos um período fora das atividades acadêmicas (2007 a 2013), e ao retornarmos às atividades docentes no CODAP, resgatamos o propósito de estudar a trajetória da professora Maria Ligia Madureira Pina. Participamos, em 2014, da seleção do mestrado, quando o mencionado projeto foi aprovado.

Assim, a presente pesquisa tem como objetivo investigar a trajetória de vida de Maria Lígia Madureira Pina, professora, literata e acadêmica, estabelecendo compreensões a respeito das relações entre sua formação intelectual e as práticas pedagógicas desenvolvidas no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe, bem como a produção dos seus escritos e como esse repertório cultural contribuiu para a sua efetivação na Academia Sergipana de Letras. A delimitação temporal da pesquisa teve como marco o período do nascimento ao falecimento (1925 – 2014).

As categorias de análise presentes nesta pesquisa versam sobre as concepções teóricas e metodológicas do campo da nova história cultural. Neste sentido, para compreender o objeto foram recorrentes as seguintes categorias e seus respectivos teóricos: Pierre Bourdieu (1996, 2002, 2003 e 2004), com os conceitos de: trajetória como posições ocupadas pelo indivíduo e suas constantes transformações que orienta estudar a biografia com as suas contradições, mudanças e permanências, contestando uma visão única da trajetória do biografado; campo, como espaço de conflitos de grupos e /ou indivíduos em busca de afirmação; capital social, entendido como “relações de força entre as posições sociais que garantem aos seus ocupantes um *quantum* suficiente de força social – ou de capital – de modo

a que estes tenham de entrar nas lutas pelo monopólio do poder” (BOURDIEU, 2004, p. 28 - 29). No tocante ao capital cultural, Bourdieu (2002) demonstra a sua existência em três formas: *no estado incorporado*, ou seja, sob a forma de disposições duráveis do organismo; *no estado objetivado*, sob a forma de bens culturais [...] e *no estado institucionalizado*, forma de objetivação [...] (BOURDIEU, 2002, p. 74). Neste caso, analisamos a trajetória profissional e intelectual da prof<sup>a</sup> Lígia Pina por meio da aquisição e fortalecimento do capital cultural no estado incorporado, estabelecendo relações com as estratégias de sua família para a mobilização desse capital. No estado objetivado, tal aquisição ocorre por intermédio da sua produção de bens culturais (livros e publicações em jornais e revistas); e no estado institucionalizado é decorrente da aquisição do conhecimento legitimado pelos certificados, diplomas, títulos, entre outros.

A noção de intelectual nesta dissertação está em consonância com Bourdieu (2003) quando diz que: “[...] os intelectuais são, enquanto detentores de capital cultural, uma fracção (dominada) da classe dominante e que bom número de suas tomadas de posição, em matéria política por exemplo, se ligam à ambigüidade de sua posição de dominados entre os dominantes”(BOURDIEU, 2003, p.74), evidenciando os conflitos dentro do campo intelectual e sua produção acadêmica inserida neste contexto da cultura dominante.

Para termos um maior embasamento, buscamos a noção de documento monumento de Jacques Le Goff (2014), ampliando o conceito, análise e as diversidades de fontes utilizadas. Assim, sob a influência dos *Annales* e combatendo a concepção positivista de que a pesquisa histórica deveria ser alicerçada em documentos oficiais, as pesquisas ganharam uma nova dimensão, permitindo o uso de novas fontes, novos objetos, a exemplo da história oral que utilizamos nesta pesquisa

A professora Maria Lígia Madureira Pina nasceu em Aracaju, no dia 30 de setembro de 1925; estudou nos colégios Frei Santa Cecília e Nossa Senhora de Lourdes e na Escola Normal Rui Barbosa<sup>1</sup>. O ensino superior em Geografia e História foi realizado na Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe (FCFS), no período de 1955 a 1958. Iniciou a vida profissional no magistério a partir de 1958, em vários colégios na cidade de Aracaju, em 1967, foi convidada a exercer as suas no Colégio de Aplicação, onde permaneceu até 1991, em razão de sua aposentadoria. Apesar de lecionar em vários colégios das redes privada e pública de Aracaju, a opção da pesquisa foi estudar as suas práticas pedagógicas no Colégio

---

<sup>1</sup> A Escola Normal de Aracaju passou por várias nomenclaturas: Escola Normal, em 1923 passou a ser denominada de Escola Normal Rui Barbosa. Em 1947, a Escola Normal tornou-se o Instituto de Educação Rui Barbosa. Consultar Melo (2006). No decorrer do texto iremos utilizar a nomenclatura **Escola Normal**, por ser a mais conhecida.

de Aplicação (CODAP) em razão da escassez de pesquisas sobre trajetórias de vidas de professoras da Universidade Federal de Sergipe e, especificamente, do Colégio de Aplicação. Lígia Pina foi a professora do CODAP que projeção na sociedade sergipana em razão da sua produção literária bem como de sua participação em instituições culturais. A investigação sobre a trajetória da prof.<sup>a</sup> Lígia Pina objetiva também contribuir para o estudo das primeiras professoras de História formadas pela FCFS. Outro aspecto que motivou a pesquisa foi a existência de poucos trabalhos acadêmicos sobre trajetórias de professoras autoras em Sergipe. Com essa dissertação pretendemos compreender as práticas pedagógicas desenvolvidas pela prof.<sup>a</sup> Lígia Pina no CODAP.

Em relação a sua trajetória intelectual, ressaltamos a criação da Academia Literária de Vida, em 1992. No ano de 1997, Lígia Pina foi eleita para Academia Sergipana de Letras ocupando a cadeira de número 27, que tem como patrono Manuel Luiz Azevedo de Araújo<sup>2</sup>, e como fundador Benedito da Silva Cardoso<sup>3</sup>.

As questões norteadoras desta pesquisa foram: Quais as contribuições da formação docente no curso normal pela Escola Normal e do curso superior em Geografia e História da Faculdade Católica de Sergipe na sua prática docente no CODAP? Quais práticas pedagógicas aplicadas pela professora Maria Lígia Pina nas aulas de História no CODAP? Quais as contribuições do seu repertório cultural e sua produção acadêmica para o ingresso na Academia Sergipana de Letras - ASL?

Para a elaboração desta pesquisa utilizamos como embasamento teórico-metodológico a abordagem biográfica e como fonte principal a utilização de relatos orais, coletados por meio de entrevistas e de acordo com os procedimentos da história oral. Os estudos sobre a história oral no Brasil também se configuram como um campo de conhecimento novo. Neste ínterim, destacam-se as pesquisas realizadas por Bosi (2003), por meio de sua experiência pessoal e dos estudos no campo da memória entendida como construção ao longo da vida, a partir das experiências cotidianas e suas interações com as pessoas, denominando de memória social. Outra análise relevante foi elaborada por Meihy; Holanda (2013), o qual demonstra

---

<sup>2</sup> De acordo com Guaraná (1925), Manuel Luiz Azevedo de Araújo nasceu na Vila de Estância, em 1838, filho de Antonio de Araújo Pimenta e. Ignez de Azevedo Araújo. Estudou Ciências Jurídicas e Sociais na Faculdade de Direito do Recife no período de 1856 a 1860. Exerceu o cargo de promotor público na Vila de Itabaiana. Foi diretor da Biblioteca Provincial e do Asilo Nossa Senhora da Pureza e, no período de 1870 a 1875, exerceu o cargo de Diretor Geral da Instrução Pública da Província. Neste período criou o Atheneu Sergipense (1870). Em 1875 mudou-se para Salvador onde exerceu atividades nos jornais Correio da Bahia e Gazeta da Bahia. Faleceu em Aracaju a 21 de outubro de 1883.

<sup>3</sup> Nasceu em Aracaju, filho de Joaquim Maurício Cardoso e Júlia da Silva Cardoso. Formou-se em cirurgião dentista pela Faculdade de Medicina da Bahia e em Direito pela Faculdade de Direito da Bahia. Foi juiz, filósofo, jornalista e poeta. Ver Pina (2000).

que não se refere a uma simples técnica ou método, e sim uma forma de saber, partindo da elaboração do projeto ao resultado da pesquisa.

A técnica adotada foi da entrevista semi-estruturada. Realizamos 11 entrevistas com ex-alunos, ex-colegas de profissão e amigos da prof.<sup>a</sup> Lígia Pina, de acordo com o quadro a seguir:

**Quadro 01** – Relação dos (as) entrevistados (as)

<b>Entrevistado (a)</b>	<b>Ocupação Atual</b>	<b>Vínculo com a Prof.<sup>a</sup> Lígia Pina</b>	<b>Principais tópicos da entrevista</b>
José Anderson do Nascimento	Juiz e professor aposentado	Presidente e imortal da Academia Sergipana de Letras	Participação de Lígia Pina na Academia Sergipana de Letras.
Cléa Maria Brandão	Professora aposentada do CODAP.	Colega de trabalho. Membro da Academia Literária de Vida, do MAC e da Academia de Letras de Aracaju	A convivência pedagógica; as relações de amizade; participação na Academia Literária de Vida.
Maria Conceição Ouro	Professora aposentada do CODAP.	Colega de trabalho. Membro da Academia Literária de Vida	As relações de amizade no trabalho e na Academia Literária de Vida.
Daniela Costa Maia	Fisioterapeuta	Aluna da professora Lígia no final da década de 1980 e início da década de 1990.	Vivência no Codap e as aulas de História.
Maria Inêz de Oliveira Araújo	Professora do Departamento de Educação/ UFS	Aluna da professora Lígia no final da década de 1970 e início da década de 1980	Vivência no Codap; relacionamento com seus colegas e professores; recordações sobre as aulas de História.
Martha Suzana	Professora da UFS	Aluna da professora Lígia no início da década de 1980	Recordações sobre as aulas de História e os contatos que estabelecera com a prof. <sup>a</sup> Lígia Pina
Nemésio Augusto Alvares Silva	Professor do CODAP	Aluno da professora Lígia no final da década de 1970 e início da década de 1980	A vida estudantil na década de 1970 e as aulas de História.
Manoel Messias Vasconcelos	Professor aposentado do CODAP	Colega de trabalho	Trajetória profissional e as relações de amizade com a Prof. <sup>a</sup> Lígia Pina
Otávio Luiz Cabral Ferreira	Professor do Departamento de Artes Visuais/ UFS	Aluno da professora Lígia na década de 1970	Trajetória estudantil entre as décadas de 1960 e 1970 e as aulas de História no Codap.
Maria Stela Rodrigues de Souza	Professora aposentada do	Colega de trabalho e sua vizinha	As relações de amizade; relações de trabalho e de vizinhança.

	CODAP		
Clemildes Maria Barbosa Lessa	Professora aposentada CODAP	do	Trajetória profissional; ensino de Francês no Codap e luta pelo reconhecimento dos professores do Codap na UFS.
Professora Ligia Pina	---	---	Entrevistas de 2004, 2008 e 2011 - trajetória de vida, formação acadêmica; produção literária e participação em instituições culturais.

Fonte: arquivos do pesquisador.

Em relação aos depoimentos da biografada, realizamos um bloco de entrevistas em 2004. Foi nessa época que mantivemos os primeiros contatos com a prof.<sup>a</sup> Lígia Pina. No período de um mês realizamos as entrevistas, e ela sempre nos atendia com um sorriso, com muita educação, elegância e simplicidade. Os relatos eram feitos na sala da sua residência, aliás, onde sempre recepcionava estudantes, pesquisadores e à imprensa. A fotografia em sequência é bastante expressiva, pois as entrevistas transcorriam dessa maneira, sentada no sofá, com elegância e cercada por telas de pintores sergipanos, livros, fotografias e suas memórias.

**Figura 01** – Cena de entrevista com a prof.<sup>a</sup> Lígia Pina concedida a Secretaria de Estado da Educação (2012)



Fonte: Acervo de Shirley Maria Santana Rocha <sup>4</sup>

Utilizamos também os depoimentos arquivados por Martha Suzana Cabral Nunes,

<sup>4</sup> Fotografia datada de 18/07/2012. A Professora Lígia Pina concedendo entrevista aos jornalistas da Assessoria de Comunicação da Secretaria Estadual de Educação.

datados de 2008, e o vídeo depoimento realizado para o projeto *Memória Oral da Educação Sergipana: Modos de Educar e Práticas Escolares no Território Sergipano*, da Universidade Tiradentes – UNIT, sob a coordenação da professora doutora Raylane Andreza Dias Navarro Barreto, datado de 2011.

Além dos relatos orais foram manuseadas fontes escritas e iconográficas, a saber: livros, revistas, jornais, fotografias, diários de classe, ficha funcional, livros de ata, destacando as publicações da prof<sup>a</sup> Lígia Pina. Realizamos a pesquisa nos seguintes locais: Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, Biblioteca Pública Epifânio Dórea, Biblioteca Central da UFS, Biblioteca Comunitária da UFS, arquivo da Academia Sergipana de Letras e o arquivo da Universidade Federal de Sergipe. No tocante à documentação do Colégio de Aplicação, tivemos dificuldades de localizá-la no arquivo central da UFS e no próprio arquivo da escola. No entanto, na etapa final da pesquisa, em 2016, contamos com a criação do Centro de Pesquisa, Documentação e Memória do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe (CEMDAP), sob a coordenação do Prof. Dr. Joaquim Tavares da Conceição. Esse centro tem a finalidade de reunir, preservar e divulgar a documentação e/ou o patrimônio material e imaterial a respeito da memória institucional e igualmente atuar como centro de referência para a reunião de pesquisas e informações sobre a trajetória da instituição, de suas atividades e de outros temas correlatos. Assim, em consulta à documentação do CEMDAP que se encontra em fase de organização, tivemos acesso as fontes em que diz respeito à Prof<sup>a</sup> Lígia Pina no CODAP.

A dissertação está organizada em quatro seções e as considerações finais distribuídas na seguinte estrutura: A primeira seção é composta por uma introdução que estabelece os principais objetivos e delimitação do problema da pesquisa; o recorte temporal, os aspectos metodológicos e o trabalho com as fontes.

A segunda seção, com o título Estudos sobre a trajetória de vida no campo da História da Educação, inicia situando o Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) da UFS como *locus* da produção em pesquisas no âmbito da História da Educação em Sergipe, discutindo a produção de estudos biográficos de trajetórias de vidas. A segunda parte dessa seção estabelece uma análise das dissertações e teses do PPGED que tiveram como objeto as trajetórias de vida.

Na terceira seção, discute-se a trajetória da vida da professora Maria Lígia Madureira Pina, destacando a sua formação acadêmica por intermédio dos colégios e da faculdade em que estudou; sua trajetória profissional como professora e, em especial, as suas práticas metodológicas no ensino de História no Colégio de Aplicação da UFS.

Na quarta e última seção a abordagem recai sobre a trajetória da escritora Maria Lígia Madureira, por meio das análises de sua produção literária (livros, artigos em jornais e revistas); sua participação no Movimento Cultural Antonio Garcia e nas academias Sergipana de Letras e Literária de Vida.

Nas considerações finais retomamos alguns pontos destacados nas questões norteadoras da pesquisa, suas análises, limites e novas perspectivas criadas no decorrer do estudo.

## 2. - ESTUDOS SOBRE A TRAJETÓRIA DE VIDA NO CAMPO DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

### 2.1 - O PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE (PPGED): O *LOCUS* DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO EM SERGIPE

A História da Educação, como campo do conhecimento, estabeleceu-se na segunda metade do século XIX, inicialmente atrelada aos conhecimentos da pedagogia, configurando-se uma disciplina escolar.

A história da educação como disciplina escolar apareceu nas universidades e escolas normais europeias, no final do século XIX, forjada pela defesa da necessidade de um ensino sistemático da pedagogia, que se iniciaria justamente com a sua própria história e arte de ensinar (NUNES; CARVALHO, 1993, p 11).

Esse processo ocorreu também no Brasil com a vinculação da História da Educação como disciplina escolar nos cursos normais criados na segunda metade do século XIX. A partir dos anos 60 do século XX, percebemos um descolamento da História da Educação da condição de disciplina para a fase acadêmica, com o surgimento das primeiras pós-graduações em educação no Brasil. Na região Nordeste, tal configuração ficou evidenciada nos anos 70 do século XX.

Na região Nordeste os primeiros programas de pós-graduação em Educação começaram a funcionar na década de 70. Inicialmente na Universidade Federal da Bahia, em 1972. Depois, nas Universidades Federais dos estados do Ceará e Paraíba, em 1977. E, ainda na mesma década de 70, nas Universidades Federais do Rio Grande do Norte e de Pernambuco, em 1978 (NASCIMENTO; VASCONCELOS, 2006, p.33).

Segundo Nascimento (2003), no Estado de Sergipe, as pesquisas em História da Educação remontam ao início do século XX com uma produção bastante esporádica. Esse pesquisador diz que “uma média, em Sergipe, durante setenta e quatro anos, no período que vai de 1916 a 1980, se produziu um trabalho sobre História da Educação a cada quatro anos e meio” (NASCIMENTO, 2003, p, 24). Nos anos 80 do século XX, houve um aumento considerável da produção quando se constata a produção de 25 trabalhos, 17 dos quais são de



autoria da professora Maria Thetis Nunes, dentre eles a História da Educação em Sergipe, de acordo com a tabela a seguir:

**Quadro 02** – Produção de pesquisas em História da Educação em Sergipe no século XX

Período de produção	Trabalhos produzidos
1916	01
1927	01
1949-1951 <sup>(5)</sup>	02
1954	02
1958	01
1959	01
1962	01
1965	01
1967	01
1970	01
1976	01
1978	03
1979	01
1980	02
1981	02
1982	02
1983	08
1984	03
1986	02
1987	02
1988	01
1989	01

Fonte: Nascimento (2003, p.26).

Nos anos 90 do século XX, esse panorama alterou motivado por alguns fatores, tais como: a modificação curricular dos cursos de licenciatura em História e licenciatura em Educação Física, sendo que estes passaram a exigir o trabalho de monografia no final da graduação, permitindo a pesquisa no campo da História da Educação; a criação em 1994 do núcleo de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe.

Em sequência, no ano de 1996 ocorreu a primeira defesa de dissertação com o objeto vinculado ao campo da História da Educação<sup>6</sup>. Em 1997 deu-se a criação, no PPGED, do Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação: intelectuais e práticas escolares (GEPHE), sob a coordenação do Prof. Dr. Jorge Carvalho do Nascimento. Dentre esses

<sup>5</sup> o período referente a edição do nº 20 da revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, que foram publicas os artigos de Maria das Graças de Azevedo Melo e de José Calazans.

<sup>6</sup>Refere-se à dissertação de mestrado em educação de Maria José de Azevedo Araújo intitulada **Leitura na escola de primeiro grau**: implantação e desenvolvimento do Programa Nacional Salas de Leitura na rede municipal de Aracaju.

fatores elencados, o PPGED se configurou como o *locus* da produção e pesquisas no campo da História da Educação em Sergipe a partir da década de 1990.

Na atualidade, o PPGED oferece à comunidade os cursos de mestrado e doutorado. No curso de mestrado que teve o seu início em 1994 foram defendidas 357 dissertações (até o dia 18 de setembro de 2015), sendo 139 no campo da História da Educação, abrangendo 38,9% de toda a produção do Programa. (Quadro 03)

**Quadro 03** – Dissertações de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe - 1996 a 2015

Ano	Dissertações	Dissertações no campo da História da Educação
1996	11	04
1997	12	02
1998	05	04
1999	02	0
2000	09	05
2001	04	01
2002	10	02
2003	15	09
2004	20	12
2005	15	05
2006	21	11
2007	18	09
2008	22	10
2009	25	09
2010	24	06
2011	36	15
2012	24	07
2013	29	11
2014	28	10
2015	27	07
<b>Total</b>	<b>357</b>	<b>139</b>

Fonte: Quadro elaborado pelo autor mediante informações contidas [www.sigaa.ufs.br/sigaa/public/programa/defesas.jsf?lc=pt\\_BR&id=136](http://www.sigaa.ufs.br/sigaa/public/programa/defesas.jsf?lc=pt_BR&id=136)<sup>7</sup>.

Em relação ao curso de doutorado, este teve início no ano de 2008. Até setembro de 2015 foram defendidas 36 teses, 16 das quais são do campo da História da Educação, abrangendo 44,4% do total geral. (Quadro 04)

<sup>7</sup> Acesso em 10/10/2015.

**Quadro 04** – Teses de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe - 2011 a 2015

Ano	Teses	Teses no campo da História da Educação
2011	01	01
2012	08	03
2013	10	04
2014	07	03
2015	10	05
<b>Total</b>	<b>36</b>	<b>16</b>

Fonte: Quadro elaborado pelo autor mediante informações contidas [https://www.sigaa.ufs.br/sigaa/public/programa/defesas.jsf?lc=pt\\_BR&id=136](https://www.sigaa.ufs.br/sigaa/public/programa/defesas.jsf?lc=pt_BR&id=136)<sup>8</sup>.

De acordo com os estudos sobre esse *locus* da História da Educação em Sergipe, representado pelo PPGED, Nascimento (2010) classifica-o em dois momentos: um período entre 1996 a 2002 e o outro pós 2003. Esta divisão representa não somente o aumento do quantitativo de trabalhos como também o descolamento teórico-metodológico das pesquisas em História da Educação.

O período de 1996 a 2002 foi caracterizado pelas interpretações da linha marxista nos trabalhos defendidos no programa. Em razão desta, a escola era apresentada como “um espaço inerte, em que não se tomava qualquer iniciativa, estando tal instituição submetida a uma plena dependência dos seus condicionantes sociais” (2010), assim, sendo notório o viés marxista do determinismo econômico. Ainda nesse período foi possível verificar que o corte temporal se concentrava no século XX, a partir de 1930 e com a utilização de fontes consideradas “oficiais”, ou seja, documentos produzidos pelos governantes e autoridades ligadas ao campo educacional.

Apesar da orientação marxista do período, algumas dissertações no final dos anos 90 do século XX começaram a trilhar na vertente da nova história cultural. Em 1998 tivemos o primeiro estudo biográfico do PPGED com a dissertação “Em Busca da Democracia: a trajetória de Nunes Mendonça”,<sup>9</sup> defendida por Josefa Eliana de Souza. A pesquisa analisou a trajetória do professor Nunes Mendonça por meio de sua atuação política no Partido Trabalhista Brasileiro (PTB); sua prática pedagógica no Instituto de Educação Rui Barbosa (Escola Normal) na disciplina de pedagogia, atrelando os conteúdos aos princípios do

<sup>8</sup> Acesso em 10/10/2015.

<sup>9</sup> Essa dissertação foi publicada pela editora da UFS, em 2003, sob o título de “*Nunes Mendonça: um escolanovista sergipano*”.

Escolanovismo. Nessa ação pedagógica, instituiu as “aulas vitais”, quando se discutiam orientações sexuais com as alunas, motivo de vários embates e polêmicas. Outro destaque desse estudo foi a elaboração por Nunes Mendonça do livro *Educação em Sergipe* que estabeleceu um diagnóstico da educação sergipana, nos anos de 1950, propondo modificações para superar o atraso educacional.

Estas ideias refletiam a influência escolanovista, e este professor foi, no período que vai da década de 50 ao início da década de 60, seu sistematizador na educação sergipana. Nessa trajetória, procurou analisar os nossos problemas educacionais, embalado pela crença na melhoria qualitativa e na expansão da escola pública, instituição fundamental para a realização do seu sonho: a construção de uma sociedade mais democrática (SOUZA, 2003, p. 176).

O estudo de Nunes Mendonça foi fruto de uma pesquisa encomendada pelo Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (CBPE), vinculado ao Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), e serviu de tese para a sua aprovação no concurso da cátedra de pedagogia da Escola Normal. A obra sofreu influência dos estudos de Fernando Azevedo e Florentino Menezes.

Nunes Mendonça realizou um estudo histórico da educação sergipana, demonstrando a ineficácia do ensino primário, o sistema escolar atrelado às ingerências políticas, falta de escolas e materiais didáticos, professores despreparados para a utilização dos métodos ativos e falta de diálogo entre a escola e a família. Após esse diagnóstico, Nunes Mendonça propôs modificações para a educação sergipana, a saber: defendia um ensino primário vinculado à realidade do aluno, uma metodologia atrelada ao ensino ativo (experimentações, jogos educativos, viagens, dentre outros), criação de novas escolas e aparelhamento didático; combatia o trabalho das crianças na sociedade; defendia cursos de aperfeiçoamento e melhores salários para os professores; e a criação de um grupo de mestras voluntárias com o propósito de estabelecer o elo entre escola e família.

Ainda em 1998, foi defendido no PPGED o trabalho da professora Tereza Cristina Cerqueira da Graça, intitulado “Pés-de-anjo e Letreiros de Neon: ginasianos na Aracaju dos anos dourados”. Essa dissertação inaugurou o estudo da cultura escolar em Sergipe, embasada na nova história cultural. A pesquisadora promoveu um debate sobre a urbanização e a escolarização no Brasil e em Sergipe na década de 1950. Em relação à metodologia, Graça (1998) utilizou-se da história oral por meio de depoimentos dos ginasianos de seis colégios

em Aracaju, analisando a escola no seu interior (práticas e culturas escolares) e no seu entorno.

Através do repertório de lembranças dos seus ex-alunos, aquele cotidiano é reconstruído, sendo possível “visualizar” vários de seus elementos, como as fardas, as punições, as notas obtidas com muito esforço, as reprovações, tópicos e passagem de algumas aulas, trejeitos e manias de professores e colegas, métodos didáticos, procedimentos de avaliação, artimanhas para burlar certas regras disciplinares, atitudes de colegas, a vigilância intermitente dos bedéis [...] (GRAÇA; 2002, p. 51).

No ano de 2000, a dissertação da professora Ester Fraga Villas-Boas Carvalho do Nascimento, atrelada também aos conceitos da nova história cultural, discutiu o surgimento da educação protestante em Sergipe, na cidade de Laranjeiras, por meio da criação do Colégio Americano; destaca-se também pelo recuo no marco temporal, estudando aspectos da História da Educação em Sergipe no século XIX.

A partir de 2003 tornou-se perceptível o aumento de trabalhos produzidos pelo PPGED, diversas temáticas e autores que contribuíram para a expansão. Convém destacar: os trabalhos defendidos por ex-bolsistas de iniciação científica do Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação: intelectuais e práticas escolares; a contribuição do Programa Nacional de Cooperação Acadêmica PROCAD/CAPES/UFS/PUC-SP, no doutoramento de ex-alunos de mestrado e professores da UFS, no campo da História da Educação, sendo que alguns professores passaram a pertencer ao PPGED<sup>10</sup>. Outra modificação encontrada nos trabalhos produzidos nesse período foi o deslocamento do aporte teórico-metodológico da interpretação marxista para os estudos no campo da história cultural, com o alargamento na utilização das fontes e inovações de pesquisas atreladas aos saberes das culturas escolares.

Tais estudos têm permitido, segundo os analistas, não apenas adentrar à “caixa preta” da sala de aula, mas também desnaturalizar a instituição escolar, historicizando a própria institucionalização da educação escolar e discutindo de forma articulada os tempos, espaços, sujeitos, materiais e conhecimentos envolvidos naquilo que alguns têm chamado de processo de escolarização da sociedade (VIDAL; FÁRIA FILHO, 2005, p. 120).

Em relação ao marco temporal desses trabalhos, percebemos um interesse nos estudos no século XIX que, conseqüentemente, proporcionou uma ampliação dos usos das fontes, “estabelecendo relações entre fontes citadas e as instituições que as encerram, acentuando a

---

<sup>10</sup> De acordo com Nascimento (2010), os docentes da UFS que participaram desse doutoramento e fazem parte do quadro de professores do PPGED são: Eva Maria Siqueira Alves; Itamar Freitas, Luiz Eduardo Menezes Oliveira e Josefa Eliana Souza.

sua intencionalidade, os interesses e os compromissos dos produtores dos documentos” (NASCIMENTO, 2010, p. 123).

No decorrer destes 20 anos do PPGED/UFS verificamos a consolidação do campo da História da Educação em Sergipe através do quantitativo de defesas de dissertações e teses; no aumento de professores no PPGED que fazem parte do campo de três para oito; o reconhecimento nacional e internacional das pesquisas desenvolvidas no PPGED por intermédio das publicações e participação dos seus professores e pesquisadores nos eventos do campo. Da produção do PPGED voltada para a História da Educação, surgem algumas indagações, tais como: quantos trabalhos versam sobre trajetória de vidas e biografias? Quais os principais aportes teóricos destes trabalhos? Quais os principais conceitos elencados e metodologia aplicada?

## 2.2 - ESTUDOS BIOGRÁFICOS E TRAJETÓRIAS DE VIDA NAS PRODUÇÕES DO PPGED/UFS.

O estudo sobre trajetória de vida e, especificamente, da trajetória de vida de professoras no âmbito das pesquisas no mestrado e doutorado do PPGED/UFS ainda é pouco explorado como objeto de pesquisa. Neste sentido, o estudo da trajetória profissional e intelectual da professora Lígia Pina contribui para a ampliação desse campo de conhecimento.

Com relação aos estudos biográficos, verifica-se que a partir da década de 1980, no Brasil, o mercado editorial começou a produzir uma série de estudos versando sobre variados temas e personagens. No entanto, escrever biografia não é algo novo, pois: “A preocupação com a descrição da história de uma vida, no entanto, vem de muitíssimo longe, desde o mundo grego antigo, quando a história como forma de conhecimento, teve o seu início” (BORGES, 2001, p. 03). Contudo, os estudos biográficos eram considerados por muitos pesquisadores como mera cronologia, identificando-os com uma história factual que tinha a finalidade de glorificar determinados vultos.

O modelo dessa forma de fazer história era aquele que consagrava ao profissional a capacidade de enaltecer e engrandecer aquele que seria biografado. Histórias de reis, príncipes, senadores e governantes eram as mais recomendadas, para todo aquele que quisesse dignificar seu personagem, mas também sua pátria e nacionalidade (SCHWARCZ, 2013, p. 53).

Com a propagação de novos conhecimentos da História, nos fins dos anos de 1970, decorrente dos debates realizados no Brasil sobre a contribuição para a escrita da História do movimento dos *Annales* (ocorrido nos anos 30 do século XX, na França) com novos temas, novos objetos e abordagens, percebe-se que:

Há uma expansão do campo da História através da busca de novos temas e novos documentos. A História Social passa a ser redimensionada e os estudos sobre as classes trabalhadoras são ampliados e enriquecidos. Esta nova produção traz à tona estudos de temas como a família, o fazer, a sexualidade, mulheres, feitiçaria, loucura e muitos outros (FONSECA, 1999, p.85-86).

Tendo em vista esses aspectos, os estudos biográficos foram enriquecidos com as diversidades de fontes que passaram a ser utilizadas nesses estudos, ampliando as diversas temáticas nesse campo. Verifica-se a incidência de estudos que versam sobre a prosopografia<sup>11</sup> de um determinado grupo de indivíduos; biografia de personagens ligados ao ofício de professor; trajetória da vida de uma pessoa a partir da realização de uma determinada função; histórias das ideias; dentre outros.

O estudo de trajetória de vidas de professoras nas primeiras décadas do século XX é um objeto de estudo relativamente novo nos grupos de pesquisas da História da Educação. Tais pesquisas concentram suas atenções na história da escolarização, nas culturas escolares, profissionalização e a própria luta feminina no Brasil. Assim, entende-se que:

A escolarização feminina possui historicamente, um sentido mais ampliado do que a mera transmissão de conteúdos, em geral ela significa, principalmente nas primeiras décadas do século XX, um passo a mais na emancipação e na conquista da autonomia, do exercício da cidadania. Não é por acaso que o acesso ao ensino superior no Brasil pelas mulheres foi uma restrição da possibilidade de ampliação de estudos após o ensino secundário (FREITAS, 2009, p. 08).

Nesse sentido, relacionaremos a pesquisa à produção bibliográfica já existente nas áreas da trajetória de vida de professoras. Assim, destacamos a pesquisa realizada por Santos (1999) sobre a trajetória de vida acadêmica e profissional da professora Thetis Nunes e os

---

<sup>11</sup> Segundo Stone (2011), a prosopografia é “a investigação das características comuns de um grupo de atores na história por meio de um estudo coletivo de suas vidas” (STONE, 2011, p. 115). A prosopografia é usada para estudar características comuns entre os indivíduos de um determinado grupo, tais como: formação intelectual, casamentos, origens familiares, posição econômica e social e religião, estabelecendo uma série de conexões entre os indivíduos estudados.

estudos sobre ex-normalistas e a profissionalização do magistério feminino em Sergipe . Para este propósito, destacam-se os estudos realizados por Freitas (2003a e 2003b) sobre as representações de ex-normalistas, analisando a formação e o ingresso no exercício do magistério e sobre as trajetórias da vida acadêmica e profissional de Quintina Diniz de Oliveira Ribeiro, Ítala da Silva Oliveira e Maria Rita Soares de Andrade.

A produção historiográfica no campo da História da Educação em Sergipe é bastante recente, pode-se verificar no levantamento realizado por Nascimento (2003), no qual ele ressalta as contribuições do PPGED por intermédio dos grupos de pesquisas na produção de dissertações e teses, tornando-se o *locus* da história da Educação em Sergipe. Assim, as dissertações e teses defendidas no PPGED/UFS (2003-2014) utilizaram como temática as trajetórias de vidas e biografias, contribuindo para a consolidação desse campo de pesquisa.

### 2.3 - TRAJETÓRIAS DE VIDAS E BIOGRAFIAS, TEMÁTICAS NOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM SERGIPE (PPGED/UFS E PPED/UNIT).

Para a realização deste estudo, pesquisamos nos acervos do PPGED e catalogamos 139 dissertações e 16 teses no campo da História da Educação, defendidas no período de 1996 a 2015<sup>12</sup>. Do total das dissertações catalogadas, 16 possuem a temática trajetória de vida e/ou biografias, abrangendo 10,32 % de toda a produção no âmbito da história cultural no PPGED, no citado período.

**Quadro 05** - Relação das dissertações sobre trajetória de vida e/ou biografias do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe (1996 – 2015)

Ano	Título	Pesquisador (a)	Orientador (a)
1998	Em Busca da Democracia: a trajetória de Nunes Mendonça.	Josefa Eliana Souza	Prof. Dr. Jorge Carvalho do Nascimento
2002	Manoel Bomfim na História da Psicologia Educacional	Sônia Cristina Pimentel de Santana	Prof <sup>a</sup> Dr <sup>a</sup> Marta Vieira Cruz
2004	Brício Cardoso no cenário das humanidades do Atheneu Sergipense (1870-1874)	Christianne de Menezes Gally	Prof. Dr. Jorge Carvalho do Nascimento
	Saberes, virtudes e sofrimentos: formação,		Prof. Dr. Jorge

<sup>12</sup> Os dados foram catalogados pelo Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas/ SIGAA da UFS. [https://www.sigaa.ufs.br/sigaa/public/programa/defesas.jsf?lc=pt\\_BR&id=136](https://www.sigaa.ufs.br/sigaa/public/programa/defesas.jsf?lc=pt_BR&id=136). Acesso 10/10/2015.



2005	atuação e ensinamentos de Dom Quirino de Souza (1813 – 1863)	Dionísio de Almeida Neto	Carvalho do Nascimento
2006	O Celibato Pedagógico Feminino em Sergipe nas Três Primeiras Décadas do Século XX: uma análise a partir da trajetória de Leonor Telles de Menezes	Nivalda Menezes Santos	Prof. <sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> . Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas
	Civilizar, Regenerar e Higienizar. A difusão dos ideais da Pedagogia Moderna por Helvécio de Andrade (1911-1935)	Cristina de Almeida Valença	Prof. Dr. Miguel André Berger
	A Trajetória de Alfredo Montes (1848-1906): representações da configuração do trabalho docente no ensino secundário em Sergipe	Simone Silveira Amorim	Prof. <sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> . Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas
2008	Da Medicina ao Magistério: Aspectos da trajetória de João Cardoso Nascimento Júnior	Jussara Maria Viana Silveira	Prof. Dr. Jorge Carvalho do Nascimento
	República, Política e Direito: representações do trabalho docente e a trajetória de Carvalho Neto (1918-1921).	Maria do Socorro Lima	Prof. <sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> . Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas
2009	Contribuições de Dom Luciano José Cabral Duarte ao ensino superior sergipano (1950-1968)	Fernanda Maria Vieira de Andrade Lima	Prof. <sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> . Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas
	Leyda Régis: reminiscências de formação intelectual e atuação profissional em Sergipe	Marlaine Lopes de Almeida	Prof. <sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> . Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas
2011	Espaços construídos, posições ocupadas: história docente de José Calasans Brandão da Silva em Sergipe.	Silvânia Santana Costa	Prof. <sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> . Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas
2014	José Aloísio de Campos: trajetória e representações sobre o seu reitorado na Universidade Federal de Sergipe (1976-1980)	Patrícia Francisca Matos Santos	Prof. Dr. Itamar Freitas de Oliveira
	Trajetória de Núbia Nascimento Marques: contribuições para a educação em Sergipe	Elaine Aires Melnikoff	Prof. Dr. Jorge Carvalho do Nascimento
	Felte Bezerra (1933-1958) – um quartel de atividades lútero- científicas	Anna Karla Melo e Silva	Prof. <sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> Josefa Eliana Souza
	Monsenhor Soares e a Educação em Propriá (1949- 1960)	Simone Silvestre Santos	Prof. <sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> . Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas

Fonte: Quadro elaborado pelo autor mediante informações contidas no [www.sigaa.ufs.br/sigaa/public/programa/defesas.jsf?lc=pt\\_BR&id=136](http://www.sigaa.ufs.br/sigaa/public/programa/defesas.jsf?lc=pt_BR&id=136)<sup>13</sup>.

Dos 16 trabalhos apresentados no quadro anterior, somente três são estudos de trajetórias de professoras, demonstrando uma predominância dos estudos do sexo masculino em relação à temática trajetória de vida.

O ponto de partida das análises de dissertações defendidas foi ano de 2003, momento que estabelece com o marco definitivo o aporte teórico-metodológico da Nova História Cultural nas pesquisas do PPGED, na linha 01 – História, Sociedade e Pensamento

<sup>13</sup> Acesso em 10/10/2015.

Educacional. Das 16 produções, procedemos à análise de 14, tendo sido estabelecido o critério cronológico para as análises destas, ou seja, a partir de 2004. Para efeito de análise, destacaremos: os objetivos das dissertações, as concepções teórico-metodológicas dos estudos, marco temporal, principais categorias conceituais presentes e uma síntese das dissertações.

A trajetória da vida de Brício Cardoso foi o objeto de pesquisa de Christianne de Menezes Gally, cuja dissertação foi defendida em 2004. O estudo estabelece como marco temporal o período de 1870 a 1874 em razão da criação do curso de humanidades no Atheneu sergipense e o estabelecimento da cadeira de retórica e poética assumida por Brício Cardoso. Neste estudo, Gally (2004) estabelece como aporte teórico os estudos de civilização de Norbert Elias, entendendo como esse processo ocorreu e consolidou-se na sociedade ocidental, e a rede de sociabilidade de Jean François Sirinelli.

A trajetória de vida de Brício Cardoso é retratada para demonstrar a importância de suas ideias na sociedade sergipana, por meio de uma rede de sociabilidade que o referendava e/ou legitimava nos campos da retórica e da poética. Outro campo de análise foi a sua produção nos jornais, como veículo de difusão de suas ideias, elaborando uma apostila de gramática para os seus discípulos e/ou leitores. Tal fato o legitimou a participar do concurso para a cadeira de retórica no Atheneu, o que possibilitou em definitivo a efetivação do curso de humanidades. Em relação às fontes utilizadas, a pesquisadora analisou os escritos deixados por Brício Cardoso, as atas da Congregação do Atheneu e documentos oficiais.

A segunda dissertação que analisamos foi a de Dionísio de Almeida Neto, intitulada “Saberes, virtudes e sofrimentos: formação, atuação e ensinamentos de Dom Domingos Quirino de Souza (1813 a 1863)”. A pesquisa objetivou o estudo biográfico do estanciano Dom Quirino, ressaltando sua formação, suas práticas religiosas e pedagógicas. No tocante ao embasamento teórico, Almeida Neto (2005) utiliza-se das seguintes categorias de análises: biografias de Jacques Le Goff e Carlo Ginzburg na perspectiva de entender as relações estabelecidas pelo seu biografado; configuração de Norbert Elias e representação de Roger Chartier, o que “de fato permite vincular estreitamente as posições e as relações sociais com a maneira como os indivíduos e os grupos se percebem e percebem os demais” (CHARTIER, 2009, p. 49).

O estudo relata como Dom Quirino, oriundo de uma camada pobre, consegue ajuda para os seus estudos no seminário em Salvador e sua posterior ordenação. Ao retornar para sua terra natal, passou a exercer a função de professor. O Padre lecionou a cadeira de Latim, onde ganhou notoriedade, inclusive pelo Imperador D. Pedro II, na sua visita a Estância em

1860. Dedicou-se também às atividades clericais na Igreja do Amparo, em Estância. Em seguida foi nomeado Bispo de Goiás, onde exerceu o episcopado por um curto período em que objetivou a moralização do clero em razão do processo de romanização, em decorrência do concílio do Vaticano I.

Dom Quirino recebe a nomeação para o bispado, e neste período foi envolvido com uma série de questões familiares e financeiras, solicitando do próprio imperador uma contribuição financeira para conseguir chegar à cidade de Goiás. O estudo biográfico tem o marco temporal de 1813 a 1863, quando da morte de Dom Quirino e as dificuldades da família em retornar à cidade de Estância. Almeida Neto (2005) utilizou-se de fontes primárias pesquisadas nos arquivos das arquidioceses de Salvador e Goiânia, jornais e mensagens oficiais.

No ano de 2006 tivemos três dissertações com a temática de trajetória de vida, sendo o primeiro estudo biográfico feminino do PPGED. Nivalda Menezes Santos defendeu a dissertação intitulada “O celibato pedagógico feminino em Sergipe nas três primeiras décadas do século XX: uma análise a partir da trajetória de Leonor Telles de Menezes”. Por meio do estudo da trajetória de vida de Leonor Telles de Menezes, Santos (2006) contribui para o estudo sobre a profissionalização feminina no Estado por intermédio do Curso Normal da Escola Normal.

Nesse sentido, ao constatar o crescimento da profissionalização feminina, no início do século XX, as aspirações sociais e econômicas das normalistas recém-formadas deparavam-se com o pensamento do então presidente do Estado, Rodrigues Dórea, e do diretor da Instrução pública, Helvécio de Andrade, os quais defendiam o celibato do magistério, ou seja, que o casamento na vida das professoras contribuía para a má qualidade na educação uma vez que elas não teriam tempo suficiente para dedicarem ao magistério e ao lar.

Outro aspecto ressaltado nessa dissertação foi a visão salvacionista depositada na educação pelos dirigentes citados anteriormente, pois acreditavam que o ambiente escolar era propício para debater, “o influxo das ideias liberais e científicas, generalizou-se uma confiança irrestrita ao poder transformador da educação escolar, que pelo preparo intelectual e moral da população brasileira alavancaria o país rumo ao progresso”(OLIVEIRA, 2012, p. 253).

Nesse contexto que Santos (2006) analisa a trajetória de sua biografada e estabelece como suporte teórico as concepções de Roger Chartier sobre representação e apropriação, as de Pierre Bourdieu sobre campo e capital social, as de Norbert Elias sobre História e Sociologia, assim como a de Carla Simone Chamon sobre trajetória, compreendendo as

relações de interdependência da biografada e sua afirmação como intelectual no campo do magistério.

A dissertação estuda o processo da profissionalização de Leonor Telles, suas primeiras aulas no interior do Estado, sua transferência para a capital, suas ações na direção do Grupo Escolar Manoel Luiz, o desenvolvimento de suas ações pedagógicas na Escola Normal e a criação do colégio de sua propriedade, o Francina de Menezes. Outros aspectos da trajetória de vida de Leonor Telles foram ressaltados na dissertação, tais como: da sua participação política no Partido Social Progressista (PSP) na década de 1930, a questão da materialização ou não do celibato pedagógico na sua vida, uma vez que não se casou, e a organização do seu arquivo pessoal, que possibilitou o cruzamento com outras fontes estudadas por Nivalda Menezes Santos.

Cristina de Almeida Valença defendeu a sua dissertação “Civilizar, Regenerar e Higienizar. A difusão dos ideais da Pedagogia Moderna por Helvécio de Andrade”, em 2006, com o propósito de estudar as ideias de modernização do ensino em Sergipe, por meio da trajetória de vida de Helvécio Andrade. A pesquisa está alicerçada nos conceitos de Roger Chartier, apropriação e representação; Pierre Bourdieu por meio das categorias campo e capital, e as ideias de Norbert Elias vinculadas à civilização. Em relação à metodologia aplicada, a pesquisadora empreendeu a abordagem biográfica, “pois permitiu reconstruir a trajetória desse intelectual, analisando a sua formação, o percurso profissional e atuação dentro do contexto sociocultural sergipano” (VALENÇA, 2006, p. 32).

Helvécio Andrade nasceu em Capela, Engenho Chapada, onde iniciou os primeiros estudos. Transferiu-se para Estância a fim de dar continuidade aos estudos. Com ajuda do seu tio foi para Salvador onde cursou a faculdade de medicina. Após a formatura, voltou a sua terra natal, estabeleceu-se em Propriá, em 1887. Em seguida transferiu-se para Santos-SP onde trabalhou no combate às epidemias, aplicando os seus conhecimentos de médico higienista. Nessa estada em Santos, obteve conhecimentos sobre a realidade educacional de São Paulo, que considerava a vitrine da pedagogia moderna do regime republicano com o estabelecimento dos Grupos Escolares.

Ao retornar para Sergipe, em 1900, Helvécio desenvolveu suas atividades médicas nas cidades de Maruim e Aracaju. Em razão da sua rede de sociabilidade e a defesa dos seus ideais educacionais nos jornais, Helvécio foi convidado para a direção geral da instrução pública de Sergipe em três momentos: 1914 a 1918; 1926 a 1927 e 1930 a 1935. Ao desempenhar essa função, favoreceu o debate acerca do Higienismo, regeneração da sociedade, aplicando os seus conhecimentos médicos na educação. Helvécio de Andrade

defendia o método intuitivo, aplicação da cientificidade na pedagogia, melhor formação de professores, inclusive defendendo o não casamento das professoras que exerciam o magistério. Os seus artigos nos jornais contribuíam para a sua formação no campo da educação e a solidificação do seu capital intelectual.

A última dissertação do ano de 2006 que analisamos foi defendida por Simone Silveira Amorim, intitulada “A Trajetória de Alfredo Montes (1848-1906): representações da configuração do trabalho docente no ensino secundário em Sergipe”. O seu marco temporal é o período de 1848 a 1906, datas que representam o nascimento e morte do biografado. A dissertação tem por objetivo o estudo da configuração do trabalho docente em Sergipe no período de 1877 a 1906 que representa a trajetória de Alfredo Montes como professor de língua inglesa no Atheneu.

Na questão metodológica, a pesquisadora utilizou-se da abordagem biográfica, pesquisando em fontes como livros de atas, regulamentos, jornais, textos, inventários, memórias de ex-alunos, dentre outros. Utiliza-se como aporte teórico dos conceitos: memória de Michael Pollak; configurações de Norbert Elias; representação de Roger Chartier e *habitus*, poder simbólico e capital cultural de Pierre Bourdieu.

Alfredo Montes nasceu em 1º de janeiro de 1848, no sítio da Florença, em Nossa Senhora do Socorro. Mudou-se para São Cristóvão onde iniciou seus estudos, que foram concluídos em Aracaju, no recém-criado Atheneu Sergipense. Após a conclusão do ensino secundário tornou-se funcionário público. Em 1877 participou do concurso para a cadeira de Inglês, ocorrendo uma polêmica com o seu adversário, Hormindo Mello. Alfredo Montes foi aprovado no concurso e desempenhou suas atividades pedagógicas até 1906. Além de professor, também criou o Ginásio Sergipense.

No ano de 2008 duas dissertações sobre a temática trajetória de vida foram aprovadas no PPGED. A primeira foi resultado da pesquisa de Maria do Socorro Lima, intitulada “República, política e direito: representações do trabalho docente de Carvalho Neto (1918 – 1921)”. Esse trabalho tem a finalidade de estudar as representações do trabalho docente de Antônio Manoel de Carvalho Neto. A dissertação está ancorada na abordagem biográfica e tem o aporte teórico fundamentado nos conceitos de: representação de Roger Chartier; campo, capital social e simbólico de Pierre Bourdieu.

Carvalho Neto foi reconhecido nacionalmente como jurista e político. Foi revelado nesta dissertação sua representação de professor no período de 1918 a 1921, período este marcado pelo exercício da direção da Escola Normal. Carvalho Neto nasceu em 14 de fevereiro de 1889, no atual município de Simão Dias, e faleceu em 1954, na cidade de

Aracaju. Iniciou os seus estudos na cidade natal e curso secundário em Aracaju. Fez o curso superior em Direito no Rio de Janeiro (1912), retornando a Sergipe onde iniciou a sua carreira política como deputado estadual de 1912 a 1913. Comungando com as ideias de modernização do ensino, defendendo uma educação que possibilitasse ao indivíduo galgar os patamares da “civilidade,” e acreditando no potencial transformador da educação, o governo de Pereira Lobo convida-o para a direção da Instrução Pública e da Escola Normal.

De acordo com Lima (2008), em 1921 apresentou no congresso nacional o projeto de lei que obrigava o Estado a criar escolas e classes para a educação das pessoas *anormaes*, permitindo a visibilidade da educação das pessoas que hoje chamamos de pessoas com deficiência. Entre os anos de 1941 a 1945 lecionou a disciplina de direito administrativo na Escola de Comércio Conselheiro Orlando foi o primeiro diretor da Faculdade de Direito de Sergipe em 1951.

A segunda defesa no ano de 2008 foi de Jussara Maria Viana Silveira, com o título “Da medicina ao magistério: Aspectos da trajetória de João Cardoso Nascimento Júnior”. O marco temporal apresentado foi o período de 1948 a 1983, período em que exerce a função de professor. No entanto optou-se por realizar a abordagem biográfica de forma linear, do seu nascimento a sua morte.

No tocante à abordagem biográfica, Silveira (2008) caracteriza-a como um trabalho que possibilita o diálogo e/ou confronto do seu biografado com as diversas fontes. No campo teórico, a dissertação está embasada nas categorias de: apropriação e representação de Roger Chartier; campo e capital de Pierre Bourdieu, e memória de Jacques Le Goff. Por trajetória de vida, Silveira (2008) compreende as múltiplas participações do sujeito nos seus variados espaços que ocupa.

João Cardoso Nascimento Júnior nasceu na cidade de Piquete – SP, em 1º de junho de 1918, mas seu pai era da cidade de Boquim-SE. Iniciou os seus estudos em Piquete, em seguida na cidade de Lorena e a partir de 1932, já residindo em Sergipe, concluiu o secundário no Colégio Atheneu, em 1935. Fez o curso de medicina na faculdade da Bahia, em 1945. Casou-se nesse mesmo ano e iniciou uma série de cursos na cidade do Rio de Janeiro. Retornou a Aracaju em 1947, estabelecendo-se como médico, permitindo tecer a teia das relações sociais, demonstrando o seu capital cultural.

Em 1948 iniciou os seus trabalhos no Serviço de Higiene Infantil da Legião Brasileira de Assistência e na Escola Normal na cadeira de puericultura e educação sanitária. Nas décadas de 50 e 60 do século XX exerceu o magistério nas Faculdades de Serviço Social e Medicina. No momento da criação da Universidade Federal de Sergipe, em 1968, foi eleito

reitor, atuando neste cargo de 1968 a 1971, atravessando momentos difíceis na implantação da Universidade em Sergipe, principalmente em razão do golpe civil militar de 1964 e seus desdobramentos, que insistiam em cercear o saber universitário.

A atuação de João Cardoso Nascimento Júnior foi ímpar em não permitir a cassação de estudantes, solicitada pelo regime militar. Após o período da reitoria, foi convidado a exercer o cargo de secretário estadual da Educação, de 1972 a 1975. Após esse período continuou a ministrar as suas aulas no curso de medicina da UFS e exerceu seu trabalho assistencial na casa Maternal Amélia Leite. Outro destaque apontado por Silveira (2008) foi a existência de arquivo pessoal organizado pelo biografado, o que possibilitou o trabalho com a confrontação das fontes.

No ano de 2009 duas dissertações foram defendidas com a temática de trajetórias de vida. A primeira foi fruto da pesquisa de Marlaine Lopes Almeida com a dissertação: “Leyda Régis: reminiscências de formação intelectual e atuação profissional em Sergipe.” O estudo teve o propósito de retratar a trajetória de formação docente e atuação profissional de Leyda Régis, possibilitando um rico debate acerca da profissionalização da mulher sergipana na primeira metade do século XX. Almeida (2009) utiliza-se das categorias de análise de: Jean François Sirinelli, conceito de elites culturais; Michel de Certeau, conceito de tática; Roger Chartier, sob o prisma das representações; Norbert Elias, por meio dos conceitos de configurações e rede de interdependências, como também a categoria de cultura escolar de Dominique Júliá. Em relação ao aporte teórico-metodológico, a pesquisa está vinculada à abordagem biográfica, estabelecendo relações entre os depoimentos e as demais fontes pesquisadas.

Leyda Régis fez o seu curso primário no grupo escolar General Siqueira de Menezes, em Aracaju, no período de 1917 a 1920. O curso normal ela concluiu na Escola Normal. Almeida (2009) analisa as práticas escolares das normalistas nesse período. Entre os anos de 1921 a 1925, Leyda Régis concluiu o curso técnico em contabilidade na Escola de Comércio Conselheiro Orlando.

Dessa maneira, desde o magistério, a pesquisa relata as várias instituições escolares e assistenciais de que a biografada participou, a exemplo do Club Sportivo Feminino, Associação Sergipana de Imprensa, Clube de Esperanto, Liga contra o Analfabetismo, Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGS), dentre outros. No exercício do magistério, foi professora da Escola Normal, Grupo Escolar General Siqueira, Colégio Nossa Senhora da Glória e, principalmente, da Escola de Aprendizes e Artífices de Sergipe, criada em 1911. Na escola de Artífices lecionou a disciplina de português no período de 1930 a

1964, participando de diversas atividades. Como intelectual, foi enfatizada nos seus discursos, depoimentos, artigos em jornais e a criação da Revista da Escola de Artífices.

A segunda dissertação do ano de 2009 foi defendida por Fernanda Maria Vieira de Andrade Lima, com o título “Contribuições de Dom Luciano Cabral Duarte ao ensino superior sergipano (1950 – 1968)”. A pesquisa abrange o marco temporal de 1950 a 1968, que representa o período da criação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe (FCFS) à fundação da Universidade Federal de Sergipe.

Essa dissertação está embasada nos conceitos de capital social e cultural, de Pierre Bourdieu, e de representações, de Roger Chartier. Lima (2009) recupera a trajetória de vida de Dom Luciano Cabral Duarte, que nasceu em 21 de janeiro de 1925, fez o curso primário no Seminário Menor Sagrado Coração de Jesus, continuou a sua formação eclesiástica no Seminário de Olinda/PE e São Leopoldo/RS, onde se ordenou padre em 1948. Retornando a Aracaju, exerceu a direção do Jornal católico “A Cruzada”. De 1954 a 1957 realizou o curso de doutorado em Paris, na Universidade de Sorbonne. Em 1958 assumiu a direção da FCFS, criando, em 1959, o Ginásio de Aplicação, com o propósito de servir de campo de estágio para as licenciaturas da Faculdade. Participou dos conselhos estadual (1963) e federal da educação (1968). Consagrado bispo em 1966 e arcebispo metropolitano em 1971.

Lima (2009) focaliza a sua pesquisa na trajetória intelectual e profissional de Dom Luciano Cabral Duarte no seu ideário da FCFS e da UFS. Nesse sentido, realiza um retrospecto histórico da criação dos cursos superiores no Brasil e principalmente nas instituições superiores criadas pela Igreja católica na década de 1930, em consonância com o projeto político religioso da Igreja em recuperar o seu espaço de prestígio. Além desta postura política, a criação das faculdades permitiria a continuidade do controle no campo educacional pela Igreja. Em Sergipe, a Faculdade Católica só foi criada em 1951. Outro aspecto que Lima (2009) ressaltou na pesquisa foi a luta empreendida por Dom Luciano Cabral Duarte na criação da Universidade Federal de Sergipe, suas estratégias de congregar as faculdades isoladas num só projeto, sua rede de sociabilidade e os entraves que ocorreram nesse processo.

No ano de 2011 ocorreu a defesa da dissertação de Silvânia Santana Costa, intitulada “Espaços construídos, posições ocupadas: história docente de José Calasans Brandão da Silva em Sergipe.” cujo objetivo foi estudar a ação docente desse biografado nas instituições escolares sergipanas e sua atuação no IHGS. O marco temporal foi o período de 1938 a 1947 tempo em que exerceu atividades docentes em Sergipe. O método aplicado foi o histórico biográfico, e as categorias mobilizadas foram: representações de Roger Chartier; rede se



sociabilidade de Jean François Sirinelli e trajetória, *habitus* e capital social, de Pierre Bourdieu.

Costa (2011) organizou o estudo sobre o seu biografado através da trajetória familiar e formação acadêmica, realizando um estudo da árvore genealógica de José Calasans, relatando as escolas onde realizou os seus estudos (Colégio Nossa Senhora da Conceição e Atheneu D. Pedro II) e o curso superior em Direito na Faculdade de Direito da Bahia (1933 – 1938). Em seguida, analisa as duas principais obras elaboradas por José Calasans Brandão da Silva no período em que exerceu a docência em Sergipe. Foram elas: “O ensino público em Aracaju (1830 – 1871)” e “Aracaju: Contribuições à História da Capital de Sergipe”. Em relação à primeira obra, Costa (2011) esclarece que foi iniciada por volta de 1942 e só foi publicada em 1949, quando já morava em Salvador. Já a segunda foi fruto da sua tese do concurso para a cadeira de História do Brasil na Escola Normal, em 1942, no qual Calasans foi aprovado.

Em detrimento das suas práticas docentes, José Calasans Brandão da Silva lecionou as disciplinas de Literatura e História do Brasil nos colégios: Nossa Senhora de Lourdes, Tobias Barreto, Atheneu e na Escola Normal. Em Salvador lecionou em vários estabelecimentos particulares, a exemplo do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora e Padre Antônio Vieira. No ensino superior foi professor efetivo da Universidade Federal da Bahia (UFBA), chegando a exercer o cargo de vice-reitor. Sua atuação como técnico do IHGS também é ressaltada na dissertação, relatando as suas realizações no período. José Calasans Brandão da Silva nasceu em 14 de julho de 1915 e faleceu no dia 28 de maio de 2001.

Nos anos de 2012 e 2013 não tivemos produção de dissertação com a temática de trajetória de vida. No período de janeiro a agosto de 2014 foram defendidas quatro dissertações da citada temática. A primeira dissertação, de Patrícia Francisca Matos Santos, com o título “José Aloísio de Campos: trajetória e representações sobre o seu reitorado na Universidade Federal de Sergipe (1976 – 1980),” objetivou o estudo da trajetória intelectual e profissional do prof. José Aloísio de Campos no período de 1976 a 1980. Estabelece como categorias conceituais: intelectuais de Jean François Sirinelli; trajetória, de Pierre Bourdieu; e representações de Roger Chartier.

Santos (2014) estabelece como metodologia de pesquisa as fontes orais e documentais para traçar a trajetória do seu objeto de pesquisa no período da administração de José Aloísio de Campos como reitor na Universidade Federal de Sergipe. Este nasceu no município de Frei Paulo, em 1925, estudou na Escola Técnica de Comércio de Sergipe e fez o bacharelado em Ciências Econômicas na Bahia. Exerceu vários cargos administrativos nas esferas municipal,

estadual e federal, a exemplo do Conselho de Desenvolvimento Econômico de Sergipe; foi prefeito de Aracaju no período de 1968 a 1970 e reitor da UFS no período de 1976 a 1980.

Simone Silvestre Santos defendeu, no início de 2014, a sua dissertação: “Monsenhor Soares e a educação em Propriá (1949 – 1960)”. A pesquisa teve o objetivo de estudar a trajetória de vida e as práticas educacionais do monsenhor José Curvelo Soares, no período correspondente de 1949 a 1960, na cidade de Propriá.

Outro aspecto de análise é o estudo da cultura escolar no Colégio Diocesano. A dissertação está amparada na abordagem biográfica e estabelece como categorias de análise os conceitos de civilização, de Norbert Elias; capital social, capital cultural e sistema educacional, de Pierre Bourdieu; estratégia de Michel de Certeau; intelectual, de Jean Francois Sirinelli, e documento, de Jacques Le Goff. Monsenhor Soares nasceu em Aracaju em 17 de março de 1911, frequentou o Seminário Sagrado Coração de Jesus, de 1924 a 1933, e após a sua ordenação sacerdotal atuou nas paróquias de São José e Nossa Senhora de Lourdes na capital. Em 1949 foi transferido para a cidade de Propriá.

Santos (2014), ao estudar a trajetória do monsenhor Soares no período de 1949 a 1960, ressalta suas realizações e/ou contribuições no campo educacional na cidade supracitada. Nesse sentido, destaca a criação do Colégio Diocesano em 1951, atendendo ao desejo da população, pois os jovens do sexo masculino só poderiam continuar os seus estudos fora da cidade, problema que as jovens não enfrentavam, em razão do Colégio Nossa Senhora das Graças que atendia ao público feminino. Em 1953 participou ativamente na criação da Escola Técnica de Comércio.

Diante disso, outras realizações do monsenhor Soares são destacadas, tais como: reforma da Igreja Matriz e participação no jornal “A Defesa”. Em relação aos conflitos de que ele participou, a dissertação discutiu as críticas que eram feitas no jornal Correio de Propriá sobre a participação política do monsenhor Soares. No tocante a cultura escolar do Colégio Diocesano, Santos (2014) descreve os regulamentos disciplinares, a composição do quadro de professores, as festas e os desfiles cívicos. Em 1960 foi criada a diocese de Propriá, contribuindo para o retorno do Monsenhor Soares à diocese de Aracaju, passando pelas paróquias de Aquidabã, Campo do Brito, Nossa Senhora de Lourdes, e em 1967, paróquia de Itabaiana, onde se destacou com as suas ações no campo pedagógico.

A segunda dissertação de 2014 com essa temática foi a de Anna Karla Melo e Silva: “Felte Bezerra (1933 – 1958) – um quartel de atividades lítero-científicas”. A pesquisa teve o propósito de estudar a trajetória do intelectual Felte Bezerra e suas contribuições para o ensino superior em Sergipe. O marco temporal é de 1933 a 1958, de acordo com a

demarcação temporal estabelecido por Felte Bezerra na sua autobiografia que faz referência a sua função docente em Sergipe. No tocante ao aporte teórico-metodológico foi realizada uma pesquisa de abordagem biográfica com o confronto de várias fontes e a utilização das seguintes categorias de análise: paradigma indiciário, de Carlo Ginzburg; representação, de Roger Chartier, e os conceitos de *habitus* e ilusão biográfica, de Pierre Bourdieu.

Felte Bezerra nasceu em 25 de dezembro de 1908, em Aracaju; filho do renomado professor Abdias Bezerra. Estudou nos colégios Tobias Barreto e Atheneu Sergipense, concluindo o secundário em 1935. Silva (2014) ressalta a importância dos seus professores na formação do seu pensamento, a exemplo de: Alcebíades Paes, Arthur Fortes, Manoel Franco Freire e José Augusto da Rocha Lima. Como a família não possuía capital necessário para que pudesse realizar o curso superior fora do Estado, Felte acumulou dinheiro no período de 1925 a 1929, trabalhando no Banco de Sergipe e numa empresa exportadora de sal. Prestou vestibular para o curso de Odontologia na Faculdade da Bahia onde concluiu o curso superior em 1933. Retornou a Sergipe, mas não conseguiu sucesso na sua profissão de odontólogo, partindo para a docência em 1934. Paralelamente, assumiu a gerência do Banco Rezende, propriedade da família da sua esposa. Em relação às atividades do magistério, lecionou no Colégio de Sergipe, Escola Normal e na Faculdade Católica de Filosofia. Nesta última ministrou as disciplinas etnografia e etnologia.

Silva (2014) destaca a importância da obra “Etnias Sergipanas”, que serviu de passaporte para o estabelecimento do seu campo de estudo na área da antropologia. Essa obra discute o processo de miscigenação do povo sergipano, chegando a afirmar que não existe o preconceito racial. Outro aspecto destacado por Silva (2014) foi a mudança de Felte Bezerra de Sergipe para o Rio de Janeiro, em 1960, motivado por publicações, em 1959, no Jornal “O Nordeste” de artigos que criticavam os seus estudos. A autoria dessas críticas foi atribuída ao prof. Nunes Mendonça. Outro fato que contribuiu para a sua saída do estado de Sergipe foi o envolvimento dos seus cunhados numa tentativa de assassinato a Nunes Mendonça. De 1960 a 1999 viveu no Rio de Janeiro e continuou a produzir os seus estudos no campo da Antropologia.

A última dissertação analisada é de autoria de Elaine Almeida Aires Melnikoff, intitulada “Trajetória de Núbia Marques: contribuições para a educação em Sergipe”. A pesquisa tem a finalidade de estudar a trajetória de vida de Núbia Marques e a sua contribuição para a educação em Sergipe, compreendendo a sua dimensão de mulher, intelectual, professora, escritora e poetisa. O marco temporal estabelecido foi da sua posse na Academia Sergipana de Letras (ASL) ao seu falecimento (1978 a 1999). A dissertação

estabelece as seguintes categorias de análise: Capital cultural, capital social e dominação masculina, de Pierre Bourdieu; intelectual, de Jean François Sirinelli; representações, de Roger Chartier, e biografia de Norbert Elias. Em relação à metodologia, foi aplicada a abordagem biográfica.

Melnikoff (2014) organizou a sua pesquisa em enfocando o panorama da vida de Núbia Marques e suas contribuições para o universo cultural sergipano. Núbia nasceu no dia 21 de dezembro de 1927, estudou no jardim de infância Augusto Maynard, educandário Menino Jesus, Colégio Atheneu e na Escola de Comércio Conselheiro Orlando, onde obteve o diploma de técnica em contabilidade. Em 1947 foi aprovada no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), e de 1948 a 1952 fez o curso de pintura na Escola de Belas Artes no Rio de Janeiro. Fez o curso superior em serviço social na Escola de Serviço Social de Sergipe (1954 – 1957). Iniciou a sua carreira docente em 1966 na Escola Normal, lecionando a disciplina de Português, e de 1969 a 1991 foi professora do Departamento de Serviço Social da Universidade Federal de Sergipe. Núbia Marques participou ativamente de projetos políticos e sociais, a exemplo da comissão feminina de Sergipe em prol da anistia, em 1978.

Defensora e estudiosa da cultura popular sergipana, Núbia Marques escreveu livros de poesias, crônicas e romances. Foi a primeira mulher eleita para a Academia Sergipana de Letras em 1978, seguindo a tendência nacional que elegeu Rachel de Queiroz, em 1977, para a Academia Brasileira de Letras. Núbia Marques faleceu em 27 de agosto de 1999, recebendo homenagens de diversos setores da sociedade, dentre as quais: Patrona da Academia Literária da Vida, criada em 1992, fruto da idealização da professora Maria Lígia Madureira Pina; Casa Abrigo Núbia Marques criada pela Prefeitura Municipal de Aracaju, em 2002; Troféu Núbia Marques – 2004; que premia os artistas do Estado; Escola Municipal Núbia Marques, da Secretaria Municipal de Educação de Aracaju (2006); homenagem aos seus 10 anos de falecimento (coletânea de poemas) e a medalha do mérito cultural expedida pela Universidade Federal de Sergipe, em 1998.

No tocante as teses defendidas no PPGED/UFS, no período de 2008 a 2015 encontramos três pesquisas com a temática trajetória de vida, duas das quais foram defendidas em 2014 e a terceira em 2015, como demonstra o quadro a seguir:

**Quadro 06** – Teses sobre trajetórias de educadoras defendidas no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe (2008-2015)

ANO	TÍTULO	PESQUISADOR (A)	ORIENTADOR (A)
2014	Escrever-te-ei... Tu também me escreverás? A escrita epistolar católica como prática docente: um olhar sobre Chiara Lubich e suas estratégias de Formação.	Maria José Dantas	Prof. <sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> . Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas
2014	Uma leitura de história de vida de mulheres docentes da Universidade Federal de Sergipe e da Universidade do Porto	Suzana Mary de Andrade Nunes	Prof. <sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> Maria Helena Santana Cruz
2015	Caminhos Cruzados: itinerários de professores do ensino superior sergipano (1915-1954)	João Paulo Gama Oliveira	Prof. <sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> Eva Maria Siqueira Alves

Fonte: Quadro elaborado pelo autor mediante informações contidas em [www.sigaa.ufs.br/sigaa/public/programa/defesas.jsf?lc=pt\\_BR&id=136](http://www.sigaa.ufs.br/sigaa/public/programa/defesas.jsf?lc=pt_BR&id=136)<sup>14</sup>.

A pesquisa desenvolvida por Maria José Dantas tem como objeto de estudo os escritos epistolares de Chiara Lubich, fundadora do movimento católico Focolares, utilizando o envio e trocas de cartas como recurso pedagógico. O marco temporal do estudo tem dois momentos: o primeiro abrange os anos de 1943 a 1949, e o segundo de 1981 a 1984. Utilizam-se como categorias de análise os conceitos de apropriação, representação e materialidade, de Roger Chartier. *Habitus*, carisma, campo religioso, relações simbólicas e capital cultural, de Pierre Bourdieu; estratégia e tática, de Michel de Certeau. A pesquisa evidencia a trajetória de vida de Chiara, desde o seu nascimento, em 22 de janeiro de 1920, na cidade de Trento (Itália), a sua vida escolar e formação no magistério, as experiências pedagógicas e a formação do movimento Focolares que atinge a mais de 180 países na atualidade. A pesquisa demonstra como o uso das cartas entre os focolarinos, estimulado por Chiara Lubich, contribuiu para o estabelecimento de uma educação voltada para a transmissão dos valores católicos.

A tese de Suzana Mary sob o título “Uma leitura de história de vida de mulheres docentes da Universidade Federal de Sergipe” destaca o trabalho docente na Universidade Federal de Sergipe e na Universidade do Porto, trazendo uma produção que analisa as relações de gênero e seus conflitos dentro das Instituições de Ensino Superior.

A autora destaca as relações de gênero dentro do contexto da Universidade Federal de Sergipe e da Universidade do Porto. As fontes para a composição da pesquisa, revisão da literatura, estatísticas da educação superior foram obtidas no INEP, CAPES, CNPQ, CPD/UFS e entrevistas. Suzana Mary analisa os perfis das docentes, mostrando o cotidiano

<sup>14</sup> Acesso 10/10/2015

da Instituição Superior, como os projetos, as carreiras, conquistas, a maternidade e as desigualdades entre os homens.

A tese defendida por João Paulo Gama Oliveira estabelece um estudo acerca de cinco professores da Faculdade Católica de Sergipe, no período de 1915 a 1954. Alicerçado nas concepções de intelectual e rede de sociabilidade de Jean François Sirinelli, o estudo analisa as trajetórias de José Bonifácio Fortes Neto, Felte Bezerra, José Silvério Leite Fontes, Manuel Cabral Machado e Maria Thetis Nunes. Segundo Oliveira (2015), esses intelectuais foram pioneiros no ensino superior sergipano e participavam de uma rede que era formada pelos laços familiares, condições sociais e participação de instituições culturais e de ensino que os faziam reconhecidos como grupo de intelectuais pelos seus pares e pela sociedade.

Apesar desse estudo objetivar a produção acadêmica do PPGED/UFS, vale ressaltar as dissertações defendidas no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Tiradentes (PPED/UNIT). Segundo Souza:

No ano de 2010, a UNIT inseriu em suas atividades acadêmicas o curso de Mestrado em Educação. Embora o seu Programa de Pós-Graduação em Educação (PPED) seja considerado “novo” quando comparado ao da UFS, ele já corrobora uma produção significativa para com as pesquisas educacionais sergipanas, em especial aquelas destinadas à História da Educação (SOUZA, 2015, p. 77).

Em relação ao quantitativo de dissertações defendidas no PPED<sup>15</sup>, de 2010 a 2016 contabilizamos um total de 87 trabalhos. Desse universo, 31 pesquisas pertencem ao campo da História da Educação, e do quantitativo referente à História da Educação, 13 dissertações estão relacionadas com a temática de trajetória de vidas, como demonstra este quadro:

**Quadro 07** - Relação das dissertações sobre trajetória de Vida e/ou biografias do Programa de Pós-Graduação da Universidade Tiradentes (2010 – 2016)

Ano	Título	Pesquisador (a)	Orientador(a)
2012	O missionário e intelectual da educação Robert Reid Kalley	Priscila Silva Mazêo de Alcântara	Prof. Dr. <sup>a</sup> Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento
2012	Genaro Dantas Silva: o ponto de inflexão no ensino da Matemática em Sergipe	José Gilvan da Luz	Prof. Dr. Miguel André Berger
2012	Antonio Garcia Filho (1941-1999), um intelectual engajado	Patrícia de Sousa Nunes Silva	Prof. <sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> Raylane Andreza Dias Navarro Barreto
2012	“Uma vez escoteiro, sempre escoteiro”: marcas da educação escoteira em	Ricardo Rocha Rabelo	Prof. <sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> Raylane Andreza Dias Navarro

<sup>15</sup> Para esse estudo utilizamos as informações contidas na dissertação de Souza (2015) e no site do citado Programa. [www.unit.br](http://www.unit.br).

	Sergipe		Barreto
2012	Os Amados intelectuais de Sergipe e suas contribuições para a educação brasileira (1950-1970)	Alice Ângela Thomaz	Prof. <sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> Raylane Andreza Dias Navarro Barreto
2013	O Instituto de Educação “Rui Barbosa” nas décadas de 1970 e 1980: representações das práticas escolares	Lúcia Violeta Prata de Oliveira Barros	Prof. Dr. Miguel André Berger
2013	O padre José Carvalho de Sousa e o Colégio Arquidiocesano Sagrado Coração de Jesus: uma história indissociável da educação	Cristiane de Souza Santana Lima	Prof. <sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> Raylane Andreza Dias Navarro Barreto
2013	A “História de Sergipe” de Acrísio Tôres Araújo: as representações vinculadas em uma obra singular	Augusto Almeida de Oliveira Filho	Prof. Dr. Miguel André Berger
2014	Memórias de educadoras sergipanas: práticas escolares e cultura escolar no município de Umbaúba/Se (1955 – 1989)	Joaquim Francisco Soares Guimarães	Prof. <sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> Raylane Andreza Dias Navarro Barreto
2014	Félix D’Ávila e o campo da educação física em Sergipe (1958-1979)	André Augusto Andrade	Prof. <sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> Raylane Andreza Dias Navarro Barreto
2014	Educação no sertão: memórias e experiências das professoras no alto sertão sergipano (1950-1970)	Cacia Valeria de Rezende	Prof. <sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> Raylane Andreza Dias Navarro Barreto
2015	A memória revelando práticas educativas: representações da configuração docente na cidade de Aracaju – década de 1980	Anderson Teixeira de Souza	Prof. <sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> Raylane Andreza Dias Navarro Barreto
2015	Viver, aprender e ensinar: dialogando com professores de história sergipanos sobre formação inicial e experiência vivida	Bruno Oliveira Santos	Prof. Dr. Cristiano de Jesus Ferronato

Fonte: Quadro elaborado pelo autor mediante informações contidas no site [www.unit.br](http://www.unit.br).<sup>16</sup>

Dos 13 trabalhos citados anteriormente, localizamos quatro pesquisas relacionadas à trajetória de vida de professoras. A primeira foi realizada por Lúcia Violeta Prata de Oliveira Barros, com o título “O Instituto de Educação “Rui Barbosa” nas décadas de 1970 e 1980: representações das práticas escolares”. A pesquisa tem por objetivo o estudo das representações e práticas escolares das professoras formadoras do Instituto de Educação Rui Barbosa (IERB), nas décadas de 1970 e 1980. Por meio de relatos orais e aporte documental o estudo ressalta o processo de assimilação da lei 592/71 na estrutura curricular do curso normal.

A segunda dissertação intitulada “Memórias de educadoras sergipanas: práticas escolares e cultura escolar no município de Umbaúba/Se (1955 – 1989)”, de Joaquim Francisco Soares Guimarães, é uma pesquisa que estuda as práticas pedagógicas no município

<sup>16</sup> Acesso em 14/05/2016.

de Umbaúba, no período de 1955 a 1989, por intermédio da trajetória de vida intelectual e profissional de sete professoras que vivenciaram o período citado.

A terceira pesquisa, cujo título é “Educação no sertão: memórias e experiências das professoras no alto sertão sergipano (1950-1970)”, de Cacia Valeria de Rezende, realiza um estudo de trajetória de vida de 21 professoras no território do alto sertão sergipano (Canindé de São Francisco, Gararu, Monte Alegre, Nossa Senhora da Glória, Nossa Senhora de Lourdes, Poço Redondo e Porto da Folha), no período de 1950 a 1970. Por meio desse estudo, a pesquisa desvendou o processo de ruralização da educação no alto sertão sergipano e os percursos intelectuais desse grupo de docentes.

A quarta dissertação tem o título “A memória revelando práticas educativas: representações da configuração docente na cidade de Aracaju – década de 1980”, de Anderson Teixeira de Souza. Mediante o estudo da trajetória de vida de cinco professoras, na cidade de Aracaju, na década de 1980, a dissertação analisa as práticas escolares nas cinco primeiras séries desenvolvidas por esse grupo de professoras.

Por intermédio dessa análise foi possível encontrar alguns pontos convergentes e divergentes. Das 16 dissertações catalogadas do PPGED/UFS, somente três estudam trajetórias de vidas de professoras e 13 de professores. Das 13 dissertações catalogadas no PPED/UNIT, quatro estudam trajetória de grupos de professoras no Estado de Sergipe. Levando em consideração o quantitativo de pesquisas em História da Educação nos dois Programas de Pós-Graduação, percebemos uma lacuna a ser preenchida no tocante às diversas personalidades femininas no Estado de Sergipe que estão na zona do “esquecimento”.

Encontramos em todas as dissertações analisadas um vínculo com as concepções da nova história cultural e história cultural inglesa, permitindo a ampliação e utilização de fontes variadas, a exemplo da história oral e o confronto entre as fontes. É notória a defesa da abordagem biográfica atrelada à concepção de que a trajetória da pessoa pesquisada representa as variadas posições que ela ocupa no transcorrer da sua vida, bem como a interdependência do indivíduo e a sociedade.

Em relação às categorias de análise, percebemos a generalização e/ou reforço de categorias inerentes às concepções teóricas e metodológicas do campo da nova história cultural. Nesse sentido, foram recorrentes as seguintes categorias e seus respectivos teóricos: Capital social, capital cultural e *habitus*, de Pierre Bourdieu; configurações, civilização e biografia, de Norbert Elias; representações, de Roger Chartier; experiência de Thompson; documento, de Jacques Le Goff; paradigma indiciário, de Carlo Ginzburg e os conceitos de intelectuais e sociabilidade, de Jean François Sirinelli.



Os estudos de trajetórias de vida presentes nessas dissertações compartilham da concepção de que as abordagens biográficas são estudos focais, limitados, e não têm a pretensão de resolver todas as questões que envolvem o biografado, contribuindo para que tenhamos novos estudos e novas abordagens neste campo do conhecimento vinculado à nova história cultural. Convém salientar que tais abordagens também não têm a pretensão de vincular a trajetória de vida com um processo racional, linear ou até teleológico.

Nesse sentido, encontramos em algumas dissertações elementos que podemos relacionar com a nossa pesquisa, ou seja, os conceitos de campo, intelectuais, rede de sociabilidade e trajetórias. Aproximamos-nos das dissertações de Santos (2006); Almeida (2009) e Melnikoff (2014), as quais têm como propósito as trajetórias de vidas de professoras. Nas duas primeiras encontramos referências no tocante à formação de normalista, à profissionalização, ao exercício do magistério e à produção literária. Na terceira percebemos uma identificação na trajetória da formação superior e atuação na Academia Sergipana de Letras. Nos outros trabalhos analisados verificamos um distanciamento dos nossos propósitos na pesquisa em detrimento da questão de gênero, pois estão relacionadas com trajetórias de pessoas do gênero masculino.

No decorrer desse processo, confirmamos a consolidação do campo da História da Educação em Sergipe através do quantitativo de dissertações e teses no PPGED/UFS vinculadas ao campo da história cultural e, especificamente, com temática da trajetória de vida. No entanto, é importante ressaltar o crescimento da produção acadêmica do campo nas dissertações defendidas no PPED/UNIT, contribuindo para o reconhecimento e fortalecimento do campo da História da Educação em Sergipe.

### 3. A TRAJETÓRIA DA PROFESSORA MARIA LÍGIA MADUREIRA PINA

#### 3.1 - RECORTES DE VIDA

Maria Lígia Madureira Pina<sup>17</sup> nasceu em Aracaju, no dia 30 de setembro de 1925; foi a terceira filha do casal Affonso Pina e Alexandrina Madureira Pina. Estes, provenientes da cidade de Santo Amaro das Brotas, localizada na região do Vale do Cotinguiba, migraram para a capital, Aracaju, em busca de melhores condições de vida. Dona Alexandrina passou a trabalhar na fábrica de tecidos Confiança, e o Sr. Affonso Pina em uma fábrica de calçados, tornando-se, em seguida, funcionário público da Alfândega de Aracaju.

Essa migração das pessoas do interior para a capital sergipana no início do século XX esteve associada às condições materiais e urbanísticas que Aracaju passou a usufruir, a exemplo das escolas e colégios referências no Estado; rede de serviços; ampliação dos meios de transportes, energia elétrica, as nascentes indústrias implantadas, crescimento das atividades comerciais, dentre outras. Neste sentido, corroboramos com Dantas:

No conjunto, nos quarenta anos da primeira República, o Estado sofreu sensíveis transformações. A urbanização cresceu. Sobretudo em Aracaju as mudanças foram grandes. O número de habitantes, que era de 16.336 (1890), ampliou-se para 50.564 (1930). A cidade inóspita do fim do século passado passou a ser atrativa. Os pântanos foram substituídos por bonitas praças. As condições sanitárias evoluíram. Na terceira década a capital foi se impondo como opção de morada (DANTAS, 2004, p. 55).

A primeira fase da infância de Lígia Pina transcorreu normalmente, como a de todas as crianças da sua época, porém com uma grande preocupação dos seus pais em relação a sua “fragilidade física”. Entretanto, esse zelo e preocupação demonstravam o receio de perdê-la, devido às mortes prematuras dos outros dois irmãos. Com cinco anos de idade, em 1930, nasceu o desejo de frequentar a escola do bairro industrial, onde residia.

Em virtude de problemas de saúde de D. Alexandrina, a família mudou-se para a Av. Pedro Calazans, vizinho ao Grupo Escolar Manoel Luiz. Foi uma mudança de endereço e também modificação do ambiente escolar. Com 11 anos de idade o seu pai, funcionário público, fez a sua matrícula no Colégio Nossa Senhora de Lourdes, fundado em 1903 e administrado pelas Irmãs da Congregação Sacramentina. Segundo Costa:

---

<sup>17</sup> No decorrer do texto iremos utilizar a abreviação do nome de Maria Lígia Madureira Pina pelo nome Lígia Pina, como era popularmente conhecida.

O Programa do Colégio Nossa Senhora de Lourdes moldava-se nos princípios tradicionais da Congregação Religiosa: fé, carisma e educação, com base nos quais se pensava formar as moças da elite e destiná-las para a Igreja, para a sociedade e para a família (COSTA, 2003, p. 36).

Lígia Pina estudou no Colégio Nossa Senhora de Lourdes sob o regime de externato, que era considerado um estabelecimento de ensino de elite, principalmente por receber as filhas do patronato rural sergipano no sistema de internato. Neste caso Lígia Pina não pertencia à camada abastada da sociedade e sim à camada média em formação. Desta forma podemos problematizar a questão, indagando: O público do colégio era somente de elite? O sistema do externato era mais acessível às camadas médias em formação?

No transcorrer dos anos da sua infância, Lígia Pina percebeu também as transformações no espaço urbano de Aracaju. Neste sentido, indagamos: como era a cidade de Aracaju? Quais as suas principais ruas? Festas? Costumes? Segundo Ribeiro (1998), em Aracaju, no período de 1900 a 1940 ocorreu um significativo aumento populacional em decorrência do fluxo migratório, pois a cidade se transformou num "grande centro intermediário e de serviços", acompanhado pelo crescimento do comércio, principalmente nas Ruas de João Pessoa (antiga Rua Japarutuba), Rua Laranjeiras e Av. Rio Branco (antiga Rua da Aurora). O Estado, por sua vez, acompanhou esse crescimento e realizou uma série de obras públicas, a saber:

No curso das três primeiras décadas do século XX, a cidade se caracterizou por acelerado ritmo de crescimento, que se refletia sobre a sua fisionomia. Construíram-se diversas escolas (Colégio Estadual Atheneu Sergipense, a Escola Normal Rui Barbosa), edifícios públicos (Palácio do Governo, Hospital de Cirurgia, Penitenciária Modelo), inaugurou-se a primeira casa de espetáculos, o Teatro Carlos Gomes (atual cine Rio Branco), o Instituto Parreiras Horta, o Instituto de Química, fundou-se o Banco Estadual de Sergipe (RIBEIRO, 1998, p. 46).

No entanto, apesar dessas transformações urbanísticas verificadas em Aracaju, as regiões mais afastadas eram caracterizadas pela existência de vários sítios, como nos diz a prof.<sup>a</sup> Lígia Pina em seu relato:

Aracaju na minha infância e adolescência era uma cidade pequena, mas era uma cidade aconchegante onde você encontrava, praticamente, tudo que você precisasse no comércio de Aracaju, apesar de ser um comércio pequeno. A Cidade, o centro da cidade, a Av. Des. Maynard mais ou menos a Av. Rio Branco, Av. Barão de Maruim era o choque das casas mais

bonitas, mas também havia casas pequenas. Aqui quando eu vim morar na Av. Pedro Calazans, vizinho ao grupo Manoel Luiz, até a esquina da Praça da Bandeira eram residências, casas juntas umas das outras. [...] Mas naquela época as lojas chiques eram na Rua João Pessoa: a joalheria Gonçalves que era de junto ao cinema Palace, vizinho era a loja de móveis mais chiques, a Chapermann, depois tinha a Casa Aurora que vendia de tudo o que você imaginasse, a pessoa chegava e se quisesse comprar de tudo achava eram: roupas prontas, tecidos, perfumes, cosméticos, sapatos, bolsas, roupa de cama, roupa de mesa, roupa de banho, o que você imaginasse a Casa Aurora tinha do bom e do melhor. Mas depois vinham outras lojas, a casa Yankee na esquina a de João Hora no Edf. Mayara (Lígia Pina, 2014)<sup>18</sup>.

Outros aspectos recordados pela professora Lígia Pina, no que se refere aos costumes de Aracaju na sua adolescência, foi o cinema. Era um grande entretenimento frequentar os diversos cinemas de Aracaju, em especial, o Cinema Guarany, templo da sétima arte, de propriedade do Sr. Augusto Luz, situado na Rua Estância com a Avenida Pedro Calazans

**Figura 02** - Anúncio de filme – Cinema Guarany



Fonte: Sergipe Jornal (1940).

O contato com os filmes produzidos em Hollywood, como verificamos nesse anúncio, aproximava Aracaju dos demais centros urbanos. Além do cinema, a prof<sup>a</sup> Lígia Pina rememora as festas do ciclo junino com as suas fogueiras, brincadeiras e comidas; festejos religiosos como a festa de Bom Jesus dos Navegantes, no dia 1º de janeiro; a festa da descida de Bom Jesus dos Navegantes da colina do Santo Antônio para a Catedral (no mês de

<sup>18</sup> De acordo com o estudo realizado por Andrade e Filho (2012), as ruas de Laranjeiras e João Pessoa se tornaram os principais pontos comerciais da capital. Nesse estudo os autores ressaltam a evolução urbanística e comercial do centro aracajuano. A casa Yankee se localizava na Rua João Pessoas onde hoje funciona o Norcon Shopping Center. A loja de João Hora era denominada de “A Moda”, também localizada na Rua João Pessoa, esquina com a Rua Laranjeiras, no térreo do edifício Mayara.

dezembro); a festa de São Benedito (6 de janeiro) e a festa de Nossa Senhora da Conceição, realizada no dia 8 de dezembro.

Aos 13 anos de idade, Lígia Pina ingressou na Escola Normal, e em 1947, ela concluiu o curso Normal, mas não assumiu de imediato o magistério. Primeiramente, fez alguns cursos, como Puericultura, patrocinado pela Secretaria de Saúde do Estado, e o de Treinamento de Serviço Social. A puericultura “é definida como o conjunto de técnicas empregadas para assegurar o perfeito desenvolvimento físico e mental da criança, desde o período de gestação até a idade de 04 ou 05 anos, e, por extensão, da gestação à puberdade” (BONILHA; RIVORÊDO, 2005, p.07). Estava associada às práticas do higienismo e representava, no período, uma preocupação com a saúde da mãe e da criança recém-nascida. No tocante ao Estado de Sergipe, Silveira (2008), ao estudar a trajetória do professor e médico João Cardoso Nascimento Junior, que coordenou o programa de Puericultura, ressalta:

Pois através dela (puericultura) o Estado, com o auxílio de médicos e pedagogos, ajudou a moldar a família burguesa e, principalmente, disciplinar a família pobre, ditando normas e regras de comportamento acerca de alimentação, vestuário, exercícios físicos das crianças e até da sexualidade dos pais. A ênfase no aleitamento materno pela mãe biológica passa pela definição do espaço feminino de atuação. Assim, os médicos, ao ditarem as normas e a moral higiênica, serviam à ideologia do Estado e normalizavam também a família, além de objetivarem a diminuição da mortalidade infantil (SILVEIRA; 2008, p. 99).

De acordo com essa citação, e com o propósito de interligar a educação e a saúde, em 1940 foi criado o Departamento Nacional da Criança, que difundiu em todo o Brasil os cursos da puericultura. No caso de Lígia Pina, a realização desse curso contribuiu, posteriormente, para a inclusão desse conteúdo na sua docência no curso normal, ampliando o seu capital cultural. Após esses cursos foi trabalhar no comércio na condição de secretária da firma Cabral Machado e Companhia<sup>19</sup>, onde permaneceu por três anos.

A atividade do magistério foi surgindo aos poucos, no início dos anos 50 do século XX, como a própria prof<sup>a</sup> Lígia Pina nos relata:

Então eu fui ensinar na banca com os meninos de Doutor Gonçalo Prado e de Dona Isaura Garcez Prado. Era ali na Barão de Maruim, no palacete que tem ali, gente muito rica, o dono da Usina Pedras. Aí eu fui, eram três crianças e depois entrou um menor, quatro, eram de séries diferentes, Maria Isabel estava no terceiro ano, Gonçalinho no segundo e Maria Auxiliadora no primeiro e eu acompanhei eles até o final do curso primário, depois entrou Juninho também. Eu passava a tarde lá, era a tarde inteira porque eles

---

<sup>19</sup> Empresa do ramo de navegação e cabotagem, localizada na Rua da Aurora (Rua da Frent) autorizada a funcionar pelo Decreto nº 26.065, de 22 de Dezembro de 1948.

moravam no interior, no engenho e os meninos ficavam aqui com as empregadas, eu passava a tarde inteira lá, de 13h30 da tarde até as 17h30 (Lígia Pina, 2011)

Por intermédio dessas aulas particulares ministradas aos filhos de pessoas da camada rica aracajuana é que o exercício do magistério teve o seu início como atividade profissional para a prof.<sup>a</sup> Lígia Pina. Por meio desse capital social, ou seja, de uma rede de amizades, foi indicada para lecionar em colégios particulares. Em 1954 prestou vestibular para Geografia e História na Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe (FCFS),<sup>20</sup> curso que favoreceu a complementação da sua formação pedagógica.

Em relação à sua formação acadêmica e pedagógica na FCFS no período de 1955 a 1958, Lígia Pina destacou em suas memórias as contribuições dos seguintes professores Gonçalo Rollemberg; Felte Bezerra; José Silvério Leite Fontes; D. Luciano Cabral Duarte; Severino Uchoa; Josefina Leite; Cabral Machado,<sup>21</sup> dentre outros. Concluiu o curso em 1958,

---

<sup>20</sup> A Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe (FCFS) foi criada em 1950 e administrada pela Sociedade Sergipana de Cultura. Funcionou até o ano de 1967, em razão da sua incorporação à recém-criada Universidade Federal de Sergipe. A FCFS funcionou com os cursos de: Geografia e História; Matemática, Filosofia. Letras Neo-Latinas e Letras Anglo-Germânicas. Ver Oliveira (2013).

<sup>21</sup> Em relação aos professores (as) mencionados (as) por Lígia Pina, encontramos as seguintes informações:

**Gonçalo Rollemberg Leite** - Nasceu em 14 de fevereiro de 1906, na cidade de Riachuelo-SE. Formou-se em ciências jurídicas em Minas Gerais no ano de 1927. Atuou na carreira jurídica como promotor e procurador geral do Estado. No magistério, foi professor do Colégio Atheneu e das Faculdades sergipanas de Ciências Econômicas, Direito, Serviço Social e na FCFS. Faleceu em 17 de julho de 1977. Consultar Oliveira (2014) e Barreto (2002).

**Felte Bezerra** - Nasceu em 25/12/1908, na cidade de Aracaju-SE, filho de Abdias Bezerra e Esmeralda Araújo Bezerra. Estudou no colégio Tobias Barreto, concluiu o curso de Odontologia na Faculdade Baiana de Medicina em 1933. Ao retornar a Sergipe montou o seu gabinete odontológico, mas foi no magistério que trilhou a sua trajetória profissional. Professor catedrático do Atheneu (1938), participou da criação da FCFS, onde foi professor da cadeira de Antropologia, estabelecendo os cânones do ensino e pesquisa na antropologia sergipana; foi professor da Faculdade de Medicina. Foi membro do IHGS e da ASL, onde ocupou a cadeira de nº 12. Nos anos de 1960 mudou-se para o Rio de Janeiro, falecendo em 06/01/1990. Mais informações em Oliveira (2015) e Silva (2014).

**José Silvério Leite Fontes** - Nasceu em 06/04/1925, na cidade de Aracaju-SE, filho de José Silveira da Silva Fontes e Iracema Leite Fontes. Estudou nos Colégios: Tobias Barreto, Atheneu e Ginásio da Bahia (Salvador). Graduou-se em Ciências jurídicas e sociais pela Faculdade de Direito da Bahia em 1946. Exerceu o magistério no colégio Atheneu e na Escola de Comércio Conselheiro Orlando; professor das faculdades de Direito e Filosofia; procurador da Universidade Federal de Sergipe; participou ativamente dos movimentos leigos católicos; membro do IHGS e da ASL onde ocupou a cadeira de nº 05. Faleceu em 06/12/2005. Ler Oliveira (2015).

**Dom Luciano Cabral Duarte** - Nasceu em 21/01/1925, na cidade de Aracaju-SE, filho de José de Góes Andrade e Célia Cabral. Estudou na Escola de Aprendizes e Artífices de Sergipe, no Seminário menor em Aracaju. Em 1942 iniciou os seus estudos no Seminário Provincial de Olinda-PE e em 1945 transferiu-se para o Seminário Central de São Leopoldo-RS. Ordenou-se padre em 1948, foi professor no seminário Menor, editor do Jornal A cruzada. Participou da criação da FCFS, foi professor e diretor dessa instituição. Em 1957 recebeu o título de doutor pela Universidade Sorbonne. Foi ordenado Bispo em 02/10/1966 e tomou posse como arcebispo metropolitano em 13/03/1971. Foi importante idealizador da criação da Universidade Federal de Sergipe (1967) e membro da ASL e do Conselho Federal de Educação. Consultar Moraes (2008); Oliveira (2013); Lima (2009).

**Severino Pessoa Uchoa** - nasceu em 16/04/1909, na cidade de Camutanga-PE, filho de Manuel Uchoa Filho e Feliciano Pessoa Uchoa. Graduou-se em Direito pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, em 1940. Mudou-se para Aracaju, foi professor e diretor da Escola Normal e da FCFS, membro do IHGS e da ASL, ocupou a cadeira de nº 10. Faleceu em 15 de julho de 1983. Ver Oliveira (2013) e [www.severinouchoa.blogspot.com.br](http://www.severinouchoa.blogspot.com.br).

e a solenidade de colação de grau só ocorreu em 1959 devido à ausência de D. Luciano, por motivos de viagem. De acordo com Lígia Pina, foi uma solenidade muito simples realizada na sede da Faculdade.

No decorrer do curso superior foi convidada por Severino Uchoa, na época professor da FCFS e diretor da Escola Normal, para lecionar algumas disciplinas nesta. A professora Pina exerceu o magistério em diversos estabelecimentos de ensino de Aracaju, públicos e privados. Entre eles: Colégio Nossa Senhora de Lourdes (1958 a 1971); Colégio Simeão Sobral (1960 a 1962); Colégio Dom José Thomas (1963 a 1965); Colégio Arquidiocesano Sagrado Coração de Jesus (1968 a 1970); Colégio Atheneu Sergipense (1958 a 1983). Por último, ingressou no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe, no ano de 1967, onde exerceu o magistério até o ano a 1991.

Após a sua aposentadoria, a Prof.<sup>a</sup> Lígia Pina criou, juntamente com algumas professoras, a Academia Literária de Vida, em dezembro de 1992, composta exclusivamente de mulheres. Em 1997 foi eleita para cadeira de nº 27 da Academia Sergipana de Letras, tomando posse no dia 13 de maio de 1998.

No decorrer do período de 1998 a 2014 a prof.<sup>a</sup> Lígia Pina participou ativamente das atividades das Academias: Sergipana de Letras e Literária de Vida. Publicou livros e escreveu artigos para a Revista da Academia Sergipana de Letras, dinamizando, assim, a sua vida intelectual por meio da literatura.

---

**Josefina Leite** - Nasceu em 06/08/1928, na cidade de Riachuelo-Se, oriunda de uma família de prestígios políticos, econômicos, sociais e intelectuais (Irmã de Gonçalves Rollemberg Leite). Estudou nos colégios: Nossa Senhora de Lourdes, Nossa Senhora das Mercês (Salvador). Na Escola técnica de comércio Feminino da Bahia, iniciou o curso de contabilidade e concluiu na Escola de Comércio Conselheiro Orlando em Aracaju (1946). Ingressou na FCFS, em 1951, no curso de Geografia e História, a partir de 1955 iniciou a sua carreira de magistério na FCFS. Faleceu em 18/03/1969. Consultar Santos (2006).

**Manuel Cabral Machado** - Nasceu em 30/10/1916, na cidade de Rosário do Catete-SE, filho de Odilon Ferreira Machado e Maria Evangelista Mota Cabral. Estudou nos colégios: São José (Capela-SE), Salesiano, Atheneu e no Ginásio da Bahia (Salvador). Concluiu o curso de Ciências jurídicas e sociais pela Faculdade de Direito da Bahia no ano de 1942. Retornou a Aracaju exercendo o magistério no Colégio Nossa Senhora de Lourdes e nas Faculdades de Direito e Filosofia. Membro do IHGS e da ASL, onde ocupou a cadeira de nº 25. Faleceu em 13/01/2009. Ver Oliveira (2015).

### 3.2 – FORMAÇÃO INTELECTUAL

A concepção de intelectual que fundamenta esta pesquisa, já mencionada na introdução, está em consonância com a concepção de Bourdieu associada às classes dominantes, ou seja, dos possuidores do capital econômico. “Nesse sentido, os intelectuais são representados nesse quadro analítico como produtores de capital simbólico, expressando os interesses das classes dominantes e aqueles próprios dos cultos que lutam pelo monopólio da produção do capital simbólico” (VIEIRA, 2008, p. 79). Outrossim, analisar a trajetória intelectual é estabelecer relações com o campo a que pertence, as suas disputas, os seus embates e hierarquias, bem como o estabelecimento do capital cultural e como esses conhecimentos favorecem e/ou legitimam o poder das classes dominantes.

No caso da prof.<sup>a</sup> Lígia Pina, é perceptível a divulgação de valores culturais, por intermédio da sua prática pedagógica e da produção de bens culturais pelos quais foi reconhecida e legitimada pelos seus pares, a exemplo da sua participação na Academia Sergipana de Letras.

Iniciaremos o estudo da aquisição do capital cultural por intermédio das instituições escolares frequentadas por Lígia Pina. Após o seu processo de alfabetização no colégio Frei Santa Cecília, no Bairro Santo Antonio, seu pai a matriculou na condição de aluna externa no "Colégio Nossa Senhora de Lourdes, fundado em Aracaju, pelas Religiosas Irmãs Sacramentinas, que aqui se instalam a partir de 1904. Funcionando também no regime de internato, atraía jovens das mais diversas regiões interioranas do Estado, sendo extinto em 1973” (BERGER, 2004, p. 148). O colégio feminino compreendia as modalidades de internato, semiexternato e externato. No tocante à modalidade de internato, Conceição conceitua como:

Um modelo escolar, com práticas educativas próprias, caracterizado pelo isolamento do mundo (controle das saídas, do tempo de férias, entrada de jornais, correspondência, controle de livros e revistas e da intervenção de pessoas estranhas) e pela formação integral através da utilização de uma determinada organização e controle do tempo e do espaço (CONCEIÇÃO, 2012, p. 14).

Em razão desses propósitos de controle e formação social, o Colégio Nossa Senhora de Lourdes era procurado pelas principais famílias do interior sergipano; por isso era considerado de elite, e uma instituição à qual as filhas dos senhores de engenhos e/ou senhores de gados do interior eram confiadas para a educação. Seu objetivo era formar,



com base numa educação disciplinar, as “verdadeiras” esposas, mães e donas de casa. A esse respeito Lígia Pina nos informa:

O Colégio N<sup>a</sup>. S<sup>a</sup>. de Lourdes era de elite, internato e externato. No internato as filhas dos senhores de engenhos, fazendeiros que moravam no interior e internavam as meninas e as externas, geralmente de classe média pra cima, era muito raro uma menina pobre estudar no N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> de Lourdes, porque não podia pagar (Lígia Pina, 2004).

Como já analisamos anteriormente, a biografada não pertencia a uma camada social abastada, e sim de uma camada média aracajuana em formação. Nesse sentido, embora predominasse uma clientela ligada às classes ricas, o Colégio Nossa Senhora de Lourdes também recebia alunas oriundas dos estratos médios da população aracajuana, especialmente na condição de externas. No caso de Lígia Pina podemos perceber que a matrícula realizada pelo seu pai nesse estabelecimento de ensino fazia parte de sua estratégia de aquisição do capital cultural, pois, além de adquirir os conhecimentos inerentes às disciplinas escolares, contribuiu também para a apropriação de valores, os costumes, as boas práticas e a maneira de ser da elite sergipana.

O Colégio Nossa Senhora de Lourdes funcionou até 1973. A prof.<sup>a</sup> Lígia Pina, recordando esse período escolar no Colégio Nossa Senhora de Lourdes, afirma:

Entrei lá no Nossa Senhora de Lourdes no 3<sup>o</sup> ano primário com a irmã Dolores, que era uma freira paulista da cidade de Araraquara e era uma professora extraordinária. Ela nos ensinou de tudo, inclusive o Francês. As primeiras noções de Francês com a irmã Dolores, como ela nos ensinava a recitar as poesias em Português e em Francês, desenvolvi ali também o gosto pela História e a Geografia. A Irmã Maria Dolores era muito nacionalista (paulista, não é), ela fazia teatro das lições da História, Independência, Inconfidência Mineira, ela nos transmitia muita noção de patriotismo e nacionalidade. Com esse 3<sup>o</sup> ano com ela passei muito bem e depois fui [...] Não tinha a mesma didática da Irmã Maria Dolores. Muito exigente, era diferente: cada pessoa é uma pessoa, é um jeito, mas fiz o 4<sup>o</sup> ano com boas notas (Lígia Pina, 2004).

De acordo com esse relato o Colégio Nossa Senhora de Lourdes despertou na aluna Lígia Pina, que frequentava o colégio na modalidade externato, o contato com a literatura, poesias e teatro e o exercício da criação de textos.

**Figura 03** – Prédio do Colégio Nossa Senhora de Lourdes



Fonte BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Sinopse Estatística do Município de Aracaju*. Rio de Janeiro: IBGE, 1951.

Ao adentrar na primeira série do curso ginásial, Lígia Pina solicitou ao pai a sua saída do colégio para o ingresso na Escola Normal, alegando não concordar com o sistema rígido do Colégio Nossa Senhora de Lourdes que contribuía, segundo ela, para inibir o seu pensamento.

Eu tinha muita facilidade de escrever, desde criança, só que aconteceu uma coisa [...] Eu diria [...] Muito espantosa! A minha professora de Português (a Irmã) ela não aceitava essa minha facilidade de escrever, ela achava aquilo ruim, entende como é, fazer poesia pra uma menina não é uma coisa boa, era uma menina precoce. Ler muitos romances era ruim. Eu não era entendida. Eentão ela dizia que não era eu que escrevia, era plágio, que outra pessoa fez, e aquilo foi me matando intelectualmente, perdi o gosto e perdi o ano (Lígia Pina, 2004).

Nesse sentido, percebemos uma modificação em relação à metodologia de ensino da Irmã. Na série anterior houve um estímulo à leitura e escrita e nesse período a visão pedagógica em relação à educação feminina pautava na concepção de que a leitura em excesso e a escrita poderiam desvirtuar o papel da mulher na sociedade, por isso é que a professora concebia que “ler muito romance era ruim”. Proibia ou controlava o que devia ser lido pelas alunas.

De acordo com Nunes (2008), o Curso Normal em Sergipe foi instituído com a finalidade de formar professoras primárias. Foi fundado em 1870 através do Regulamento Orgânico da Instrução Pública da Província de Sergipe, com a criação do Atheneu Sergipense

composto de dois cursos: o de Humanidades e o de Escola Normal. No entanto, o curso Normal masculino instituído em 1870 não teve êxito, de acordo com Nunes (2008), porque não havia estímulo para a atividade de magistério em virtude dos baixos salários e a falta de valorização do professor. Em 1877, o presidente da Província, João Pereira Pinho, criou outra Escola Normal, desta vez feminina, que iniciou suas atividades no Asilo Nossa Senhora da Pureza.

A criação de uma Escola Normal Feminina em Sergipe, refletia o pensamento da época em que: “[...] a mulher era mais indicada para professora primária. A mulher, só a mulher é que pode ser a expressão da escola verdadeira, que tem por altar a verdade e por amor o sentimento” (NUNES, 2008, p.120). A Escola Normal foi fechada em 1879 e reaberta em 1881, com o presidente da província, Inglês de Souza. Em 1911 foi inaugurada a sede na Praça Olímpio Campos e na década de 1950, foi transferida para o atual prédio na Rua Laranjeiras.

**Figura 04.** Prédio da Escola Normal Rui Barbosa



Fonte: Almeida (2009, p.63)

Com base no estudo realizado por Freitas (2003), sobre as representações de ex-normalistas de 1920 a 1950, os motivos que levavam as moças a ingressar e concluir o curso normal estavam associados a processos de ascensão social, à pressão da família e à oportunidade por parte da mulher de obter uma independência financeira. No caso de Lígia Pina, a busca de uma independência financeira era algo bem presente e incentivado pelo seu pai, pois:

Ele exigia que eu estudasse e dizia sempre assim: você estuda pra se formar

ter o seu emprego, porque o melhor marido do mundo é o emprego; ser independente, não pode precisar de ninguém e quando eu morrer como é que vai ser? Vai ficar na dependência dos outros? Não, você tem que estudar. Ele era um homem muito esclarecido para a sua época. E então ele dizia tem que estudar e, se formar, ter o seu emprego (Lígia Pina, 2004).

Nesse sentido, a melhoria das condições sociais estava atrelada à profissionalização da mulher, uma concepção que o pai de Lígia Pina tinha e que destoava do pensamento das famílias da época, pois estas concebiam que a educação feminina tinha por objetivo a formação de uma boa esposa e mãe. Esse pensamento paterno foi reforçado pela decisão de não permitir que a filha exercesse de imediato o magistério. “Eu me formei na Escola Normal em 1947. Eu fiquei fazendo cursos, meu pai não queria que eu fosse pro interior, claro, filha única e tudo isso, e para começar, tinha que ir ao interior pra depois conseguir transferência” (Lígia Pina, 2011).

De acordo com o estudo realizado por Freitas (2003a) existia uma normatização em relação ao ingresso das normalistas no mercado de trabalho. Ou seja, para lecionar na capital elas teriam que exercer o magistério num povoado, vila e sede de algum município sergipano. Em muitos casos as normalistas de menores condições financeiras não tinham um apadrinhamento político que lhes possibilitasse sua transferência para a capital. Nesse sentido, entendemos a proibição do seu pai em não permitir que ela exercesse de imediato sua profissão.

No entanto, foi no ambiente escolar da Escola Normal, em contato com os professores, especialmente de português e literatura, que Lígia Pina favoreceu o desenvolvimento das suas atividades literárias, por meio das suas produções de crônicas e poemas. De acordo com prof.<sup>a</sup> Lígia Pina, a Escola Normal tinha uma vivência democrática. Na escola estavam reunidas as maiores “cabeças pensantes do Estado”. As aulas de Júlia Teles incentivaram a escrita dos seus poemas e contos. Segundo Lígia Pina, o perfil socioeconômico das alunas da Escola Normal, diferentemente do Colégio Nossa Senhora de Lourdes, era formado por:

Todas as classes sociais e na maior parte as meninas de poder aquisitivo inferior, meninas que naquela época moravam no que era o 18 do forte (50 anos atrás), bairro América e eu tive muitas colegas que moravam no Siqueira Campos, Bairro América, Industrial, Bugio (era chamado de salinas naquela época), a praia 13 de julho eram casebres de pescadores [...]. Todas as camadas; havia meninas ricas, como por exemplo, a família Prata de Lagarto, família de poder aquisitivo, [...]. A Escola era no prédio da Praça Olímpio Campos. É um crime o que fizeram com o prédio do centro que deveria ser um centro de estudos. Outra coisa, as alunas eram de todas as raças. A Escola Normal era uma escola democrática, era aberta a todas as jovens que quisessem estudar na minha época. Anteriormente não era tanto

assim, porque só as filhas de quem tinha recursos iam pra escola, gente pobre mal fazia o primário, quando fazia, mas na minha época não era assim eu tive grandes amigas e colegas negras [...]. A Escola Normal era o celeiro da democracia, o celeiro da intelectualidade feminina, grandes professoras. Havia seleção, chamava-se exame de admissão, no meu caso não, porque eu fui transferida, já tinha feito o exame no N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> de Lourdes, fui transferida na 1<sup>a</sup> série, mas eu amo a Escola Normal, depois eu voltei como professora e o interessante é isso eu voltei sempre à casa materna, ensinei cinco anos na Escola Normal (Lígia Pina, 2004).

Diante desse relato percebemos o perfil socioeconômico das alunas da Escola Normal em relação ao corpo discente do colégio Nossa Senhora de Lourdes. De acordo com Lígia Pina, essa diversidade de classes sociais contribuía para que a instituição fosse reconhecida como um espaço democrático, pois atendia a todos. Vale ressaltar que o ingresso ocorria por meio de um exame de admissão. Outro aspecto salientado no relato acima diz respeito à importância que a Escola Normal teve para a prof.<sup>a</sup> Lígia Pina na sua vida profissional, inclusive foi o seu primeiro emprego de professora. Os seus professores eram considerados modelos que dispunham de um reconhecimento profissional e intelectual na sociedade aracajuana. De acordo com a memória da professora Lígia Pina, foram os seus professores na Escola Normal:

**Quadro 08** - Relação dos professores da Escola Normal na década de 1940

<b>Professores (as)</b>	<b>Disciplinas</b>
Acrísio Cruz	História Natural e Psicologia
Amélia Moreira	Trabalhos Manuais
Cacilda Fontes	Pedagogia
Cecília Melo	Literatura e Educação Moral e Cívica
Clóvis Conceição	História Natural
Doutor Aquino	Física e Química
Glorita Portugal	Francês
Jorge Neto	Matemática
José Augusto Rocha Lima	Pedologia
José Calazans	História do Brasil
Joviniano Carvalho Neto	Inglês
Júlia Teles Costa	Português
Láís Brandão	Desenho
Maria Bezerra	Corografia do Brasil
Norma Reis	Francês
Padre Domingos Fonseca	Português
Padre José Soares	História Universal
Yasmin Amália	Trabalhos Manuais

Fonte: Pina (2004).

Da relação de professores desse quadro alguns se tornaram pessoas do seu ciclo de

amizade, a exemplo de Cecinha Melo, Padre Domingos Fonseca, Júlia Teles e Norma Reis, refletindo assim o seu sentimento de carinho pela escola e o estabelecimento de um capital social que a acompanhou no decorrer de sua trajetória de vida. Salientamos também que nesse período ocorreu uma ampliação do seu capital cultural incorporado em razão dos seus conhecimentos adquiridos no curso Normal e do capital cultural institucionalizado em razão da aquisição do diploma que habilitava o exercício do magistério.

Outra instituição que contribuiu para o desenvolvimento intelectual e a ampliação do capital cultural da professora Lígia Pina foi a FCFS, na qual fez o seu curso superior em Geografia e História no período de 1955 a 1958.

O ensino superior em Sergipe teve suas primeiras tentativas no início do século XX, especificamente em 1913, com a criação do Seminário Sagrado Coração de Jesus. A respeito deste estabelecimento, Nunes (2008) diz que o Seminário foi “decorrente da atuação do 1º Bispo de Sergipe, Dom José Tomás Gomes da Silva, que chegara em 1911 com a criação da Diocese no ano anterior, tornando-se o primeiro estabelecimento sergipano de ensino superior” (NUNES, 2008, p. 230).

De acordo com Nunes (2008), a criação do seminário estava associado a dois objetivos centrais: o primeiro preparar e formar novos sacerdotes e o segundo servir de ação de difusão cultural no Estado. Na década de 1920, o Estado de Sergipe, no Governo de Graccho Cardoso, foram criadas as Faculdades de Direito, Farmácia e Odontologia, mas estas não lograram êxito. Nesse sentido, Nunes (2008) demonstra as razões desse insucesso, tomando como exemplo as faculdades de Farmácia e Odontologia:

Tentou o presidente implantar em Sergipe o curso superior da Faculdade de Farmácia e Odontologia “Anibal Freire” e da Faculdade de Direito “Tobias Barreto”. A primeira foi regulamentada pelo decreto de 20/02/1926, destinando-se a ministrar às pessoas de ambos os sexos o ensino integral de Farmácia e Odontologia num curso de quatro anos. Era o Diretor o Dr. Augusto César Leite, contando, inicialmente, com 22 alunos matriculados. A existência foi porém efêmera, limitando-se ao ano de 1926. Não chegando à equiparação, os alunos foram abandonando, e o novo Presidente, Dr. Ciro Franklin de Azevedo, alegando medida de economia, suspendeu o funcionamento “até que as condições financeiras permitissem (NUNES, 2008, p. 262-263.).

A escassez de recursos financeiros, números pequenos de alunos matriculados e a falta de apoio governamental contribuíram para o fim dessas primeiras faculdades em Sergipe. No final da década de 1940 estabeleceu-se definitivamente o curso superior em Sergipe com a criação das faculdades de Economia e Química em 1948; Filosofia e Direito, em 1951; Serviço Social em 1954; e Ciências Médicas em 1961.

A Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe - FCFS foi pensada a partir dos interesses governamentais de criar curso superior para formação de professores e da Igreja Católica na perspectiva de ampliar o seu poder e capital simbólico na sociedade sergipana. De acordo com Lima (2009): “[...] Estado e Igreja se uniram para propiciar condições de se adequar o sistema político vigente e acrescentar, à educação formal, firmes sentimentos religiosos embasados na doutrina social católica” (LIMA, 2009, p.33).

No campo político se destacou o governador José Rollemberg Leite, e no campo religioso, o Bispo Dom Fernando Gomes e o Padre Luciano José Cabral Duarte, os quais se empenharam na criação da faculdade. A FCFS foi mantida pela Sociedade Sergipana de Cultura, que foi instalada nas dependências do Colégio Nossa Senhora de Lourdes, e suas aulas eram ministradas no turno noturno e não interferiam nas atividades diurnas do colégio. Em relação aos cursos superiores que funcionaram nos primeiros anos da FCFS Oliveira afirma:

De início, a faculdade dispunha de 02 pavimentos do colégio Nossa Senhora de Lourdes, num total de 15 salas, para o funcionamento dos cursos de Filosofia, Matemática e o curso de Geografia e História, além de contar com a autorização para o funcionamento dos cursos de Pedagogia e Letras anglo-germânicas. O curso de Letras Neo-Latinas foi autorizado posteriormente, e no ano de 1954, o curso de didática. Todos os cursos deveriam adotar os programas da FNFI da Universidade do Brasil (OLIVEIRA, 2011, p. 46-47).

Foi nesse ambiente em que a professora Lígia Pina ingressou em 1955 para fazer o seu curso superior em Geografia e História. Em relação a esse processo de início do curso superior, a biografada nos relata:

Na faculdade foi uma luta, primeiro pra entrar na faculdade (risos). Foi uma amiga que fazia aula de reforço com os alunos dela e os filhos dela, e ela foi quem me incentivou porque na ocasião eu não tava sabendo dessa história de faculdade porque tinha pouco tempo, eu só sabia da faculdade de Direito e Química. A filha dela mais velha ia fazer vestibular aí ela disse assim: “Porque que você não faz vestibular para a Faculdade de Filosofia? Você é uma moça inteligente, vai ficar só com o curso normal?” Aí eu disse assim: “E onde é?” e ela: “É no Colégio Nossa Senhora de Lourdes”. Porque no começo funcionava lá pela noite. Aí eu fui, conversei e eu ia fazer Línguas Neolatinas, mas aí quando foram ver e eu não podia fazer Línguas Neolatinas porque não tinha Latim no curso normal. Aí Dom Luciano na época era padre, ele disse assim: “Você não gosta não de Geografia? Então faça!” Aí quando eu fui fazer, não podia porque mudaram o sistema porque eu me formei no curso de 5 anos e um ano antes de me formar houve uma mudança que passou a ser 4 anos básicos e 2 anos de pedagógico, então me faltava um ano. Eu tive que voltar para a Escola Normal pra fazer as

disciplinas que não havia cursado no quinto ano, que foram 3 disciplinas eu acho. Aí eu fiz o vestibular, passei (Lígia Pina, 2011).

A professora Lígia Pina fez parte da segunda turma do curso de Geografia e História da FCFS, no período de 1954 a 1958. A aquisição do diploma do curso superior, visando prosseguir na carreira do magistério, possibilitava-lhe galgar mais uma etapa do seu capital simbólico. Segundo Bourdieu:

O capital simbólico representa “qualquer tipo de capital (econômico, cultural, escolar ou social) percebido de acordo com as categorias de percepção, os princípios de visão e de divisão, os sistemas de classificação, os esquemas classificatórios, os esquemas cognitivos, que são, em parte, produto da incorporação das estruturas objetivas do campo considerado [...] O capital simbólico é um capital com base cognitiva, apoiado sobre o conhecimento e o reconhecimento (BOURDIEU; 2008, p. 149-150).

Nesse sentido, o diploma do curso superior representava para Lígia Pina a aquisição de novos conhecimentos e mais uma situação de fortalecimento do capital cultural incorporado. Outro aspecto que observamos diz respeito ao reconhecimento do diploma por parte dos seus pares e sociedade de uma nova etapa na sua trajetória intelectual, pois, com ele, poderia pleitear novos empregos, sendo que no seu ingresso no curso superior trabalhava ministrando aulas particulares nos lares de famílias ricas aracajuanas. Não podemos esquecer que esse contato com tais famílias, a exemplo de doutor Gonçalo Prado e de Dona Isaura Garcez Prado, forneceu-lhe um capital social, em razão de amizades e conhecimentos de pessoas influentes que contribuíram para a aquisição de novas posições sociais.

**Figura 05** – Pátio interno do Colégio Nossa Senhora de Lourdes onde funcionava a FCFS



Fonte: Oliveira (2011, p. 21).



No tocante aos professores que fizeram parte do curso superior, levando em consideração o estudo de Oliveira (2013) e os depoimentos da professora Lígia Pina, podemos elencar os seguintes professores e suas respectivas disciplinas:

**Quadro 09** – Relação dos (as) professores (as) do curso de Geografia e História da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe no período de 1955 a 1958.

<b>Professores (as)</b>	<b>Disciplinas</b>
Cleonice Xavier de Oliveira	Geografia do Brasil, Geografia Física, Didática Especial da Geografia e da História
Felte Bezerra	Etnologia e Etnologia do Brasil
Gonçalo Rolemberg Leite	História das Civilizações: Antiga, Medieval, Moderna e Contemporânea; Didática do Ensino de História.
Jose Bonifácio Fortes Neto	Geografia Humana
José Rollemberg Leite	Administração Escolar
José Silvério dos Santos	História do Brasil e Didática Geral
Josefina Leite Campos	Etnografia do Brasil
Luiz Rabelo Leite	História da América
Manuel Cabral Machado	Fundamentos Sociológicos da Educação
Maria Thetis Nunes	História do Brasil
Pe. Luciano José Cabral Duarte	Teologia e Psicologia da Educação
Severino Pessoa Uchôa	Geografia do Brasil

Fonte: Oliveira (2013)

Notamos, em relação a esse quadro, a contribuição dos bacharéis em ciências jurídicas e sociais que compunham o quadro dos professores da FCFS. Dentre eles, o professor Gonçalo Rollemberg Leite lecionava as disciplinas referentes à História Universal, de acordo com o modelo quadripartismo, ou seja, História Antiga, Medieval, Moderna e Contemporânea. Outro aspecto a ser considerado relevante relaciona-se ao campo da intelectualidade sergipana que formava a plêiade dos professores convidados a lecionarem na Faculdade, os quais eram reconhecidos de notório saber na sociedade sergipana. Oriundos das cátedras do Colégio Atheneu e do Instituto Rui Barbosa, participavam de instituições culturais, a exemplo do IHGS, e faziam parte de uma rede de sociabilidade junto à Igreja Católica, em especial ao Padre Luciano José Cabral Duarte.

No estudo realizado por Oliveira (2013), o professor Gonçalo Rollemberg foi “um dos seus fundadores e o responsável pelas cadeiras “XXIV – História da antiguidade e média” e “XXV – História moderna e contemporânea” [...], além das aulas de Didática Especial da História no curso de Didática” (OLIVEIRA, 2013, p.102). Ou seja, o aluno do curso de Geografia e História da FCFS obrigatoriamente passava pelos ensinamentos da História

Universal do prof. Gonçalo, transformando num modelo e exemplo seguido pelos seus alunos. A respeito das aulas de História ministradas por Gonçalo Rollemberg, a professora Lígia Pina nos relata:

Doutor Gonçalo dizia: “Ah, porque eu não tenho um método!”, ele era um método, porque você parecia que estava assistindo, ele era um narrador por excelência, ele não era um orador, era um narrador, porque ele contava as histórias mas você tinha a impressão de que estava participando. Ele falando sobre a Primeira Guerra Mundial, e falando do General da França que traçou toda a estratégia para envolver o exército alemão e distante, eles não estavam no local, eles em outro lugar planejaram matematicamente, como num jogo de xadrez e envolveram as tropas alemãs que foram derrotadas, mas ele contava isso de uma forma fascinante.

Os salões de Paris, na época, o papel da mulher dos grandes salões, as mulheres intelectuais, inteligentes, elas abriam os grandes salões para receber os intelectuais e ali se discursava e se tratava de tudo, de ciência, literatura, artes, tudo, era extraordinário, não precisava de método não, ele era o método (Lígia Pina, 2011).

Mesmo o professor Gonçalo Rollemberg Leite afirmando que não tinha um método do ensino da História, sua prática pedagógica relatada por Lígia Pina demonstra a existência de um método e de uma concepção de História. Nos aspectos metodológicos verificamos o alinhamento dessa prática ao ensino tradicional, cuja centralidade estava no professor; alunos eram meros coadjuvantes; e um processo de memorização dos fatos, datas e personagens. Sobre essa concepção do ensino da História, Bittencourt afirma:

A História da Civilização, com os quatro grandes períodos e separada definitivamente da História Sagrada, transformou-se no eixo explicativo da História escolar. Os pressupostos iluministas foram os vencedores de uma concepção de história da humanidade, fortalecendo a idéia de racionalidade do homem e tendo o Estado-nação como agente principal da civilização moderna. A cronologia continuava a organizar os conteúdos históricos escolares, tendo como meta o progresso tecnológico criado pelo homem branco (BITTENCOURT, 2004, p.80).

A crença nas potencialidades do homem racional e o papel exercido pelos heróis e vultos eram os fatores decisivos para a construção da História muito presente na prática pedagógica do professor Gonçalo Rollemberg Leite nas aulas de História na FCFS. Ainda nos estudos de Oliveira (2013) descreve-se o método do professor Gonçalo da seguinte forma: “expositivo para ministrar seus ensinamentos e era capaz de falar ininterruptamente sobre determinado assunto e mesmo assim prender a atenção da turma, composta quase exclusivamente por moças que copiavam o que o mestre dizia” (OLIVEIRA, 2013, p. 120). A transposição desse modelo de professor e de método para sua prática pedagógica é

evidenciada pelo depoimento de um ex-aluno da professora Lígia Pina no Colégio de Aplicação:

Foi uma professora que ensinava, ela tinha a História na cabeça, ela não pegava um papel para dar aula, ela tinha toda a História, tanto a do Brasil, como a de Sergipe, como a do mundo. Ela apenas pegava os capítulos do assunto e ali ela fazia toda a explanação e a aula era tranquila e passava rápido, às vezes a gente brincava com ela e ela não se incomodava. (Otávio Ferreira, 2015).

No depoimento desse ex-aluno fica evidente a assimilação do método aplicado por Gonçalo Rollemberg na prática da professora Lígia Pina no que diz respeito ao método expositivo e memorização dos fatos e personagens; a concepção de que toda a História estava ali presente mediante a disposição dos acontecimentos numa cronologia. Outro aspecto que destacamos no relato refere-se ao modelo de um bom professor de História para a época, como sendo aquele que possuía uma boa memorização dos fatos e acontecimentos; que tinha toda a história guardada na sua mente, um saber enciclopédico vinculado ao processo da humanidade. Tais atributos também se refletiam no tipo de aluno almejado pela sociedade de então, um aluno que tivesse um conhecimento enciclopédico e que, por meio deste, soubesse construir um mundo melhor

### 3.3 - NO TEATRO DA HISTÓRIA

O início da atividade docente de Lígia Pina em colégios de Aracaju deu-se em 1957, ainda aluna do curso de Geografia e História da FCFS, quando assumiu algumas turmas na Escola Normal, sob o convite do seu professor, que era também o diretor desse estabelecimento de ensino, prof. Severino Uchôa, como nos relata:

Doutor Severino Uchôa que era professor de História Econômica do Brasil, ele era o diretor da escola na época e chegou com um problema lá que a escola estava com 05 turmas sem professor, 03 de História e 02 de Geografia. Ele perguntou se alguém conhecia algum professor que pudesse ir ensinar e tal, aí todo mundo não, não, não e, eu que era muito tímida, mas não sei, me deu aquela coisa assim que eu falei: Eu conheço. Aí ele disse: “Quem?”, Eu mesma, porque eu já ensinava e tudo, mas não podia ser assim não, tinha que consultar a Inspeção Seccional, aí o consultor, um inspetor de fora disse: “Não, tem que consultar o MEC.”, aí consultou o MEC e o MEC deu autorização pra eu ensinar. Aí eu ensinei na Escola Normal, nesse ano eu ensinei na Escola Normal e no ano seguinte Doutor Severino Uchôa

não foi mais o diretor, aí eu não consegui ensinar na Escola Normal, era um contrato (Lígia Pina, 2011).

No relato anterior percebemos uma característica comum para a época que era o fato dos graduandos iniciarem a sua carreira docente antes do término do curso, contando para isso com a autorização da inspetoria local do MEC. Outro aspecto ressaltado foi o tipo de contrato efetuado e como os laços de conhecimentos e amizades reforçavam a existência ou não dessa rede de amizade, tornando-se evidente o fim do seu contrato com a saída do diretor da escola.

Além da Escola Normal, a professora Lígia Pina lecionou em diversos estabelecimentos de ensino das redes privada e pública de Aracaju. No entanto, o nosso objeto de estudo está centrado nas práticas pedagógicas desenvolvidas no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe, no período de 1967 a 1991.

### **3.3.1 – Lígia Pina: professora de História do Colégio de Aplicação**

Fruto das ideias da escola nova sob as influências do pensamento de Jonh Dewey, os Colégios de Aplicação foram criados no Brasil a partir da década de 1940 para serem escolas-modelos para a prática pedagógica dos alunos dos cursos de licenciatura das inúmeras faculdades criadas no Brasil, nesse período. Como analisa Bispo:

Os Teachers College norte-americanos e o Institut Jean Jacques Rousseau de Genebra, inspiraram a criação dos colégios de aplicação no Brasil, através do Decreto-Lei nº 9.053, de 12 de março de 1946. Inicialmente como Ginásios, tinham como função específica servirem de escolas especiais, anexas às faculdades de filosofia, que possibilitassem a prática docente aos graduandos dos cursos de didática (BISPO, 2011, p. 44).

De acordo com o propósito mencionado anteriormente, o atual Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe (CODAP) foi criado em 1959, pela Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, sob a denominação de Ginásio de Aplicação (GA), pois nele só funcionavam turmas do ginásio, que na atualidade equivale às turmas do segundo segmento do ensino fundamental (6º ao 9º anos).

De acordo com Nunes (2008), “a prática dos alunos matriculados no curso de didática da faculdade Católica de Filosofia de Sergipe era realizada no Ginásio de Aplicação em aulas ministradas com a presença dos professores das cadeiras, os quais, em sua maioria, eram

também professores da faculdade, e supervisionavam a atuação dos estagiários”. (NUNES, 2008, p. 56). A partir de 1966 foi autorizado, o funcionamento das turmas do colegial, alterando a sua denominação para Colégio de Aplicação.

O Colégio de Aplicação iniciou suas atividades no prédio da Faculdade Católica de Filosofia, na Rua Campos, como observamos a imagem na sequência; e foi transferido para a Didática III, na Cidade Universitária, no início dos anos 80 do século XX. Em 1991, foram concluídas as obras da sua sede no campus de São Cristóvão.

**Figura 06** – Imagem frontal da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, onde funcionava o Colégio de Aplicação.



Fonte: Nunes (2008, p.104).

O antigo Ginásio de Aplicação, hoje denominado de Colégio de Aplicação (CODAP), foi criado pela Sociedade Sergipana de Cultura, presidida pelo padre Luciano Cabral Duarte. Seu objetivo principal era servir como campo de estágio das licenciaturas da Faculdade de Filosofia. O ensino era pago e os alunos geralmente frequentavam um curso prévio para fazer o exame de seleção para o ingresso na primeira série ginásial (o atual 6º ano do ensino fundamental).

Segundo Palmeira (1992), o exame de seleção para o ingresso de alunos no CODAP favorecia “[...] um caráter elitizante ao estabelecimento, quando atendia os alunos das famílias mais abastadas. Havia, no entanto, gratuidade para alunos reconhecidamente pobres, selecionados nos exames de admissão” (PALMEIRA, 1992, p.04). Em 1968, em virtude da

incorporação da Faculdade de Filosofia à recém-fundada Universidade Federal de Sergipe<sup>22</sup>, o Colégio de Aplicação também foi incorporado a Universidade, deixou de ser um colégio privado para ser um colégio público, vinculado inicialmente ao Departamento de Educação e posteriormente, ao gabinete do Reitor como órgão suplementar.

A admissão da professora Lígia Pina e dos demais professores da época no Colégio de Aplicação ocorreu através de indicação. De acordo com o seu relato, a admissão no CODAP transcorreu desta forma:

O Colégio de Aplicação era assim, mas os professores eram escolhidos a dedo. E certa ocasião, frei Edgar<sup>23</sup>, eu fazia parte de um grupo religioso, um grupo de moças que ia lá conversar com frei Edgar sobre religião. Aí um dia eu encontrei frei Edgar perto do cinema Pálace, na travessa e ele disse assim: “Ah, Lígia, que bom encontrar você, Dom Luciano quer falar com você”, aí eu disse: “Oxente! O que Dom Luciano quer comigo?” e ele: “Não sei não, ele é quem sabe”. Nisso, Dom Luciano vai chegando na Kombi pra estacionar ali e ele disse: “Olha, você vai falar com Dona Lindalva<sup>24</sup>, hoje mesmo”. Lindalva morava perto de mim, professora Lindalva que estava sendo a diretora do colégio da época, e ele disse: “Eu quero que você vá dar aula no Colégio de Aplicação”. Então pronto, eu fui, fiz o contrato e tudo e eu fiquei ensinando lá no colégio, depois veio a Universidade e os professores que estavam nas diversas instituições foram federalizados. Aí eu fui ensinar lá, na época em um colégio de elite, filhos de pessoas muito ricas, mas foi muito bom ir pro Colégio de Aplicação, eu gostei muito (Lígia Pina, 2011).

De acordo com o relato anterior o processo de contratação de professores para o

---

<sup>22</sup> O debate sobre a criação de uma Universidade Federal em Sergipe ocorreu no início dos anos de 1960 e foi capitaneado pela Secretaria de Estado da Educação e liderado por Dom Luciano Cabral Duarte. Dois modelos foram postos em discussão: a instalação de uma Autarquia (defendida pela Faculdade de Direito) ou de uma Fundação (defendida por Dom Luciano). Além dos debates calorosos na imprensa local, o grupo de Dom Luciano tinha ao seu favor a nomeação dele para a Câmara do Ensino Superior do Conselho Estadual de Educação. Em 1963 foi nomeado diretor da Fundação Universidade Federal de Sergipe, após a elaboração do anteprojeto e suas aprovações nos Conselhos Estadual e Federal de Educação, e o presidente da República autorizou a criação da UFS. Consultar Souza (2015).

<sup>23</sup> Frei Edgar Stanikowsk da ordem dos franciscanos. Nasceu na Alemanha, em 1911. Participou da criação da Sociedade Sergipana de Cultura, instituição que criou e manteve a Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe – FCFS. Foi professor e vice-diretor da FACFS. Ver Oliveira (2011).

<sup>24</sup> Lindalva Cardoso Dantas – 2ª diretora do Colégio de Aplicação no período de 1966 a 1968. Nasceu em Rosário do Catete, em 1925. Iniciou os seus estudos na atual cidade de Carmópolis/SE e concluiu o curso Normal no Colégio da Imaculada Conceição, em Capela/SE. Fez o curso de suficiência em Ciências pelo CADES/MEC (Campanha de Aperfeiçoamento do Ensino Secundário), em 1952. Em 1956 mudou-se para Aracaju, lecionando em diversos colégios da Capital. Fora convidada para lecionar no Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, em 1965. Com a saída da professora Rosário Bispo da direção do Ginásio de Aplicação, D. Luciano a convidou para exercer o cargo. Na gestão da professora Lindalva o Ginásio duplicou as turmas do curso ginasial e foi criado o curso colegial, passando a denominar Colégio de Aplicação. Com a criação da Universidade Federal de Sergipe, o Colégio foi incorporado a esta e, por determinação do MEC, só poderia ser diretor quem tivesse o ensino superior. Professora Lindalva, deixou a direção do Codap, em 1968. Concluiu o curso superior em Licenciatura Português-Francês em 1969. Escreveu crônicas para diversos jornais e participou da locução da “Hora da Ave-Maria”, nas rádios Cultura e Atalaia. Mais informações em Nunes (2008) e Palmeira (1992).

CODAP era feito mediante convite por parte da direção da FCFS. No caso da professora Lígia Pina, percebemos que ela já dispunha de um capital social que a tornava conhecida entre as pessoas influentes da sociedade aracajuana, fruto da sua convivência com seus professores da Escola Normal, o ensino de aulas particulares nas residências de famílias da elite, sua participação nas atividades religiosas da diocese e suas relações com os professores na FCFS. Convém salientar também o interesse da direção da FCFS em colocar nos seu quadro funcional professores graduados na instituição, uma estratégia para fortalecer a sua credibilidade.

Outro aspecto ressaltado pelo relato diz respeito ao perfil do alunado do CODAP no final da década de 1960. Fica notório o pertencimento desses alunos às camadas ricas da sociedade aracajuana. Além disso, existia teste de admissão para o ingresso dos alunos

No dia 1º de março de 1967 a prof.<sup>a</sup> Lígia Pina iniciou suas atividades pedagógicas no CODAP; durante essa trajetória torna-se notória a importância do Colégio no seu desenvolvimento pedagógico e literário, como também as lutas e os conflitos entre os professores da instituição, especialmente, os da área de exatas da UFS em relação à viabilidade ou não do CODAP para a UFS. Vários debates e várias pressões foram atenuadas a partir do momento em que o reitor passou a ser eleito pela comunidade universitária, uma vez que:

O CODAP também passou a ter um peso muito grande: foi quando o reitor passou a ser eleito pela comunidade. O candidato que tivesse a coragem de dizer que iria acabar com o CODAP não ia ser eleito de jeito nenhum. O CODAP tinha número suficiente de votantes para impedir que isso acontecesse, e foi assim que aconteceu (Lígia Pina, 2004).

Apesar dessa pressão vivida por professores no CODAP, a professora Lígia Pina destacou, como elementos diferenciais do Colégio de Aplicação em relação aos demais colégios em que ela lecionou, as seguintes características:

O diferencial no início era justamente o nível dos alunos que nós recebíamos, eram de alta classe social e econômica que tinham o nível de conhecimento muito maior. Porque na época se fazia exame de seleção. Outro diferencial era o número de alunos, nós podíamos trabalhar bem melhor no Codap, porque cada série tinha 30 alunos e no máximo 35, como nos outros [...]. Fazia-se reunião para avaliar o desempenho do aluno, então, todo mundo já sabia qual o aluno que estava fraco, e em quantas disciplinas, quais as disciplinas, se era uma disciplina só, então o professor tinha que se autoavaliar [...]. O Codap a gente tinha a possibilidade de aplicar técnicas, fazer teatro, júri simulado, jornal falado, essas coisas que hoje como falei na vez passada - estão como estudos integrados das disciplinas, são hoje coisas muito novas, mas que eu fazia há trinta anos atrás (Lígia Pina, 2004).

O caráter de “colégio laboratório” atrelado a um processo seletivo de ingresso do aluno, número máximo de alunos por turmas e poucas turmas contribuíam para que a equipe pedagógica e seus professores pudessem acompanhar melhor o rendimento e aproveitamento dos seus alunos. Foi no CODAP que a professora Lígia Pina conseguiu colocar em prática as suas concepções pedagógicas e suas metodologias de ensino como: a elaboração de peças teatrais, jograis, júris simulados, recitais de poesias e participação nas edições de jornais do corpo discente, estabelecendo um diálogo entre a História e outras disciplinas, a exemplo de Educação Artística, Geografia e Língua Portuguesa. À proporção que foi elaborando os textos a serem aplicados nas peças, jograis, jornais falados, foi exercitando a sua veia literária. Nesse sentido, isso representou uma via de mão dupla: a professora inspirava a literata e a literata fornecia subsídios à prática pedagógica da professora

A relação da prof.<sup>a</sup> Lígia Pina com os alunos é rememorada por meio dos depoimentos como uma relação cordial, lembranças das atividades teatrais e das peripécias realizados por eles em relação à professora. Nesse quesito, destacamos:

Ela tinha uma sombrinha que era maravilhosa e aí nós escondemos a sombrinha dela e ela ficou procurando né?! E foi aquela coisa, eu não me lembro bem como foi que ela encontrou a sombrinha, mas essa aí foi levinha, agora uma outra que foi maldade: colocamos alguma coisa embaixo da cadeira e um pezinho sem, aí quando ela sentou, não chegou a cair mas deu um tombo e ela levou o maior susto (Maria Inêz Araujo, 2015).

O relato dessa ex-aluna demonstra que, mesmo respeitando o jeito “doce” e tranquilo da professora, os discentes não perdiam a oportunidade de realizar brincadeiras. Por outro lado, eles praticavam essas peripécias porque sabiam que a professora não tomaria nenhuma atitude mais severa, a exemplo de pedir suspensão da turma, retirar pontos da avaliação, dentre outras. Confiavam no temperamento e no perdão dela. E esse não foi somente um caso. A seguir relatamos mais um ato de irreverência dos alunos:

Me recordo bem que nós estávamos na oitava série, e a oitava série era famosa pelo mau comportamento. Então num dia que ela adentrou, nós resolvemos dar uma vaia na professora, aí ela olhou pra turma e perguntou: “O que foi que aconteceu?”, aí teve um que estava no fundo que levantou e disse assim: “Não foi nada não, professora, era o ensaio pro coral da UFS” (risos), e ela levou na esportiva e não puniu ninguém, do tamanho da fineza que ela tinha, não levou como mau trato nem nada, era coisa de menino adolescente (Otávio Ferreira, 2015).

De acordo com esses depoimentos dos seus ex-alunos, percebemos as brincadeiras inerentes aos estudantes da época, com posições e atitudes de reagirem às questões



disciplinares e comportamentais e, por outro lado, a diplomacia e a delicadeza como a professora Lígia Pina enfrentava e resolvia tais situações sem perder a sua postura e equilíbrio sem haver a necessidade de uma posição mais coercitiva.

Corroborando com o relato anterior a respeito das brincadeiras e comportamentos de alunos na sala de aula, a ex-aluna Martha Suzana, que estudou com a professora Lígia Pina na década de 1980, nos informa:

Eles (os alunos) conversavam muito, mas acho porque tinha essa imagem, ela sempre chegava com aparência de pessoa frágil, mas, no entanto ela sabia conduzir mesmo que eles achassem que podiam fazer o que quisessem, ela era quem estava comandando, com uma doçura, ela sabia ouvir, ela prestava atenção, ela acompanhava (Martha Suzana Cabral, 2015).

Mais uma vez rememora-se o aspecto de pessoa doce, meiga, carinhosa. Segundo o relato acima, apesar dessa maneira de agir perante a sala de aula, a prof<sup>a</sup> Ligia Pina conduzia suas aulas sem a necessidade de autoritarismo e medidas coercitivas. Em relação às atividades avaliativas e provas das unidades didáticas, os alunos criavam estratégias para burlar o sistema,

Às vezes a gente dava (atividades) de outras disciplinas e ela dava o visto, e não só tinha ela, tinha outra professora que a gente também fazia isso porque às vezes não dava tempo e ela perguntava daquele jeitinho dela: “menino, você fez isso? e isso? e isso?”, aí o pessoal ia lá e quando todo mundo descobriu que ela dava o visto em outras atividades todo mundo ia lá. [...] a gente colava, só que assim, nunca foi cola de papel porque a gente tinha medo, mas eu e Karina não colávamos, “conferia”, a gente sentava uma do lado da outra e a gente falava e como ela não conseguia acompanhar o ritmo, a gente conseguia colar bastante (Daniela Maia, 2015).

Nesse relato tornam-se evidente as estratégias utilizadas pelos alunos para “enganar” a professora, no sentido de apresentar uma atividade que não fora solicitada. Outro aspecto salientado no relato é o medo do uso da cola escrita e a utilização da cola oral e visual, valendo-se das limitações físicas da professora, pois, essa ex-aluna estudou com a prof<sup>a</sup> Lígia Pina no final da década de 1980, muito próximo da sua aposentadoria.

Foi durante a sua trajetória de magistério que a Prof<sup>a</sup> Lígia Pina aplicou nas suas aulas de História os recursos didáticos, tais como: dramatizações, peças teatrais, jograis júris simulados, recitais de poesias, entre outros. Analisar a sua prática pedagógica é inseri-la numa concepção de práticas escolares. Consoante Faria Filho,

[...] tais práticas produzidas pelos sujeitos no seu dia-a-dia escolar, também os produzem. Essas práticas têm sido concebidas [...] como maneiras de

fazer peculiar dos sujeitos da escola e que ocorrem no interior do cotidiano escolar. Mas esse lugar ocupado por eles não tem sido entendido como um lugar próprio e, sim, como um lugar onde se desenvolvem táticas [...] (FARIA FILHO et al, 2004, p.151)

Foi nesse cotidiano escolar e com os sujeitos (alunos, direção, pais, colegas professores) que observamos o aprimoramento da metodologia do ensino da História, bem como o reforço ao repertório cultural de Lígia Pina por meio da elaboração dos textos que compunham as atividades. No Colégio de Aplicação foram várias peças de teatro escritas pela profª Lígia Pina, tais como: “As Grandes Navegações”, “Patrícios e Plebeus”, “Os Caminhos da Filosofia”, “O Ponto Ômega” e “1º e 2º Recital de Poesias Sergipanas”. Nesse sentido transcrevemos a seguir um relato da peça “O Viajante do tempo”:

Com a turma do 1º ano científico. "O viajante do Tempo" é assim: como se um astronauta se deslocasse da nossa civilização para encontra as civilizações do Crescente Fértil era o assunto do 1º ano era naquela época, então eu fiz a adaptação de textos, eu fiz assim: o Narrador é aquele que coordena o texto. O narrador cita - onde a gente vai. Ato meu cinto de segurança, faço a contagem regressiva e... decolo. Houve-se o som da decolagem. Aí o narrador diz: aonde a gente vai atravessando o grande canal, estamos vendo o rio Nilo, entramos no palácio real. Hamurabi está promulgando a lei de Talião. Aí um menino vestido a caráter faz o papel de Hamurabi. Depois, vem outras partes. Vamos entrar depois na Mesopotâmia entre os rios Tigre e Eufrates, fala sobre o que eles criaram e passaram pela civilização etc. Depois vem aí aquele poema de Gilgamés, a história do dilúvio e assim sucessivamente. Aí vai para a Palestina encontra o profeta Isaías anunciando a reconstrução e volta do novo do Cativo da Babilônia e esse texto me eu acho belíssimo de Isaías. Ainda tem antes disso Amenórfis IV, depois então tem o Gilgamés [...], termina assim voltando ao mundo atual e o que nós vemos? Seqüestros, racismos, guerras, crimes hediondos, massacres, luto dor... Então o coro diz: o que fizeram de Confúcio, Buda, Sócrates e Jesus Cristo? Valeu a pena o sacrifício dando as suas vidas? o narrador: fala: em nome de Cristo que pregou a paz. Essas lutas no Líbano, Palestina, contra árabes e na Irlanda cristãos contra cristãos. Então na cena final todos participantes caminham - foi muito bonito – caminharam do fundo do palco para o procênio apontando para o público, fazendo essa pergunta: o que fizemos de Buda, Confúcio, de Sócrates, de Jesus Cristo? (Lígia Pina, 2004)

Pela descrição desse relato percebemos como eram o enredo e as concepções da história que constavam no texto teatral. A professora Lígia Pina elaborava os textos, organizava as falas e ensaiava com os alunos e era auxiliada por outros professores e pelos familiares dos alunos. Os textos das dramatizações eram de acordo com os conteúdos que os alunos estavam estudando, a exemplo da peça anteriormente descrita que foi destinada aos alunos do 1º ano científico o que equivale hoje ao primeiro ano do ensino Médio.

Nesse sentido, os alunos eram envolvidos na pesquisa histórica dos temas das peças

teatrais, aproximando-os com os conteúdos da disciplina. A ex-aluna Martha Suzana Cabral, relata: “[...] a gente tinha que entregar o trabalho além da apresentação, então essa escrita era necessária, então ela buscava esses dois caminhos, na verdade três: um do entendimento do conteúdo, um da representação, [...] e o da escrita” (Martha Suzana Cabral, 2015). Fica notório com o relato que as atividades estimulavam a pesquisa histórica e a escrita, pois os alunos deviam entregar uma produção textual e, por último, faziam a dramatização, que englobava as etapas de pesquisa, ensaios, cenários, figurinos e a apresentação.

No levantamento das fontes para encontrarmos registro dessas peças teatrais, localizamos uma fotografia da década de 1970, na qual os alunos estão representando o enforcamento de Tiradentes, peça cujo título era “O mártir da Liberdade”. Este registro faz parte do acervo do Centro de Pesquisa Documentação e Memória do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe – CEMDAP.

**Figura 07** – Foto da cena da peça teatral “O Mártir da Liberdade”



Fonte: CEMDAP, 197?

De acordo com a imagem exposta anteriormente, a apresentação teatral ocorreu em uma sala de aula do antigo prédio da FCFS, onde, na atualidade, funciona o Instituto de Previdência do Estado de Sergipe (IPES). Percebemos algumas colchas de chenille que

faziam o papel de cortinas e cenários. No centro, a forca com mecanismo para não machucar o aluno que representava a personagem de Tiradentes; os demais participantes da encenação com o figurino elaborado de acordo com o contexto histórico. Na platéia, a professora Lígia Pina, indicada por uma seta assistia à dramatização e a dirigia.

Outras práticas escolares eram realizadas nas aulas de História da prof<sup>a</sup> Lígia Pina. Citamos a seguir o relato de um ex-aluno (de meados da década de 1970 ao início da década de 1980) sobre a atividade o repórter da História.

O repórter na História, que a gente fazia o seguinte, tinha um determinado assunto e você tinha que narrar aquele assunto como se fosse tipo um jornal. Você tinha os apresentadores do jornal e tinha um repórter, como se o fato histórico que você estava estudando, estivesse ocorrendo naquele momento. Então a professora sempre usava esse tipo de metodologia, desse tipo de trabalho (Nemésio Augusto Silva, 2015).

O objetivo dessa atividade era estimular a pesquisa histórica nos alunos, contribuindo para que estabelecessem uma relação entre o passado e o presente, ou seja, os acontecimentos eram narrados como se os alunos fossem testemunhas oculares dos fatos. Outra finalidade era desenvolver no aluno a capacidade de dramatizar e falar em público. Percebemos também a inclusão do meio televisivo na dramatização, pois os alunos deveriam representar as funções de repórteres e apresentadores de telejornais. Convém lembrar que as emissoras de TV em Sergipe iniciaram as suas atividades em 1971.

No tocante à concepção da História (mesmo com aplicação de técnicas que mobilizava os alunos), caracterizamos de tradicional, pois os fatos falam por si, ou seja, a verdade absoluta dos fatos; a centralidade e responsabilidade dos acontecimentos por heróis e/ou autoridades; e uma visão eurocêntrica da história, mesmo em se tratando da História Antiga, pois tais acontecimentos formaram a identidade do homem moderno.

Em relação a sua metodologia de ensino de História no Colégio de Aplicação, a prof.<sup>a</sup> Lígia Pina nos diz:

O método era esse que eu falei, era ainda o discursivo, o professor falava e falava e falava, fazia um esquema, alguns, nem todos faziam, faziam um esquema no quadro, eu mesma fazia isso, fazia um esquema e ia falando de acordo com o que estava escrito. Mas depois criei uma prática, aí eu fui modificando meu método, tinha alunos que falavam assim: “Professora, eu aprendi a gostar de história com a senhora” porque eu passei a criar outras maneiras de transmitir, eu fazia teatro, mas um teatro sobre o que eu ensinava, por exemplo, O Viajante do Tempo. Eu fazia peças, treinava os alunos, esse mesmo, O Viajante do Tempo, tinha um aluno que já morreu, ele fez uma pesquisa sobre as vestimentas da época e ele fez o desenho pra se mandar fazer a roupa, mandar fazer é um modo de dizer porque era muito simples (Lígia Pina, 2011).

Nesse relato a professora Lígia Pina revelou que no início do seu magistério o tipo de aula que ministrava era discursiva, utilizando-se do quadro negro, esquemas, apontamentos e explicações do que fora escrito do mesmo modo que foi ensinado na FCFS. No entanto, modificou o seu método utilizando-se do teatro e da literatura como recursos para uma melhor compreensão do ensino da História. A elaboração das dramatizações, os concursos de poesias realizados com os alunos e envolvendo outros professores contribuíram para uma maior interação entre ela e seus alunos.

Outra estratégia metodológica utilizada pela prof.<sup>a</sup> Lígia Pina foi a interseção dos conteúdos de História com outras áreas afins. Geralmente, ela solicitava a colaboração dos professores de português, literatura e artes na montagem das suas apresentações teatrais. Além dos textos para teatro, ela escreveu e aplicou em sala de aula o livro didático intitulado *Tudo isto é o Brasil*<sup>25</sup>. Sobre esse episódio, nos relatou:

Livro que eu escrevi sobre a história do Brasil que não tem nada a ver com essas publicações todas porque não é o Brasil isolado, é o Brasil no mundo, e tem o Estado de Sergipe, contextualizado. Foi considerado o melhor projeto da Universidade naquela época, mas não foi publicado porque não era para o terceiro grau, o conselho vetou. [...], foi escolhido um livro de filosofia para o ensino superior (Lígia Pina, 2011).

Por meio dos textos elaborados para aplicar em sala de aula a professora Lígia Pina organizou em um livro sobre o Brasil, discutindo a sua história, paisagens do mesmo. Nesses textos, peças e jornais murais ficou impregnado o pensamento que norteou a sua prática pedagógica. Mesmo atrelada à visão tradicional e/ou positivista da História, não podemos reduzir a importância dessa docente em relação ao ensino, pois despertava no aluno a curiosidade, a pesquisa na História, leituras e escritas de textos e, o principal, o gosto de estudar e vivenciar a história. Nesse sentido, apresentamos o relato de ex-aluno sobre a importância das aulas de História:

Antes eu já conhecia da história que Lígia Pina passava em sala de aula, eu não consegui ir até o Egito, até à Grécia, mas fui a Roma e vi algumas cidades da Itália, algumas cidades da Espanha, algumas cidades da Alemanha e a gente na hora que está lá a gente lembra, a gente não esquece e vem tudo à tona porque a história fica viva (Otávio Ferreira, 2015).

Nesse relato o ex-aluno Otávio demonstra que os conhecimentos adquiridos com as aulas de História da prof.<sup>a</sup> Ligia Pina no CODAP foram rememorados nas suas viagens pela Europa, como se já estivesse vivenciado aquelas localidades.

---

<sup>25</sup> Até a data do seu falecimento (14/08/2014) não obteve apoio e/ou recursos financeiros para sua edição

Ao ser questionada sobre qual pensamento a definia, a prof<sup>a</sup> Lígia Pina nos respondeu:

Eu sou uma humanista por excelência e uma liberal por excelência. Eu acho que a situação do mundo atual é assim porque o homem esqueceu o próprio homem. O desenvolvimento tecnológico e científico que devia ser importante entre os homens, mas não foi, acabou com o humanismo (Lígia Pina, 2004).

Esse humanismo defendido por Lígia Pina é percebível nos relatos sobre sua prática escolar. Segundo ela, esse pensamento humanista foi decorrente da educação que recebeu dos seus pais; da influência do seu tio Lourival Pina, que a incentivava nas leituras, e de alguns professores na Faculdade, a exemplo de D. Luciano e de Gonçalo Rollemberg. O humanismo estava atrelado ao ideário iluminista do homem racional, capaz de levar o progresso à humanidade; e por consequência do mau uso desse racionalismo, o mundo estava mergulhado nos conflitos e guerras. No entanto ela associava o pensamento humanista ao cristianismo quando evocava a salvação do mundo por meio do retorno do homem a Deus.

#### 4. A LITERATA MARIA LÍGIA MADUREIRA PINA

Nessa seção analisaremos dois importantes aspectos da trajetória intelectual da prof.<sup>a</sup> Lígia Pina. Inicialmente faremos um estudo das suas obras, em seguida abordaremos sua participação nas Academias Literária de Vida e Sergipana de Letras, e por último comentaremos seus artigos publicados em jornais e revistas. Nesse percurso, a prof.<sup>a</sup> Lígia Pina publicou quatro livros, a saber: *Flagrando a Vida* (1983); *A Mulher na História* (1994); *Satélite Espião* (1999) e *A Relíquia* (2008).

##### 4.1 – “FLAGRANDO A VIDA”

O primeiro livro publicado por Lígia Pina foi *Flagrando a Vida*, impresso pelo Governo de Sergipe por meio da Subsecretaria de Cultura e Arte e do Conselho Estadual de Cultura, no ano de 1983. A conselheira Ofenísia Soares Freire<sup>26</sup> foi a relatora e deu parecer favorável à publicação. O livro tem 100 páginas cujo conteúdo são 34 poemas, o parecer do Conselho Estadual de Cultura e um perfil biográfico da autora.

**Figura 08**– Capa do livro “Flagrando a vida”



Fonte: acervo da Biblioteca Comunitária da UFS ( BICOM)

<sup>26</sup> Nasceu em 07/12/1913 na cidade de Estância, filha de José Dionísio Soares e Ernestina Esteves da Silveira Soares. Estudou até os 11 anos no Colégio Camerino. Transferiu-se para a capital onde estudou no Colégio Santana, administrado pela professora Quintina Diniz e na Escola Normal, concluindo o curso com 16 anos. Após o término desse curso retornou a Estância e iniciou a sua trajetória no magistério. Casou-se com Filemon Franco Freire e, em 1942, passou a morar definitivamente em Aracaju. Foi professora nos colégios: Atheneu, Tobias Barreto e Jackson de Figueiredo. Participou do Partido Comunista Brasileiro, na década de 1940. Publicou artigos nos jornais locais e o livro a presença feminina nos Lusíadas; foi membro da ASL (1980) ocupando a cadeira de nº 16, membro do Conselho Estadual de Cultura, e participou como revisora na UFS. Faleceu em 24/07/2007. Mais informações no site [www.agencia.se.gov.br](http://www.agencia.se.gov.br).

De acordo com a figura anterior, a máquina fotográfica tinha a função de registrar os fatos e acontecimentos. Portanto, o livro foi concebido como resultado da observação e análise da autora em relação aos fatos ocorridos no mundo, no Brasil e em Sergipe. De acordo com a prof.<sup>a</sup> Lígia, “tudo o que está escrito ali é verdade” (Lígia Pina, 2004). Por isso caracteriza-o como um livro de História. Essa busca pela “verdade” do conhecimento histórico está relacionada com a sua visão de História, ou seja, com a visão positivista de que os fatos históricos representam essa verdade e não devem ser questionados. No quadro a seguir elencamos os poemas contidos no livro e os temas abordados:

**Quadro 10** - Relação dos poemas do livro “Flagrando a Vida”

Nº	Título dos poemas	Temas abordados
1.	Sonho de um poeta no Natal	Não possui data em que foi escrito. Consta de um sonho da autora na noite do Natal, onde verifica o fim dos conflitos mundiais a exemplo: do Oriente Médio; entre Irlanda e Inglaterra, fim das ditaduras na América Latina; fim dos desmatamentos, da poluição e da seca no nordeste, reinando a paz com o nascimento do Messias.
2.	Bom dia, Aracaju	Não possui data em que foi escrito. Retrata a visão da cidade de Aracaju por meio da navegação no rio Sergipe.
3.	Vida partida	Escrito em 09/09/1972 – lamenta a morte prematura do adolescente chamado Fábio.
4.	O mendigo	Não tem data em que foi escrito. Poema que retrata a vida do mendigo e a sua invisibilidade por parte da sociedade.
5.	A torre da Embratel	Escrito em 10/06/1970 – estabelece uma comparação entre a torre da EMBRATEL, erguida no prédio localizado na Rua Itaporanga, com a torre de Babel.
6.	Queixumes	Escrito em 03/06/1970 – revela as angústias e os sofrimentos do nordestino em relação à seca e ao êxodo rural.
7.	Mensagem de Natal	Escrito em 1978 – enaltece o nascimento de Cristo em contraste com a falta de humanidade entre os homens.
8.	Nostalgia sertaneja	Escrito em 28/08/1966 – retrata a paisagem bucólica do entardecer no sertão.
9.	Exótico ballet	Escrito em 01/10/1975 – realiza uma comparação entre os movimentos das bailarinas com o voo dos pássaros.
10.	Geração desnaturalada	Escrito em 10/11/1977 – denuncia a devastação das florestas pela ação do homem.
11.	Herói anônimo	Escrito em 20/11/1972 – é dedicado aos trabalhadores que contribuíram para o desenvolvimento do país e esquecidos pela história.
12.	Miragem no Corcovado	Escrito em 10/07/1969 – do alto do Corcovado no Rio de Janeiro tem a visão de um mundo sem conflitos sob a égide do Cristo Redentor
13.	A arena universal	Escrito em 28/05/1977 – retrata uma visão pessimista do mundo envolvido em guerras e destruição.
14.	Criação	Descreve o ato da criação do mundo pelo criador e as mazelas trazidas pelos homens
15.	Homem X natureza	Retrata o duelo entre a natureza bela e exuberante com o



		homem provedor da destruição e caos.
16.	Antíteses	Elenca uma série de sentimentos negativos, tais como; orfandade, solidão, incompreensão e decrepitude, em contraste com os sentimentos positivos: solidariedade, confraternização, solicitude e amor
17.	Analogia	Conclama a união dos homens para fortalecer a luta do bem contra o mal.
18.	Ilusão	Escrito em 21/09/1976 – é dedicado a sua mãe, ressaltando a saudade da presença desta.
19.	Trajatória iluminada	Escrito em 19.06/1972 – por meio da imagem no céu da trilha deixada por um avião a jato, enaltece Santos Dumont, o pai da aviação.
20.	Ciclo vicioso	Escrito em 25/09/1972 – retrata o ciclo vicioso do egoísmo humano e a falta de solidariedade.
21.	Tradução	Escrito em 06/02/1978 – enumera diversas expressões e emoções humanas, tais como: amar, chorar, cantar, que são traduzidos em gestos e sons.
22.	Poema do anoitecer	Escrito em 08/05/1970 – revela a tristeza, saudade e solidão trazidas pelo anoitecer
23.	Onde está o coração da pátria?	Escrito em 10/08/1967 – novamente a temática são os problemas do Nordeste e a indiferença das demais regiões brasileiras.
24.	O incêndio no carnaval	Escrito em 30/10/1967 – relata um incêndio no carnaval, a destruição e mortes das pessoas.
25.	Silêncio	Escrito em 23/05/1970 – relata o cair da tarde, momento de recolhimento, hora da Ave-Maria.
26.	Novamente a seca	Escrito em 02/06/1970 – de volta à temática da seca e da vida sofrida dos sertanejos.
27.	Maria... Maria	Escrito 29/10/1965 – relata os tipos de Marias existentes na sociedade, mulheres de luta.
28.	O mundo em manchetes	Escrito em 1979 – faz uma retrospectiva dos fatos no ano de 1979, conflitos no Oriente Médio, revolução islâmica do Irã, conflitos na África, a ação missionária de João Paulo II e o ano internacional da criança.
29.	Roda viva	Revela as transformações na sociedade pelo trabalho humano.
30.	Ballet de asas brancas	Escrito em 25/07/1966 – estabelece comparação entre o voo de pássaros com o ballet.
31.	Pacto de paz	Escrita em julho de 1975 – revela as atrocidades da guerra do Vietnã.
32.	Tragédia bimilenar	Escrito em 08/03/1966 – retrata a tristeza, a dor e os sentimentos de compaixão da Semana Santa.
33.	Um adeus no crepúsculo	Escrito em 10/07/1972 – demonstra os sentimentos de dor e adeus no enterro de um ente querido.
34.	O voo para a liberdade	Exalta as ações do presidente norte-americano Jimmy Carter na proposta de paz para o Oriente Médio.

Fonte: Pina (1983)

De acordo com o quadro anteriormente apresentado, os poemas foram escritos entre os anos de 1965 a 1979 e os principais temas abordados foram: retrospectivas de fatos ocorridos durante o ano, destacando os principais conflitos mundiais e uma esperança no espírito

natalino nas soluções dos problemas; as mazelas sofridas pelo pobre em detrimento da insensibilidade das pessoas; a seca que castigava e expulsava os nordestinos da sua terra; exaltação às belezas da natureza criada por Deus; paisagem de Aracaju; destruição da natureza e os conflitos propiciados pelos homens; os sentimentos humanos e as personalidades históricas, a exemplo de Santos Dumont e Jimmy Carter. Na sequência, transcrevemos o poema intitulado o Mundo em Manchete escrito em 1979, que retrata o pensamento da Prof<sup>a</sup>. Lígia Pina a cerca dos acontecimentos históricos

### **O MUNDO EM MANCHETES –(1979)**

#### **ANGÚSTIA DA HORA PRESENTE**

Ligo o computador da memória retrospectiva  
e revivo os acontecimentos  
deste mundo conturbado  
o egoísmo dominando homens e nações  
crises no Oriente Médio, no Extremo Oriente  
na América, na Europa e na África.  
Israel e Egito lutam pela paz  
Assinam, enfim, em Camp David,  
em detrimento do povo de Judá.  
Israel entrega ao Egito, o SINAI  
– a Terra Sagrada –  
onde Moisés recebeu há milênios  
as Tábuas da Lei, de Jeová.  
No Líbano, a guerra civil: muçulmanos X cristãos  
massacres... massacres...  
e os palestinos continuam apátridas.  
Na Rodésia, brancos e negros engalfinham-se  
em nome do poder  
mas dizem que a paz já foi efetuada.  
Novos conflitos explodem  
agora entre Oriente e o Ocidente:  
é a crise do petróleo  
e a insana crise do Xá.  
Os reféns americanos têm as vidas ameaçadas  
pela juventude iraniana  
que o Ayatollah fanatizou.  
Jovens e crianças americanas  
enviam aos irmãos prisioneiros  
mensagens de fé e esperança  
pela aproximação do Natal.  
O presidente Carter faz um voto:  
as luzes da grande árvore  
da casa branca só serão acesas  
quando os reféns forem libertados.  
E os iranianos afirmam:  
eles serão julgados  
exceto se trocados pelo Xá.  
A ONU, como a liga das nações  
de antigamente,

parece impotente  
para forjar a paz.  
Mas o Reich do Komeiny não perdurará.  
Este é o ano da queda dos Tiranos:  
caiu o Títère de Uganda  
– o Idi Amin Dada –  
caiu o antropófago Bokassa  
da República do centro d'África  
caiu o Somoza da Nicarágua  
e o Komeiny por certo cairá.  
É o prenúncio do fim.  
As dissidências afloram  
e a invasão iraquiana começou.  
Este é o ANO INTERNACIONAL DA CRIANÇA  
que a ONU decretou.  
E as crianças aí estão:  
famintas, abandonadas nas lixeiras,  
delinqüentes,  
marginalizadas.  
Que preço pagaremos por este desamparo?  
mais assaltantes, mais seqüestradores  
mais toximaníacos, mais estupradores  
nas estradas?  
E a velhice desamparada?  
multidões de mendigos nas calçadas  
úlceras da sociedade,  
recolhidas a asilos superlotados  
em época de festas  
para esconder aos turistas estrangeiros,  
estas vítimas ulceradas.  
E como se tanta miséria não bastasse  
o homem polui os rios, a terra, o ar,  
os mares.  
Laboratórios espaciais  
usinas nucleares  
ameaçam a humanidade.  
Os TEMPLOS, antes sagrados,  
são agora profanados.  
Hóstias espalhadas pelo chão.  
Operários e professores mal assalariados  
entram em greve, rebelam-se  
e a natureza também anda rebelada.  
Explode o Etna, na Itália.  
No Irã, no México, nos Estados Unidos  
terremotos  
enchentes  
maremotos  
furações  
destroem, matam.  
Este é o ANO CHAVE DA MULHER;  
Margareth Thatcher tem nas mãos  
o destino da Inglaterra  
Eunice Michilis assume uma cadeira no Senado  
Lídia Gueiler salva a democracia na Bolívia  
e Maria de Lourdes Pintassilgo

governa Portugal.  
 Uma mulher pequena  
 uma mulher frágil e forte  
 uma mulher santa  
 recebe o Prêmio Nobel da PAZ  
 por sua missão de amor e fraternidade.  
 E aplica todo o dinheiro  
 em prol dos renegados da sociedade.  
 João Paulo II percorre a Europa e América  
 buscando iluminar  
 a escuridão espiritual  
 da humanidade.  
 E vai também à Turquia.  
 Na esperança de reconduzir ao seio do Vaticano  
 o tresmalhado rebanho oriental.  
 Nem tudo está perdido:  
 ainda resta uma esperança  
 neste mundo convulsionado:  
 É NATAL! JESUS vai renascer:  
 ALELUIA! ALELUIA!  
 os cérebros e corações hão de se humanizar  
 inspirados em JESUS  
 e em Madre Tereza de Calcutá.  
 Paz na terra, SENHOR!  
 por Teu Amor  
 envolve o mundo em teus braços.  
 Paz na Terra, Senhor  
 para que o teu amor possa reinar.

(PINA, M. L. M. **Flagrando a Vida**. Aracaju: SEGRASE, 1983, p.77 a 82)

Escolhemos esse texto poético porque ele retrata as principais temáticas do livro. Inicialmente realiza uma retrospectiva dos fatos do ano de 1979, destacando os conflitos no Oriente Médio; o acordo de Camp David, celebrando a paz entre o Egito e Israel; os conflitos no Irã com a deposição do Xá Mohammad Reza Pahlevi em razão da revolução fundamentalista islâmica liderada pelo Aytolá Komeiny; conflitos no Líbano; prisão de norte-americanos na embaixada dos EUA no Irã e queda de ditadores na África e na América. Na segunda parte do poema a atenção é voltada para as crianças e velhos desamparados pela sociedade. Na terceira parte dedica-se a relatar os desastres da natureza no mundo. Na quarta parte enaltece os feitos de mulheres importantes na vida política e religiosa. Por último, ressalta os trabalhos desenvolvidos por Madre Tereza de Calcutá (prêmio Nobel da Paz em 1979) e do Papa João Paulo II e a esperança no Natal para que o amor de Jesus auxilie na humanização do homem.

Em relação à concepção da história presente no poema percebemos que está atrelada a sua formação, ou seja, associada a uma história tradicional baseada no positivismo, onde os fatos falam por si, são verdades absolutas e as transformações da sociedade estariam

ancoradas nas ações dos seus heróis e vultos. Vinculada a esse pensamento, soma-se a visão religiosa de que as soluções dos problemas da humanidade estariam em Jesus Cristo.

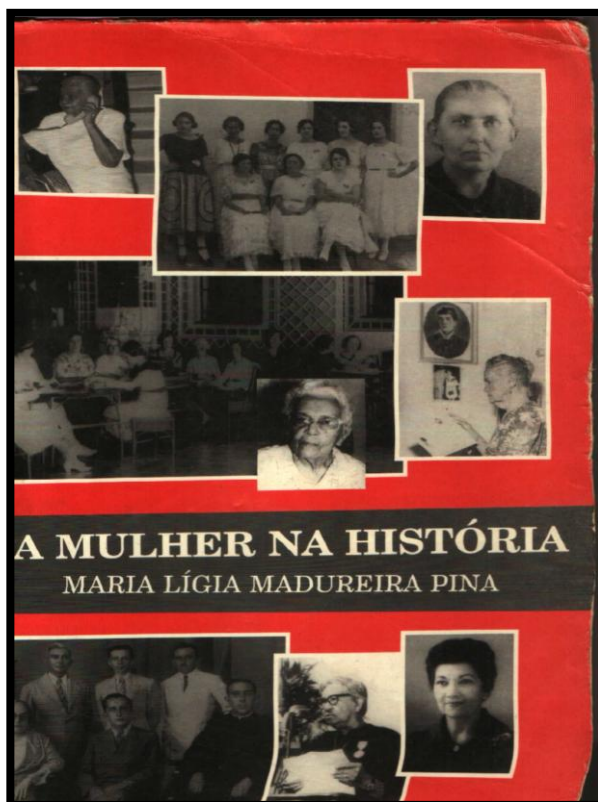
#### 4.2. – “A MULHER NA HISTÓRIA”

O livro *A Mulher na História* foi resultante de ampla pesquisa a respeito das mulheres que se destacaram na História. Esta pesquisa teve origem na solicitação, por parte do presidente da Academia Sergipana de Letras, Antônio Garcia, no sentido de que Pina elaborasse um artigo sobre uma temática sergipana. Após algumas considerações, ela resolveu:

Aí me veio uma ideia, por que não uma mulher? Imediatamente me veio o nome de Quintina Diniz de Oliveira Ribeiro, a primeira deputada de Sergipe. Eu disse: é o que eu vou fazer. Comecei a pesquisar. Foi muito difícil, como já falei para encontrar os dados. A família não sabia de nada e tal, depois eu fui a Salvador pra encontrar os parentes de lá, as sobrinhas dela. Foi lá que consegui. Fui falar com D. Leyda Regis pra ela me falar sobre D. Quintina– porque ela havia sido aluna de D. Quintina, na Escola Normal. No desenvolver da conversa ela me falou sobre a Dra. Cesartina Regis, a irmã dela, aí me deu assim uma paixão por D. Cesartina, pelo trabalho dela, por tudo que ela realizou. Daí veio a ideia de não falar só sobre D. Quintina, mas sim falar sobre outras pessoas também. Assim surgiu a ideia do livro. Eu disse: eu vou fazer um livro sobre essas mulheres (Lígia Pina, 2004).

O livro contém 403 páginas e teve o apoio do Governo Estadual na sua impressão. Está organizado em 10 capítulos e, como critério de estruturação, a prof.<sup>a</sup> Lígia Pina organizou o material pesquisado de acordo com a divisão tradicional da História em idades, ou seja, História Antiga, História Moderna e História Contemporânea. Os períodos da História do Brasil ocorrem concomitantemente com as idades Moderna e Contemporânea.

**Figura 09** – Capa do livro “A Mulher na História”



Fonte: Acervo do Autor

O capítulo 1 discute as origens da discriminação feminina, analisando as condições biológicas e de maternidade que contribuíram para firmar o pensamento da fragilidade e inferioridade femininas. Segundo a autora,

[...] devido à menstruação, à gravidez e à maternidade deu-se a discriminação na divisão do trabalho nos grupos primitivos e consequentemente em toda a sociedade posterior. O homem ia caçar, pescar, cortar árvores e a mulher ficava em casa, cozinhando, varrendo, cuidando de filhos, cuidando da plantação, quando esta ficava próxima à moradia. E à medida que as sociedades foram evoluindo, que foi inventada a escrita e foram surgindo as profissões intelectuais, as mulheres ficaram de fora (PINA, 1994, p.28).

Nos Capítulos 2 e 3, referentes às civilizações orientais e da Antiguidade Clássica, o destaque é a sociedade israelense, por meio das citações dos textos bíblicos do Velho Testamento. Na antiguidade clássica a temática focaliza a cidade de Atenas, demonstrando o pouco espaço destinado às mulheres. As exceções foram as heteras<sup>27</sup> que podiam transitar

---

<sup>27</sup> Eram consideradas cultas, eloquentes, companheiras dos homens livres para festas e banquetes. Alguns estudos afirmam que eram prostitutas de luxo. Ver: Neto (2011)

livremente e exercer a retórica em reuniões, destacando Aspásia, que fora esposa do legislador Péricles.

O capítulo 4 retrata a Idade Média e demonstra as principais características do período. Em relação à mulher. Nesse capítulo Pina (1994) afirma: “[...] as únicas qualidades que lhes atribuíam eram a submissão e a fidelidade” (PINA, 1994, p. 46). Ressalta o surgimento da Mariologia no século XII, na qual sistematiza-se o culto à Virgem Maria, criando um modelo de mulher a ser seguido. Ainda no período medieval, destaca a luta de Joana D’Arc pela unificação da França na Guerra dos 100 anos. Outras também são destacadas, tais como Catarina de Siena, Maria de França e Cristina Pisan.

Nos capítulos 5 e 6 a autora analisa a situação das mulheres no período moderno, que compreende os séculos XV ao XVIII. Foram elas: Tereza D’ávila, que reformou a ordem das Carmelitas, e várias escritoras dentre as quais: Sórora Joana Inês de La Cruz, mexicana que escreveu poesias. De acordo com Pina (1994), no final dos tempos modernos surgiram os salões onde se reuniam os intelectuais e os nobres, a exemplo do salão de Madame de Geoffrin, e a participação das mulheres cultas na Revolução Francesa. No final do capítulo Pina enumera as mulheres escritoras e pintoras da França, Inglaterra, Alemanha e Suécia

O período da História Contemporânea é discutido no capítulo 7. Trata-se de um estudo das mulheres consideradas pioneiras. Nesta periodização histórica focaliza-se o século XIX e primeira metade do século XX, catalogando as personalidades femininas pelo país de nascimento (nos continentes: europeu e americano) e atividades desenvolvidas por elas, tais como engenheiras, enfermeiras, poetisas, romancistas, dançarinas, atrizes (teatro e cinema). No final do capítulo Lígia destaca uma relação de mulheres caracterizadas de feministas pelo fato de estudarem as causas das discriminações da mulher.

A partir do capítulo 8, o livro discute a situação da mulher no Brasil, iniciando o estudo nos séculos XVII e XVIII, especificamente na conjuração mineira (1789) enfatizando a poetisa Bárbara Heleodora, casada com o poeta Silva Alvarenga.

No capítulo 9, ainda sobre a História do Brasil, enumeram-se as mulheres que foram destaques no Império com a atuação de Maria Quitéria<sup>28</sup>, Sórora Joana Angélica<sup>29</sup> e Ana

---

<sup>28</sup> Maria Quitéria nasceu em 27 de julho de 1792, no município de Itapororocas/BA, filha de Quitéria Maria de Jesus e Gonçalo Alves de Almeida. Participou do Exército (vestida de soldado) que lutou pela independência do Brasil e da Bahia (1823). Foi condecorada pelo Imperador D. Pedro I. Faleceu em Salvador em 21/08/1853. ver: Schumacher e Vital Brazil (2000).

<sup>29</sup> Joana Angélica nasceu em 1762, na cidade de Salvador/BA. Filha de Catarina Maria da Silva e de José Tavares de Almeida. Iniciou a sua vida religiosa em 1782, quando entrou para o convento de Nossa Senhora da Lapa, em Salvador. De 1815 a 1817 foi a abadessa do convento. Morreu em 20 de fevereiro de 1823 quando tentava barrar a investida de soldados portugueses em invadir o convento em busca de pessoas que participavam do Exército em prol da independência. Ler Schumacher e Vital Brazil (2000).

Neri<sup>30</sup>. Em relação ao período republicano, amplia a relação de mulheres, dividindo-as por categorias profissionais, tais como escritoras, artistas plásticas, bailarinas, atrizes, cantoras, enfermeiras, musicistas, cientistas e operárias. Ao final do capítulo o estudo enfatiza as precursoras do movimento feminista no Brasil, a exemplo de Bertha Lutz.

O último capítulo é destinado às mulheres sergipanas que foram esquecidas ou são desconhecidas pela geração atual. O capítulo inicia-se demonstrando que o processo educacional feminino e sua profissionalização no magistério contribuíram para a ascensão da mulher na sociedade. A esse respeito, Freitas afirma:

As escolas normais constituíam um espaço de formação socialmente aceito, responsável pela profissionalização de um grande número de mulheres. A possibilidade de exercer uma profissão socialmente permitida garantia às mulheres a oportunidade de transcender o âmbito doméstico na busca de realização e independência social e econômica (FREITAS, 2003a, p. 37).

Nesse capítulo foram estudados traços biográficos de 50 mulheres sergipanas, a exemplo de Leyda Regis, Norma Reis, Cesartina Regis (primeira farmacêutica de Sergipe), Quintina Diniz (primeira deputada estadual de Sergipe) e Maria Rita Soares (juíza federal). Através do relato dessas mulheres a prof.<sup>a</sup> Lígia Pina faz uma retrospectiva histórica das lutas femininas pela igualdade entre os sexos.

**Quadro 11** – Relação das mulheres sergipanas estudadas no livro “A Mulher na História”

Nº	Nome	Formação	Atuação
1.	Alexandrina Madureira	---	Operária
2.	Amália Soares de Andrade	--	Taquígrafa e poetisa
3.	Ana Leonor Fontes	Magistério	Magistério
4.	Antônia Angelina de Figueiredo Sá	Magistério	Magistério
5.	Antonia Christina Waltering	Enfermagem	Enfermagem e Religiosa
6.	Áurea Zamor de Melo	Magistério	Magistério
7.	Carlota Sales de Campos	Magistério	Magistério
8.	Carmelita Pinto Fontes	Magistério	Magistério e escritora
9.	Celina de Oliveira Lima	Magistério	Magistério
10.	Cesartina Regis	Farmácia	Farmacêutica e Magistério
11.	Dalva Linhares Nou	Engenharia	Engenharia e Magistério
12.	Etelvina Amália de Siqueira	Magistério	Magistério
13.	Flora do Prado Maia	---	Romancista, cronista e

<sup>30</sup> Ana Justina Ferreira nasceu em 13 de dezembro de 1814 na Vila de Cachoeira de Paraguasu/BA. Filha de Luísa Maria das Virgens e de José Ferreira de Jesus. Casou-se como o oficial da Marinha Antonio Neri. Participou como enfermeira voluntária na Guerra do Paraguai (1865-70). Faleceu no Rio de Janeiro em 20/05/1880. Ver Schumacher e Vital Brazil (2000).



			poetisa.
14.	Francisca Marsilac Fontes	Odontologia	Odontologia
15.	Genésia Fontes	--	Filantropia – Orfanato
16.	Gizelda Moraes	Magistério	Magistério e escritora
17.	Guiomar Calasans Gonçalves	Odontologia	Odontologia
18.	Hilda Sobral	Magistério	Magistério
19.	Hildete Falcão Baptista	----	Primeira-dama do Estado
20.	Ítala Silva de Oliveira	Medicina	Medicina e jornalista
21.	Josefina Leite Campos	Magistério	Magistério
22.	Júlia Telles da Costa	Magistério	Magistério
23.	Leonor Telles de Menezes	Magistério	Magistério
24.	Leyda Regis	Magistério/Contabilidade	Magistério
25.	Lindalva Cardoso Dantas Guimarães	Magistério	Magistério
26.	Maria Augusta Moreira Lobão	Magistério	Magistério
27.	Maria Carmelita Cardoso Chagas	Magistério	Magistério e vereadora
28.	Maria da Conceição Melo Costa	Magistério	Magistério
29.	Maria da Conceição Ouro Reis	Magistério	Magistério, Jornalista e Psicóloga
30.	Maria da Conceição Perdigão Ferraz	---	Escritora
31.	Maria da Glória Portugal	Magistério	Magistério
32.	Maria das Graças Azevedo Melo	Magistério	Magistério
33.	Maria do Carmo Almeida Morais	---	Esteticista
34.	Maria do Céu Santos Pereira	Medicina	Medicina
35.	Maria Gilda Oliveira	--	Costureira
36.	Maria Hermínia Caldas	Magistério	Magistério
37.	Maria Luiza Prado	Magistério	Magistério
38.	Maria Marieta Teles de Meneses	Magistério	Magistério
39.	Maria Rita Soares Andrade	Direito	Advogada e Juíza
40.	Maria Thetis Nunes	Magistério	Magistério
41.	Norma Reis	Magistério	Magistério
42.	Núbia Nascimento Marques	Magistério	Magistério, escritora e poetisa
43.	Ofenísia Soares Freire	Magistério	Magistério
44.	Pláceres Mota	---	Poetisa
45.	Quintina Diniz de Oliveira Ribeiro	Magistério	Magistério e deputada estadual
46.	Rosa Maria Frião	Magistério	Magistério
47.	Rosa Moreira Faria	Magistério	Magistério e artista plástica
48.	Vivinha Sebrão	--	Escritora e poetisa
49.	Yvone Mendonça de Souza	Magistério	Magistério e poetisa

50.	Zizinha Guimarães	Magistério	Magistério
-----	-------------------	------------	------------

Fonte: Pina (1994)

De acordo com o quadro anterior podemos inferir que a escolha dessas mulheres está associada à formação no magistério e, principalmente, ao exercício do magistério. Das 50 mulheres elencadas 31 foram formadas na Escola Normal, representando assim 62% do total.

Em relação às outras formações temos os destaques para medicina, enfermagem, odontologia, engenharia e direito. No tocante ao exercício do magistério, 35 mulheres exerceram a profissão de professora, perfazendo um total de 70%. Outras atuações profissionais são ressaltadas, a exemplo de médica, enfermeira, advogada, juíza, taquígrafa, dentre outras. Do quantitativo estudado, somente duas são de profissões associadas às camadas menos favorecidas, ou seja, operária e costureira, evidenciando a composição social das mulheres que foram biografadas, vinculadas a segmentos elitizados da sociedade.

No tocante às fontes pesquisadas no livro, observamos uma vasta pesquisa bibliográfica em enciclopédias; a utilização da história oral, por meio de depoimentos de mulheres sergipanas que foram estudadas; pesquisa em jornais; fotografias (uso ilustrativo); poemas e crônicas. A utilização das fontes está em consonância com a concepção de História, atrelada à ideia de que a fonte, o documento, fala por si. Não encontramos questionamentos sobre as fontes pesquisadas.

Outro aspecto que encontramos no livro diz respeito de que História está falando. De uma concepção centrada nas ações de pessoas consideradas importantes e de relevância para a sociedade, as quais contribuíram para o fazer histórico. A título de ilustração dessa concepção, o capítulo sobre a mulher no Brasil inicia-se com o exemplo de Bárbara Heledora, esposa do poeta Silva Alvarenga, no final do século XVIII, e as mulheres que antecederam esse século?

Analisando a trajetória de vida da prof.<sup>a</sup> Lúcia Pina, percebemos que a representação da mulher sempre foi uma constante no seu processo de formação intelectual, principalmente na sua formação de normalista, por intermédio das práticas pedagógicas apreendidas nesse espaço escolar. Outro aspecto que devemos observar diz respeito a sua prática pedagógica, principalmente na sua produção acadêmica, por meio dos seus livros e atuação na Academia Literária de Vida, criada e composta exclusivamente por mulheres.

No entanto, a representação feminina foi mais presente na sua obra intitulada “A Mulher na História”, quando podemos constatar o legado desta obra em retirar do

esquecimento as mulheres sergipanas que foram pioneiras em diversas áreas, sendo ela utilizada como referência em várias pesquisas no campo da História da Educação.

Dessa maneira, das três dissertações defendidas no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe, cujo objeto é a trajetória de vida de professoras, essa obra foi referência em duas das dissertações<sup>31</sup>. Encontramos também citação desse livro na dissertação defendida por Meirevandra Soares Figuerôa – “Matéria livre... Espírito livre para pensar”: um estudo das práticas abolicionistas em prol da instrução e educação de ingênuos na capital da província sergipana (1881-1884). Destacamos também estudos realizados por Freitas (2003a e 2003b) sobre as representações de ex-normalistas, nos quais são analisados a formação e o ingresso no exercício do magistério e as trajetórias da vida acadêmica e profissional de Quintina Diniz de Oliveira Ribeiro, Ítala da Silva Oliveira e Maria Rita Soares de Andrade.

O livro “A Mulher na História” consta nas referências bibliográficas do Dicionário Mulheres do Brasil de 1500 até a atualidade biográfico e ilustrado; organizado por Schuma Schumacher e Érico Vital Brazil, editado pela Zahar editora, em 2000. Esse dicionário tem o propósito de resgatar e divulgar o papel das mulheres no processo histórico brasileiro. No entanto, observamos alguns equívocos na bibliografia, nas quais é mencionado que a prof<sup>a</sup> Lígia Pina é natural do Estado do Rio de Janeiro. A referência bibliográfica do livro A Mulher na História também contém erros. Neste sentido, é uma obra de referência para as pessoas que têm interesse de se debruçar sobre essas mulheres que se destacaram na sociedade sergipana.

#### 4.3 – “SATÉLITE ESPIÃO OBSERVANDO A VIDA NO PLANETA AZUL”

O terceiro livro publicado por Lígia Pina tem o título Satélite espião observando a vida no planeta azul. Os poemas são de temáticas semelhantes aos do “Flagrando a vida”, constituindo uma sequência dos fatos e acontecimentos do primeiro livro. Tem 108 páginas e contou com o auxílio da iniciativa privada para sua impressão.

---

<sup>31</sup> As dissertações são: Almeida (2009) e Santos (2006).

**Figura 10** – Capa do livro “Satélite espião observando a vida no planeta azul”



Fonte: Acervo do IHGSE

A imagem desse satélite representa a ampliação de visão da escritora em retratar os fatos e acontecimentos no planeta Terra. Os poemas foram classificados em quatro partes: Poemas em que se fala de vivência no planeta azul - as alegrias e as amarguras, mais amarguras do que alegria; Poemas em que se fala da natureza, da vida, do tempo, de Deus; Sonetos em que se fala de vida e morte, de amor, de saudade e de sonhos; e registros de viagens. Apresentamos os poemas com suas respectivas temáticas no quadro a seguir:

**Quadro 12** – Relação dos poemas do livro “Satélite espião observando a vida no planeta azul”

1ª Parte		
Poemas em que se fala de Vivência no planeta azul: as alegrias e as amarguras. Mais amarguras do que alegria		
Nº	Titulo das poesias	Temáticas
01	Vida de Nordeste	Não tem a data em que foi escrito. Relata o sofrimento dos nordestinos frente às intempéris da natureza e o esquecimento desses problemas por parte das demais regiões brasileiras
02	Mercados	Escrito em 31/05/1970 – revela as transações comerciais que ocorrem no cotidiano de um mercado.
03	Caminhos da solidão	Escrito em 29/05/1977 – descreve a situação de solidão entre os homens em razão do seu egoísmo.
04	O verdugo e a vítima	Escrito em 16/06/1985 – poema que versa sobre a violência da mulher patrocinada pelos homens
05	Ainda, a seca	Não tem a data em que foi escrito. Retrata o Nordeste mergulhado na seca e o êxodo dos nordestinos
06	Contrastes da vida	17/07/1967 - questiona as desigualdades no mundo e roga a Deus a sua

		justiça divina.
07	Reflexão	Não tem a data em que foi escrito. Descreve uma visão pessimista do homem por meio das suas lutas cotidianas e traz a morte como o fim de todos.
08	Césio 137	Não tem a data em que foi escrito. Retrata o acidente nuclear em Goiana com o césio 137, causando mortes e contaminação, caracteriza tal ação como obra de satã, e somente o Cristo poderá salvar o homem.
09	Era uma vez...	Escrito em 28/01/1986 – retrata a explosão da espaçonave Challenger
10	Dorme, o gigante!	Escrito em novembro de 1991 - conclama a humanidade a sair da letargia e acordar para os problemas que afligem o mundo
11	Reminiscências	Escrito em 23/06/1975 – recordação dos festejos juninos do seu período da infância e adolescência, as brincadeiras, as comidas e festas
12	Vento leste	Escrita em 09/10/1989. Descreve a queda do muro de Berlim, o fim das duas Alemanhas, agradecendo à virgem Maria e a Deus por tal acontecimento.
13	Libertação	Revela as mazelas humanas, fome, doenças e mortes.
14	Canto ao vendedor de quebra-queixo	Escrita em 05/11/1984 – narra a figura do vendedor de quebra-queixo que fazia parte do cotidiano aracajuano nesse período
15	Crepúsculo em São João Del Rei	Descreve a cidade em luto em decorrência da morte de Tancredo Neves em 21/04/1985.
16	O mensageiro de Cristo Chegou	Escrita em julho de 1998 – dedica a poesia ao papa peregrino, João Paulo II, em visita ao Brasil.
17	II lição de História a vida no planeta azul	Escrito em 25/12/1991 – faz uma retrospectiva dos acontecimentos do mundo e do Brasil naquele ano, cita os conflitos: Irlanda e Inglaterra, Guerra do Golfo, plano Collor, crise na educação, a segunda visita do Papa João Paulo II ao Brasil e conclui com a esperança no renascimento de Cristo no período natalino.
18	II Canto ao vendedor de quebra-queixo	Escrita no dia 29/07/1991 – lamenta o desaparecimento do homem que vendia quebra-queixo e indaga o que de fato aconteceu.
19	Tragédia em Parati	Descreve o desastre aéreo que vitimou Ulisses Guimarães.
20	Ao Herói	Enaltece os feitos de Ayrton Senna em razão da sua morte, colocando-o no panteão de herói nacional.
21	Lição de História o nosso mundo	Poema natalino que discute os acontecimentos mundiais e do Brasil durante a década de 1980, tais como: crise econômica mundial, fome, AIDS, planos econômicos no Brasil, constituinte, caos na educação no Brasil, guerra Irã e Iraque, e por último enaltece a ação evangelizadora do Papa João Paulo II.
<b>2ª Parte</b>		
<b>Poemas em que se fala da natureza, da vida, do tempo, de Deus.</b>		
<b>Nº</b>	<b>Título das poesias</b>	<b>Temáticas</b>
22	Suave crepúsculo	Escrito em Santo Amaro das Brotas, em 15/07/1967 – descreve o entardecer em Santo Amaro por meio da contemplação da natureza.
23	Flash sideral	Escrito em 17/10/1989 – descreve o alinhamento dos astros ocasionando um eclipse solar.
24	Miragens	Escrito em 30/05/1977 – imaginação infantil a cerca das formas e contornos das nuvens no firmamento.
25	Mundo em paz	Escrito em Santo Amaro das Brotas, em 09/01/1967 – o sentimento de paz e tranquilidade transmitido pela paisagem de Santo Amaro.
26	Poema I e II	Temática sobre rosas, flores e abelhas
27	Poema III e IV	Continuação da temática sobre a natureza
28	Poema V e VI	Sobre o arco-íris e o verão nordestino
29	Poema VII e VIII	Relata as brincadeiras de criança no morro da Bebê e a visão de uma Sílides (mulher esbelta, mitológica) bailando no rio Sergipe.

30	Poema IX, X e XI	Enaltece as flores e critica as paixões humanas
31	É o Nordeste	Descreve o sofrimento e a luta dos nordestinos
32	Ilha mágica	Escrita em 25/07/1990 – descreve a natureza exuberante de Fernando de Noronha
33	Alvorada no vale	Escrita em 14/01/1993 – retrata o amanhecer no interior, ressaltando as belezas naturais.
34	Crepúsculo no vale	Escrita em 10/01/1993 – mesma temática da poesia anterior, destacando o anoitecer no interior.
35	Quem é Deus?	Escrita em 24/04/1966 – caracteriza Deus como fonte da vida, passado e presente, e somente nele se realiza a verdadeira justiça.
<b>3ª parte</b>		
<b>Sonetos em que se fala de vida e morte; de amor e de saudade e de sonhos</b>		
<b>Nº</b>	<b>Título das poesias</b>	<b>Temáticas</b>
36	Chorando por papai	Escrito em 05/01/1961 – descreve os últimos instantes de vida do seu pai.
37	In memoriam	Homenagem a Dom Mário de Miranda Villas-Boas, bispo de Aracaju.
38	O Cordeiro pascal	Escrito em 39/03/1991 – refere-se ao momento da prisão de Jesus no período da semana santa.
39	A Busca	Escrito em 05/04/1991 – contém mensagens de sonhos e esperanças
40	Miragem	Escrito em 12/04/1991 – retrata a miragem de um rapaz semelhante a um deus do Olimpo que desperta paixões.
41	Natureza em festa	Escrito em 28/05/1991 – ressalta as belezas e a harmonia dos seres na natureza.
42	Só a saudade ficou	Escrito em 28/05/1991 – demonstra a situação depressiva após a morte da sua mãe e a cura deste estágio por meio da crença em Jesus.
43	Galaaz	Escrito em 28/09/1991 – estabelece uma comparação entre um cavaleiro medieval e Fernando Pessoa na defesa da cultura portuguesa.
44	Mais uma vez...	Poema sobre a morte de Milton Pinna enaltecendo as suas virtudes.
45	A Ayrton Senna	Escrito em 01/05/1994 – homenagem ao piloto Ayrton Senna no dia da sua morte
46	Dói só um sonho	Escrito em 20/05/1992 – durante um sonho ocorre o reencontro com a sua mãe já falecida.
<b>4ª parte - Registros de viagens</b>		
<b>Nº</b>	<b>Título das poesias</b>	<b>Temáticas</b>
47	Aquarela	Escrito em 06/07/1984 – descreve a paisagem da baía de Guanabara como se fosse uma aquarela.
48	Visão em Jerusalém	Relata os principais locais da cidade de Jerusalém ao tempo em que revive a sua história.
49	A Nova Jerusalém	Continuação da poesia anterior, destacando a atualidade da cidade e convivência de povos diferentes.
50	Lá Pietá	Escrito no Vaticano em julho de 1975 – diante da imagem de Nossa Senhora de Pietá, exalta as virtudes da Virgem Maria.
51	O Vale Encantado	Escrito em janeiro de 1973 – poesia sobre a paisagem do vale da Patagônia na Argentina.
52	Lourdes	Escrito na cidade de Lourdes-FRA em julho de 1975, descreve a gruta onde ocorreu a aparição de Nossa Senhora.
53	O Santuário de Palas Atenas	Descreve o areópago e o templo da deusa Atenas nas ruínas da Grécia.
54	A ilha sagrada	Egito em 1989 – descreve a visita ao templo de Ísis.
55	O Lamento da estátua	Escrito em janeiro de 1989 – relata a opulência da estátua como guardiã dos túmulos dos faraós.
56	Decifra-me ou te devoro	Egito, 1989 – poema dedicado ao monumento da esfinge.
57	Enigmática	Retrata a sua admiração perante as pirâmides do Egito de Keops,

		Kefrem e Mikerinos.
58	Fátima	Escrita em 24/09/1991 – relembra as aparições de Nossa Senhora na cidade de Fátima, Portugal.
59	Torre de Belém	Descreve a beleza da torre e do rio Tejo
60	Canto a Lisboa	Escrito em setembro de 1991 – descreve os principais monumentos da cidade de Lisboa.

Fonte: Pina (1998).

Mediante esse quadro os poemas foram escritos no período de 1961 a 1993, mas percebemos um número considerável de poemas (24) escritos entre o final da década de 1980 e início da década de 1990. As temáticas são semelhantes às discutidas no primeiro livro, com a ampliação de temas ligados à política brasileira e suas viagens pela Europa e Oriente Médio.

Merecem destaque nessa coletânea os poemas que fazem referência à viagem realizada em 1989, ao Oriente Médio, em especial a Israel. Em relação a esse período, a professora Lígia Pina nos relata:

Nós ficamos hospedados no Kibutz<sup>32</sup> em Schefaim, 38 pessoas de vários Estados do Brasil. Tínhamos aulas o dia todo até as 19h, sempre tínhamos algumas aulas à noite. Aulas teóricas e depois estão tínhamos as práticas, visitando as escolas, as escolas do próprio Kibutz, de educação infantil, muito interessante, visitamos um colégio de periferia, como nós chamamos aqui, uma coisa extraordinária esse Colégio. [...] Depois visitamos também a Escola de Formação de Professores, também muito interessante. Visitamos a Universidade de Barilan [...] Depois então, fomos conhecer o país. Foi muito interessante tudo por conta do Governo de Israel. [...] e foi assim uma viagem que para mim foi extraordinária, porque eu era professora de História e então conhecia todas essas coisas desde minha juventude, da minha adolescência, através dos livros, como estudante (Ligia Pina, 2004).

Por meio dessa viagem, a professora Lígia Pina conheceu o sistema educacional de Israel em todos os níveis, bem como a oportunidade de conhecer os países de Israel, Egito e a Grécia. Tal experiência contribuiu para a ampliação do seu repertório cultural, representou a realização de um sonho da adolescência e repercutiu nas suas práticas pedagógicas em sala de aula, pois relatava e socializava os conhecimentos adquiridos nessa viagem.

Na sequência apresentamos o poema Vento Leste. Não tem data, ma, pelos relatos dos acontecimentos, podemos datá-lo de 1989, quando ocorreu a queda do Muro de Berlim

### **VENTO LESTE**

Até que enfim, caiu o muro de Berlim!  
Caiu o muro da vergonha

<sup>32</sup> O kibutz é uma criação original de Israel – “um multigeração, assentamento rural, caracterizada pelo seu estilo de vida da comunidade coletiva e cooperativa, gestão democrática, a responsabilidade pelo bem-estar de cada membro adulto e criança, e propriedade compartilhada de seus meios de produção e consumo. [...] O primeiro kibutz, Degania, foi fundada por um grupo de uma dúzia, jovens pioneiros em 1910, ao longo das margens do Mar da Galileia”. Ver o site [www.kibbutz.org.il](http://www.kibbutz.org.il).

que partiu em duas, a Alemanha  
 após a 2ª Guerra Mundial:  
 ALEMANHA OCIDENTAL  
 ALEMANHA ORIENTAL,  
 ideologias diferentes  
 separando pais e filhos,  
 amigos e irmãos.  
 Fato inédito na história  
 de toda humanidade...  
 a Liberdade  
 substituiu, de repente  
 a Opressão  
 que abatia os alemães.  
 Aos quatro ventos anunciam  
 as TVS do mundo inteiro:  
 como pássaros evadidos  
 do viveiro  
 os alemães orientais  
 insatisfeitos,  
 fogem em massa  
 para o lado ocidental.  
 A República Marxista  
 esvaziada,  
 chega ao fim.  
 É a vitória da Liberdade  
 sobre a Tirania  
 a derrocada da Força  
 pela soberania da Razão.  
 Mudar é preciso  
 o regime desgastado  
 por quarenta e cinco anos  
 de violência, de opressão.  
 Caiu o Muro de Berlim!...  
 até que enfim...  
 caiu o muro da vergonha...  
 Está livre o povo da Alemanha;  
 marxismo nunca mais...  
 Da Polônia  
 o vendaval se espalhou  
 varreu a Hungria  
 e a Iugoslávia.  
 A Romênia e a Tchecoslováquia  
 expurgaram o regime comunista.  
 A Rússia abriu as portas para o mundo...  
 A cortina de ferro se partiu.  
 A terra respira aliviada,  
 melhora,  
 graças a Nossa Senhora.  
 LOUVADO SEJA DEUS

(PINA, M. L. M. **Satélite espião observa a vida no planeta azul**. Aracaju: Gráfica Popular, 1998, p. 26 e 27)

Nesse poema, cuja temática é a queda do muro de Berlim, em 1989, encontramos permanências nas concepções sobre a valorização de pessoas célebres e heróis que

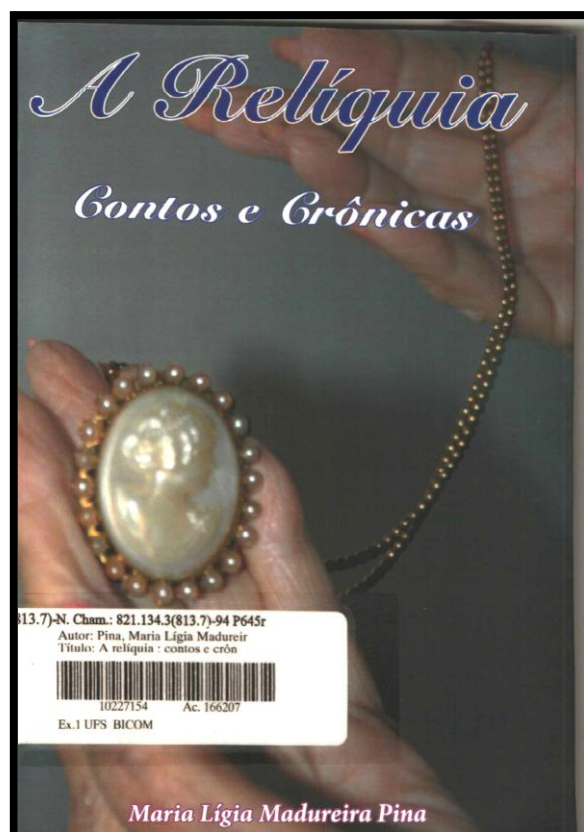


contribuem e conduzem o fazer histórico; a destruição do marxismo não estabelece um debate teórico; os fatos vinculados pela televisão são considerados verdadeiros; o pensamento religioso de que todo o mal propagado pelos regimes socialistas no Leste Europeu foi banido com a ajuda de Nossa Senhora.

#### 4.4. – “A RELÍQUIA”

O último livro publicado da prof<sup>a</sup> Ligia Pina, em 2008, tem o título *A Relíquia – contos e crônicas*. Possui 150 páginas e foi editado com recursos próprios. Foi inspirado na obra homônima de Eça de Queiroz publicada em 1887.

**Figura 11** – Capa do Livro “A Relíquia”



Fonte: acervo da BICOM/UFS

O livro está dividido em duas partes. A primeira é composta de 16 contos e a segunda tem 22 crônicas. Os textos, de acordo com Pina (2008), são frutos dos seus questionamentos, fantasias e de momentos históricos, registrados desde a sua adolescência até a primeira década do século XXI.

**Quadro13** - Relação dos contos e crônicas do livro “A Relíquia”

Nº	Título dos Contos	Síntese
01	A relíquia	História de uma joia do século XVII que representa um romance, e para perpetuar esse amor a joia é repassada às mulheres da família.
02	Retorno	O retorno à terra natal de um moço em busca do seu amor que havia deixado, mas quando chegou à localidade a sua amada já estava casada com outra pessoa.
03	O ex-combatente	Descreve a saga de um rapaz que deixou o seu estado de origem e foi convocado para lutar pelo Exército Brasileiro na segunda guerra mundial. Sobrevive às batalhas, e ao retornar para o Brasil, no dia que fora convidado para desfilar no 07 de setembro ele morre.
04	A dádiva	Narra a história de Rachel e Emanuel que são separados pelo destino. Emanuel morre num treinamento militar, ficando Rachel em estado de tristeza profunda e ao ouvir a voz do seu ex-amado encontra uma criança embaixo da sua cama a quem nomeou de Emanuel.
05	O colar de diamantes	Lili, uma moça humilde se deslumbra com um colar de diamantes na joalheria, trabalha o ano inteiro, realiza uma poupança e no dia em que foi realizar a compra, o dono do estabelecimento solicitou à polícia que a prendesse, confundindo-a com uma ladra. Na delegacia explicou toda sua história, comprovou a existência do dinheiro junto ao banco. Foi liberada, desistiu da compra, mas ganhou o amor do delegado, após alguns anos de casados, numa noite de Natal, ele a presenteia com o colar que ela tanto desejava.
06	O roseiral do milagre	A história é narrada em Jerusalém no jardim de Rachel onde brotava a mais linda rosa branca. Passam-se 33 anos e na frente da sua casa Jesus Cristo passa em via sacra a caminho do calvário, para em frente ao jardim, derrama gotas de sangue em razão da coroa de espinho e, no ano seguinte, entre as rosas brancas que brotaram, surgiu uma rosa respingada de vermelho simbolizando o sangue de Jesus.
07	Migração	Por meio dos sonhos a personagem viaja pela história da Índia, China, Palestina e Grécia. Nessa viagem encontrou-se com Buda, Confúcio, filósofos gregos e Jesus Cristo.
08	O pequeno grande povo	Por intermédio da história da família de Jacob é transmitida a história do povo judeu, suas diásporas e a formação do estado no século XX
09	Foi o destino	Narra a história de amor entre Marilúcia e Sergio, que, prestes a casar, descobriu a falência da família, desistiu do casamento, foi morar em outro estado no intuito de construir uma fortuna e retornar a sua cidade natal para casar-se com sua amada. Os dois se reencontraram no front de batalha na segunda guerra mundial. Ele médico e ela enfermeira, retornaram ao Brasil e casaram-se.
10	No Reino encantado	Um conto de fadas sobre a história de Aya e Osir. Ele abandona a esposa e o filho para viver nas festas.
11	Quem sou eu?	A história de Nayara que, por meio de pesquisas junto aos pais descobre a sua descendência indígena.
12	Noite de Natal	Conto natalino que narra o reencontro do pai italiano com a sua filha que veio morar no Brasil, no interior do Paraná.
13	De quem é o Ouro	Numa cidade do interior nordestino foi encontrado um saco no meio da rua onde continha pedras de ouro. Após muita confusão, o prefeito resolveu comprovar a veracidade das pedras na capital. Descobriu que é ouro de verdade, comprou um carro e fugiu para outro estado. No caminho ocorreu um acidente de automóvel e o prefeito morreu.
14	Uma proposta inusitada	Em meio ao sonho ou realidade, um ser estranho aparece à escritora solicitando ajuda para salvar o planeta Terra. Desconfiada das intenções da criatura, passou a interrogá-lo, contribuindo para que o ser estranho

		desistisse da sua proposta. Nesse momento ela acordou.
15	Histórias de casamento	São duas histórias ocorridas na década de 1930. A primeira descreve a desistência do noivo, no dia do casamento, e o reencontro 10 anos depois onde concretizaram esse sonho. Na segunda o noivo desistiu e um convidado da festa pediu ao pai da noiva permissão para casar-se, celebrando assim tal casamento.
16	Passageiro do DC10 Varig	No voo entre Brasília e Porto Alegre um senhor sentou-se ao seu lado e começaram a conversar sobre temas variados. Ao desembarcar, percebeu que o senhor que estava ao seu lado era Tancredo Neves. Nesse momento a escritora acordou.
<b>CRÔNICAS</b>		
<b>Nº</b>	<b>Título</b>	<b>Temática</b>
01	Lei Áurea e suas consequências	Descreve as consequências para o Brasil com a abolição da escravidão, tais como: crise econômica dos antigos senhores, queda da monarquia, deslocamento do eixo econômico para o sudeste e a introdução da mão de obra imigrante. Enaltece o ato de bondade da Princesa Isabel em assinar a Lei Áurea.
02	E o gigante despertou	Texto sobre a queda do regime militar e o retorno da democracia com a eleição indireta de Tancredo Neves em 15/01/1985.
03	Brasil à deriva	Analisa as crises econômicas no Brasil nos governos de Sarney e Collor.
04	República Nova ou a mesma Velha República?	Demonstra o descontentamento do governo de José Sarney e a morte da esperança ocorrida com o falecimento de Tancredo Neves em 21/04/1985.
05	Com os dedos cruzados	Outra crítica ao governo Sarney em relação ao seu desrespeito ao texto constitucional que havia jurado.
06	Dia internacional da mulher	O texto comenta as pesquisas realizadas que fizeram parte do livro “A Mulher na História”. Destaque especial para as mulheres sergipanas.
07	A artista da História de Sergipe	Descreve a biografia da museóloga e artista plástica Rosa Moreira Faria.
08	Mulher forte quem a encontrará?	Necrológico em homenagem à professora Núbia Marques.
09	Sambista diferente	Texto sobre a morte da cantora Clara Nunes.
10	Retrospectiva	Recordações sobre os períodos de férias, na década de 1960, na cidade de Santo Amaro das Brotas/SE.
11	Um empresário idealista	Ressalta os investimentos empresariais de Augusto Luz, tais como: cinema Guarany, carro de propaganda e a locação da Rádio Aperipê.
12	Véio, o artista plástico do Nordeste	Analisa as obras de arte de Cícero Alves dos Santos, o Véio, localizadas no município de Feira Nova/SE.
13	Noite de Gala	Texto que ressalta a importância da televisão em razão dos programas culturais a que assistiu no dia 23/06/2000.
14	O Santo Sudário	Relata os estudos científicos que comprovam a veracidade do manto que cobriu Jesus no leito da sua morte.
15	155 anos da Igreja do Santo Antônio	Representando a Academia Sergipana de Letras, proferiu palestra sobre o evento, destacando a vida de Santo Antônio e, em seguida, a história do bairro onde se localiza a igreja.
16	Deus atirou uma pedra no mundo	Texto sobre o fenômeno natural do trovão.
17	Dois tragédias gregas	Narra a morte de três irmãs atropeladas por um ônibus e descarte de um bebê recém nascido na lata do lixo.
18	Fresta	Comentários sobre o livro de poesias de Eduardo Garcia.
19	Aquário	Resenha sobre o livro de poesias de Eduardo Costa, membro da ASL.
20	Sementear	Resenha sobre o livro de poesias de José Sergival Silva, membro do MAC.

21	A pele do ar	Resenha sobre o livro de poesias de Carlos Britto, membro da ASL.
22	Cantar de Ariadne	Resenha sobre o livro de poesias de Vagner da Silva Ribeiro.

Fonte: Pina (2008)

As narrativas dos contos versam sobre temáticas diferenciadas, tais como: romances com a idealização do amor; inspiração em acontecimentos históricos, a exemplo da participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial; sonhos e esperanças em dias melhores por meio da fé. No que tange às crônicas, percebemos uma crítica à situação econômica do Brasil no final da década de 1980 e início da década de 1990, questionando o regime e a nova constituição; crença nos heróis nacionais, a exemplo de Tancredo Neves e Ayrton Senna. Existem crônicas que foram publicadas em jornais e revista, e as últimas são resenhas de livros publicados por membros da Academia Sergipana de Letras.

#### 4.5 – A NOVA HORA LITERÁRIA

Em 1991, quando se aposentaram do CODAP, as professoras Lígia Pina e Maria da Conceição Ouro Reis criaram um espaço de encontro para discutir e socializar as produções literárias e acadêmicas. Nesse sentido, convidaram mais 10 amigas e denominaram esse encontro de “Hora Literária”, em homenagem ao embrião da Academia Sergipana de Letras, criado em 1919.

**Figura 12** - Acadêmicas da Academia Literária de Vida



Fonte: [academialiterariadevida.blogspot.com.br/](http://academialiterariadevida.blogspot.com.br/).<sup>33</sup>

<sup>33</sup> Registro fotográfico das comemorações dos 19 anos da Academia Literária de Vida (2011) – Relação das Acadêmicas da esquerda para a direita: Maria Hermínia Caldas, Ângela Margarida Torres de Araújo, Ivone Mendonça de Souza, Josefina Cardoso Braz, Maria Lígia Madureira Pina, Maria Conceição Ouro Reis, Shirley Maria Santana Rocha, Adelci Figueiredo Santos e Cléa Maria Brandão de Santana. Acesso: 12/02/2016.

A citada agremiação feminina foi fundada em 20 de dezembro de 1992, e em 19 de dezembro de 1993 passou a ser denominada de Academia Literária de Vida (ALV), sugestão da sócia Maria da Conceição Ouro Reis. Segundo a professora Lígia Pina:

A Academia Literária de Vida foi um sonho de muitos anos. Eu sempre pensava em criar um órgão, não uma Academia. A ideia não era criar uma Academia, mas criar um momento em que a gente se reunisse e que pudesse apresentar aos outros os nossos trabalhos, fazer as críticas, dar as opiniões, etc. Eu lançava a semente praticamente todo ano, lá no Codap, todo mundo achava ótimo, se entusiasmava, mas não ia pra frente. Quando nós nos aposentamos eu voltei a fazer a proposta e então como estamos sem fazer nada, começamos no dia 20/12/92. (Lígia Pina, 2004)

Observamos que a ALV surgiu pelo idealismo dessas professoras recém-aposentadas, tendo em vista uma necessidade de espaço para discussão e difusão de um campo literário onde pudessem ter voz e serem ouvidas, surgindo assim um espaço eminentemente feminino, seria um contra ponto ao espaço androcentrico da ASL?

Sobre a organização das reuniões, sua dinâmica e seus espaços a professora Ligia Pina nos relata:

Nós começamos a nos reunir urna vez por mês, todo último domingo do mês. O começo foi muito difícil, às vezes umas vinham, outras não vinham, mas eu com aquela persistência que até chamei atenção da professora Yvone. Uma vez ela citou isso em reunião. Pela minha persistência, pelo idealismo é que a academia foi pra frente. Às vezes as pessoas não vinham iam fazer outras coisas, mas eu fazia as reuniões com 03,04, com quantas viessem pra não desestimular as pessoas que vinham e então assim foi criando corpo e alma durante esses anos. Agora está com 11 anos. Nós apresentamos nossos trabalhos, discutimos, conversamos sobre tudo o que está se passando no país, no mundo. As reuniões são muito interessantes (Lígia Pina, 2004).

A Academia Literária de Vida foi criando uma sistemática de reuniões e de pautas. Em seguida, organizou a sua estrutura de membros, utilizando como inspiração a estrutura da Academia Sergipana de Letras. O quadro na sequência apresenta a relação das patronas e suas respectivas acadêmicas:

**Quadro 14** – Relação das patronas e acadêmicas da Academia Literária de Vida

	<b>PATRONAS</b>	<b>ACADÊMICAS</b>	<b>OCUPAÇÃO</b>
1.	Maria Marieta Telles de Menezes	Maria Lígia Madureira Pina	Magistério
2.	Cesartina Régis de Amorim	Marlayne Lopes de Almeida	Magistério
3.	Leonor Teles de Menezes	Maria Hermínia Caldas	Magistério
4.	Maria Rita Soares de Andrade	Maria Conceição Ouro Reis	Magistério
5.	Maria da Conceição Melo Costa	Cléa Maria Brandão de Santana	Magistério
6.	Etelvina Amália de Siqueira	Josefina Cardoso Braz	Magistério
7.	Júlia Teles Costa	Yvone Mendonça de Souza	Magistério

8.	Carlota Salles de Campos	Ângela Margarida Torres de Araújo	Magistério
9.	Núbia Nascimento Marques	Shirley Maria Santana Rocha	Jornalista
10.	Ítala Silva	Raylane Andreza Dias Navarro Barreto	Magistério
11.	Quintina Diniz de Oliveira Ribeiro	Adelci Figueiredo Santos	Magistério
12.	Flora do Prado Maia	Sandra Maria Natividade	Jornalista

Fonte: <http://academialiterariadevida.blogspot.com.br/><sup>34</sup>.

As patronas foram escolhidas pelos seus feitos literários e acadêmicos e por serem destaques na sociedade sergipana; inclusive todas fazem parte do grupo de mulheres biografadas no livro “A Mulher na História”. Com o falecimento da professora Lyeda Regis, em 1998, a ALV a elegeu como Patrona de Honra. As reuniões ocorrem uma vez ao mês. Inicialmente o espaço de reuniões era rotativo, passando a se estabelecer na residência da professora Lígia Pina, situada à Travessa José Vieira de Andrade, 05, bairro Getúlio Vargas, Aracaju.

Além das reuniões mensais, a Academia Literária de Vida promove eventos literários e culturais, seminários, entre outros. Participa também desses tipos de eventos, a exemplo da 2ª bienal do livro de Itabaiana/Se, em 2013.

**Figura 13** - Participação da Academia Literária de Vida na 2ª Bienal do Livro de Itabaiana



Fonte: Acervo da Academia Literária de Vida <sup>35</sup>.

Na imagem exposta anteriormente, percebemos no stand da ALV os propósitos de divulgar as suas ações, por intermédio do seu histórico e da composição das patronas e

<sup>34</sup> Acesso 12/02/2016.

<sup>35</sup> Participantes: Marta Hora, Josefina Cardoso Braz, Shirley Maria Santana Rocha e a Profª Lígia Pina.



acadêmicas, como também a intelectualidade feminina sergipana com o histórico de cada patrona da ALV. Constam no mobiliário elementos que remetem ao ofício do (a) escritor (a), tais como: escrivaninha, máquina de datilografia e livros.

Mesmo após o falecimento de Lígia Pina as reuniões continuam acontecendo no mesmo espaço, como nos informou uma das suas acadêmicas: “Então nós nos reuníamos uma vez por mês. E quero dizer que mesmo depois da morte dela a gente continuou, a gente continuou em memória dela porque o que ela tinha como maior preocupação era morrer e aquilo morrer também” (Cléia Brandão Santana, 2015).

Por meio desse depoimento fica evidente que uma das preocupações da prof.<sup>a</sup> Lígia Pina ao fundar a ALV era o esfacelamento dos seus membros e a descontinuidade dos seus trabalhos, pois é a única academia literária feminina no Estado. Além de possuir estatuto próprio e atas de reuniões, a ALV disponibiliza suas publicações no seu blog na internet.

#### 4.6 – A IMORTAL LÍGIA PINA

A entronização da imortalidade da professora Lígia Pina na Academia Sergipana de Letras (ASL) ocorreu no dia 13 de maio de 1998, assumiu a cadeira de nº 27. No entanto, sua vivência entre os acadêmicos da ASL data do final da década de 1980, através da participação no Movimento de Apoio Cultural (MAC).

**Figura 14:** Imagem frontal do prédio da Academia Sergipana de Letras



Fonte: <http://www.institutomarcelodeda.com.br><sup>36</sup>.

<sup>36</sup> Acesso: 18/02/2016

A criação da Academia Sergipana de Letras, em 1º de junho de 1929, foi fruto de um processo de aglutinação do campo intelectual sergipano verificado nos primeiros decênios do regime republicano. Os intelectuais sergipanos foram os porta-vozes da modernidade propagada pelo novo regime político, com suas propostas salvacionistas para o país e para o estado por meio das ideias educacionais, científicas e culturais. Neste sentido, esse grupo de pessoas (homens e mulheres) que participava ativamente das instituições criadas nesse período:

Cientes do poder da educação, os intelectuais locais criaram o Gabinete Literário Tobias Barreto, Gabinete Literário de Aracaju, o Gabinete de Leitura de Riachuelo, a Casa do Livro de Capela, o Centro Cívico Amintas Jorge, o Grêmio Tomaz Cruz, a Liga Sergipense Contra o Analfabetismo e o Centro Pedagógico Sergipano [...]. Através dessas instituições procuraram incentivar a prática de leitura e alfabetizar os segmentos menos favorecidos da sociedade (SOUZA, 2002, p.197).

Com essas instituições, os intelectuais acreditavam que seria possível retirar a população do país e do Estado da situação de ignorância e colocá-la nos trilhos do progresso. Outras instituições também foram criadas em Sergipe para reforçar esses propósitos, tais como: o Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (1912), o Clube de Esperanto, a Hora Literária (1919), dentre outras.

A Hora Literária foi criada com a finalidade de ser uma instituição de caráter recreativo, onde os poetas, escritores e professores pudessem debater temas, recitar poesias e difundir a cultura letrada em Aracaju. Em 1927, por meio de uma assembleia entre os membros da Hora Literária, foi aprovada a transposição de uma sociedade recreativa para uma de caráter acadêmico, dando-se assim a criação da Academia Sergipana de Letras, consolidada em 1º de junho de 1929.

Entre o período de 1919 até a consolidação das 40 cadeiras, em 1931, verificamos nos documentos pesquisados a participação de mulheres como sócias da Hora Literária e na primeira configuração da Academia Sergipana de Letras. Nessa questão Pina (2004) nos alerta: “Da Hora Literária participaram Etelvina Amália de Siqueira, Leonor Teles de Mendonça e Cesartina Régis” (PINA, 2004, p.182). No jornal Correio de Aracaju do dia 20 de julho de 1927 publicou uma matéria em que relata a modificação do estatuto da Hora Literária, adquirindo uma formatação de Academia, relatando as 16 cadeiras criadas e seus respectivos patronos e os acadêmicos



**Quadro 15** – Relação dos (as) patronos (as) e acadêmicos (as) de 1927

	<b>PATRONOS (AS)</b>	<b>ACADÊMICOS (AS)</b>
1.	Tobias Barreto	Antonio Garcia Rosa
2.	Sylvio Romero	José de Magalhães Carneiro
3.	Fausto Cardoso	Cleomenes Campos
4.	Bittencourt Sampaio	José Augusto
5.	Ivo do Prado	D. Antonio Cabral
6.	Gumercindo Bessa	Manuel Santos Mello
7.	Curvêlo de Mendonça	Ranulpho Prata
8.	Felisbelo Freire	Manoelito Campos
9.	Maximino Maciel	Rubens Figueiredo
10.	Lapa Pinto	Jackson Figueiredo
11.	Maria Perdigão	Etelvina Siqueira
12.	Severiano Cardoso	Carlos Costa
13.	Frei Santa Cecília	Clodomir Silva
14.	Horácio Hora	Gilberto Amado
15.	Armindo Guaraná	Hevélcio Antrade
16.	Pedro Calazans	Hermes Fontes

Fonte: Jornal Correio de Aracaju, 1927.

Na ata da fundação da ASL, em 1º de junho de 1929, foi registrada e elencada a seguinte formação de patronos e acadêmicos:

**Quadro 16** – Relação dos patronos e acadêmicos 1929

	<b>PATRONOS</b>	<b>ACADÊMICOS</b>
1.	Tobias Barreto	Antonio Garcia Rosa
2.	Sylvio Romero	José de Magalhães Carneiro
3.	Fausto Cardoso	Cleomenes Campos
4.	Bittencourt Sampaio	José Augusto da Rocha Lima
5.	Ivo do Prado	D. Antonio Cabral
6.	Gumercindo Bessa	Manuel Santos Mello
7.	Curvêlo de Mendonça	Ranulpho Prata
8.	Felisbelo Freire	Manoelito Campos
9.	Maximino Maciel	Rubens Figueiredo
10.	Lapa Pinto	Arthur Fortes
11.	Lima Júnior	Costa Filho
12.	Severiano Cardoso	Carlos Costa
13.	Frei Santa Cecília	Clodomir Silva
14.	Horácio Hora	Gilberto Amado
15.	Armindo Guaraná	Hevélcio Antrade
16.	Pedro Calazans	Hermes Fontes
17.	Vigário Barroso	Mario Miranda Villas-Bôas
18.	J. Pereira Barreto	João Pires Wynne
19.	Coelho e Campos	Alpheu Rosas
20.	Caldas Junior	Maurício Cardoso

21.	Martinho Garcez	João Passos Cabral
22.	Cyro de Azevedo	Prado Sampaio
23.	Pedro Moreira	Júlio de Albuquerque
24.	Ascendino Reis	Oliveira Telles
25.	Dias de Barros	Carvalho Neto
26.	Mons. Fernandes Silveira	Florentino Teles de Menezes
27.	Manuel Luiz	Gervásio Barreto
28.	Conselheiro Orlando	Gervásio Prata
29.	José Lourenço de Magalhães	Augusto Leite
30.	José Jorge de Siqueira	Enock Santiago
31.	José Maria de Souza	João Esteves
32.	Jackson Figueiredo	Abelardo Cardoso
33.	Oliveira Campos	Humberto Dantas
34.	Oliveira Ribeiro	Edison Ribeiro
35.	Joaquim de Oliveira	Pedro Machado
36.	Brício Cardoso	Hunald Cardoso
37.	Guilherme Rebello	Marcos Ferreira
38.	Joaquim Fontes	Cícero Sampaio
39.	Aranha Dantas	Olegário da Silva
40.	Balthazar Góes	Epiphânio Doria

Fonte: Academia Sergipana de Letras (1999).

Ao compararmos os dois quadros, é perceptível no de 1929 a retirada da patrona Maria Perdigão<sup>37</sup> e da acadêmica Etelvina Siqueira<sup>38</sup>, as quais participavam da listagem de 1927. As atas do período são omissas em relação ao veto da participação feminina na fundação da ASL. Isso nos leva a crer que tal fato estava relacionado ao modelo de organização da ASL, que foi uma réplica do modelo da Academia Brasileira de Letras e que, por sua vez, acompanha o modelo francês. Por meio de uma interpretação unilateral do estatuto da ABL, os acadêmicos barravam a entrada das mulheres, fato que também se verificou aqui em Sergipe.

O ingresso das mulheres no cenário das Academias Brasileira e Sergipana de Letras só ocorreu no final da década de 1970. No âmbito nacional isso ocorreu com a eleição, em 1977 da escritora Rachel de Queiroz, e, em Sergipe<sup>39</sup> com a eleição da professora e escritora Núbia

<sup>37</sup> Maria da Conceição Perdigão Ferraz, conhecida como Concita Ferraz, nasceu em 26 de maio de 1895 e faleceu no dia 14 de agosto de 1915. Filha de Deusdedit da Silva Ferraz e Maria Amélia Perdigão. Na sua infância mudou-se para o Maranhão e, em seguida, para o Amazonas. Destacou-se como poetisa e redatora. Ver Pina (1994).

<sup>38</sup> Nasceu na cidade de Itabaiana/Se, em 05 de novembro de 1862, filha de José Jorge de Siqueira e Rosa Maria de Siqueira. Mudou-se para Aracaju, concluiu o curso normal em 1882, exerceu o magistério em colégios da capital e do interior, participou ativamente na campanha abolicionista por intermédio de seus artigos em jornais e no desempenho das suas funções de professora na Sociedade Libertadora Cabana do Pai Thomaz, organizada por Francisco José Alves. Escreveu vários discursos e poemas. Faleceu em 1935. Sobre Etelvina Amália de Siqueira ler: Figueirôa (1994) e Pina (1994).

<sup>39</sup> Na década de 1930, houve uma tentativa de eleição de Maria Rita Soares para a Academia Sergipana de Letras. “Em 1931, Maria Rita chegou a ser indicada para a Academia por Passos Cabral, mas teve o seu nome rejeitado” (FREITAS, 2003, p. 153).

Marques, em 1978. O fato de “permitir” a entrada de mulheres nesse espaço androcêntrico isso não traduz como uma vitória das lutas feministas, pois “a Academia ainda enxerga a elegibilidade feminina como uma prerrogativa” (FANINI, 2010, p.364). Micheli Asmar Fanini chegou a essa conclusão após analisar o processo que resultou da eleição de Rachel de Queiroz para a Academia Brasileira de Letras, demonstrando toda uma teia de relações pessoais e políticas que corroboraram para a alteração regimental e eleição da citada escritora. Só após esse processo ocorrido na ABL a ASL realizou a eleição da primeira mulher, Núbia Marques, que foi objeto de estudo de Melnikoff (2014), no qual esta autora ressalta que a professora Núbia fizera sua inscrição para concorrer a uma vaga em 1976 e esta foi indeferida. Somente em 1978 logrou êxito. Após a eleição de Núbia Marques outras mulheres foram eleitas, a saber:

**Quadro17** – Relação das acadêmicas na Academia Sergipana de Letras por ano da posse

	<b>ACADÊMICAS</b>	<b>Ano da posse</b>
1.	Núbia Marques	1978
2.	Ofenísia Soares Freire	1980
3.	Maria Thetis Nunes	1983
4.	Carmelita Pinto Fontes	1984
5.	Giselda Santana de Moraes	1992
6.	Maria Lígia Madureira Pina	1998
7.	Agláé D’Ávila Fontes	2004
8.	Marlene Alves Calumby	2004
9.	Clara Leite de Rezende	2004
10.	Ana Maria do Nascimento F. Medina	2008
11.	Luiza Maria da Costa Nascimento	2007
12.	Patrícia Verônica S. de Souza	2012

Fonte: Secretaria da ASL

Na atualidade, a ASL tem no seu quadro a participação de sete mulheres. São elas: Aglaé D’Ávila Fontes (cadeira nº12); Ana Maria do Nascimento F. Medina (cadeira nº 16); Clara Leite de Rezende (cadeira nº 07); Carmelita Pinto Fontes (cadeira nº 38); Luiza Maria da Costa Nascimento (cadeira nº 05); Marlene Alves Calumby ( cadeira nº 35) e Patrícia Verônica S. de Souza ( cadeira nº 32). Por meio desses dados, percebemos que o número de mulheres na ASL é flutuante e não existe um percentual a ser preenchido. A esse caráter podemos atribuir à participação da mulher como uma concessão? Por que não instituir um percentual de participação feminina? São questões para outra pesquisa.

#### **4.6.1 – Participações no Movimento de Apoio Cultural Antonio Garcia – MAC e na Academia Sergipana de Letras**

Com a finalidade de difundir a cultura e a produção literária, artística e científica de sergipanos, o presidente da ASL, Antonio Garcia Filho, criou em 25 de agosto de 1984 o Movimento de Apoio Cultural (MAC) patrocinado pela ASL. O MAC foi criado para auxiliar as atividades culturais da própria academia. Os seus membros se reúnem semanalmente antes das seções plenárias da ASL. Em 1999, em razão do falecimento do seu fundador, o MAC passou a ser denominado de Movimento Cultural Antonio Garcia, incorporando na sua estrutura organizacional os mesmos procedimentos da ASL, ou seja, o estabelecimento de cadeiras com seus patronos e seus respectivos ocupantes.

Ao redigir o texto de apresentação da revista da Academia Sergipana de Letras de nº 35, o atual presidente, Dr. José Anderson do Nascimento, ressaltou:

A importância desse movimento cultural, no cenário acadêmico, foi confirmada, de forma unânime, com eleição e posse de alguns dos seus antigos integrantes, para cadeiras acadêmicas, dentre eles: José Lima Santana, Acelino Pedro Guimarães, Maria Lígia Madureira Pina, Benvindo Sales de Campos Neto, Marcelo Ribeiro, Marlene Alves Calumby, Luzia Maria da Costa Nascimento, Marcos Antonio Almeida dos Santos e Domingos Pascoal de Melo (Revista da Academia Sergipana de Letras, 2010. nº35).

O MAC foi criado para dinamizar as atividades da ASL e composto por intelectuais que participavam das atividades patrocinadas pela ASL na condição de ouvinte. Nesses primeiros anos do MAC a prof.<sup>a</sup> Lígia Pina participou nas organizações de atividades e nas publicações de artigos para o jornal e revista da Academia. Sobre a sua participação no MAC ela relata:

A ideia de criar o MAC foi de Antonio Garcia Filho, que era presidente da Academia e ele resolveu fazer isso para abrir a Academia para pessoas, jovens e não jovens, mas abrir para a sociedade e então fundou essa associação anexa à Academia Sergipana de Letras (ASL) e foi ele quem me convidou para participar do movimento. Entrei e permaneci por vários anos, praticamente 10 anos lá no MAC e daí que veio a entrada pra ASL (Lígia Pina, 2004).

No percurso de sua participação no MAC, a Prof<sup>a</sup> Lígia Pina foi eleita imortal da ASL. Sobre esse processo ela nos relata:

Mas nunca que eu tivesse pensado nisso, nunca me passou pela cabeça de entrar pra ASL. Foi o próprio Dr. Antonio que me fez essa sugestão, ele disse: quando houver uma vaga na Academia não vamos mais convidar pessoas de fora sem que não tenham interesse de frequentar de estar conosco

aqui. Vamos colocar gente do nosso metier, do MAC, professora Lúgia, por exemplo, professor José Lima, são pessoas que estão conosco, são pessoas capazes. Ele foi quem falou isso.

Depois que lancei *A Mulher na História* foi que aquele acadêmico Hunaldo Costa, já falecido, fez um estudo sobre o livro, escreveu um artigo. Então ele se declarou assim: eu fiquei assombrado quando li este livro. Porque eu não pensava que fosse assim, tão profundo um estudo tão profundo sobre a mulher. Ah! Professora quando houver urna vaga na academia se candidate porque tem o meu voto. Que não seja no meu lugar.

Então quando morreu o Dr. Britinho<sup>40</sup> me candidatei. Dr. Carlos Britto candidatou-se também, o filho do Dr. Britinho. Pessoa de uma cultura extraordinária; uma sumidade Dr. Carlos Britto. Então ele foi eleito. Foram três candidatos, não sei se já falei isso antes, acho que já, Dr. Acelino e eu. Logo após faleceram mais dois acadêmicos: Dr. Benedito (a minha cadeira), Dr. Benedito Cardoso morreu em Salvador, tinha 90 anos e faleceu aqui depois Jose Maria do Nascimento e, então me candidatei à vaga de Dr. Benedito e Acelino se candidatou à vaga de Dr. José Maria e ninguém se inscreveu, nenhum concorrente, então nós fomos eleitos em dezembro de 1997 e tomei posse no dia 13/05/1998 (Lúgia Pina, 2004).

Mediante o depoimento da biografada são revelados alguns indícios dos procedimentos do seu processo de ingresso na ASL. Inicialmente vale destacar a sua participação nas atividades do MAC como referência no seu currículo para o convencimento dos demais imortais que fazem parte desse campo. Outro aspecto importante foram suas produções literária e acadêmica, principalmente o seu estudo sobre a história das mulheres, tornando-a referencial nessa área de pesquisa em Sergipe, reconhecida e referendada pelos seus pares. No entanto, não foi eleita na primeira disputa, pois a vaga foi preenchida pelo filho do acadêmico falecido que ocupava a cadeira de nº 33 e, em seguida, com o surgimento de novas vagas, prof.<sup>a</sup> Lúgia Pina fez uma nova inscrição, foi eleita em 1997 e sua posse ocorreu em 13 de maio de 1998.

Ainda sobre a eleição da professora Lúgia Pina para a cadeira de nº 27 da ASL, o atual presidente, Dr. José Anderson do Nascimento, relata o seu reencontro com sua antiga professora e o processo eleitoral:

Depois nos encontramos aqui na Academia, eu já acadêmico e ela começa a frequentar a convite do então presidente Doutor Antônio Garcia Filho, um movimento de apoio cultural criado por ele, e convidou pessoas da sociedade acadêmica, intelectuais de maneira geral para fazerem parte desse agrupamento e Maria Lúgia foi uma das primeiras a fazer parte disso. E a partir daí os laços de amizade começaram a se fortalecer mais.

---

<sup>40</sup> Nasceu na cidade de Propriá/SE em 11 de fevereiro de 1910. Mudou-se para Aracaju em 1923, para a continuação dos seus estudos. De 1928 a 1932 estudou na Faculdade de Direito da Bahia. Retornou a Sergipe, foi nomeado Juiz de Direito, exercendo a magistratura em diversas cidades sergipanas. Além de magistrado foi poeta e membro da Academia Sergipana de Letras de 1980 a 1997. Ver Santos (2002).

A cadeira dela é bem interessante, a cadeira dela tem como patrono o Manoel de Luiz Azevedo, mas eu considero como fundador da cadeira o Benedito da Silva Cardoso porque duas personalidades eleitas para a cadeira dela não assumiram, que é o Francisco Carneiro Nobre de Lacerda, ele foi eleito mas recusou-se à posse, e a mesma coisa com Antônio Gervásio de Sá Barreto, que foi eleito mas também não tomou posse e a cadeira de número 27 foi considerada vaga em 20/08/1948. Aí o Benedito Cardoso foi eleito para essa vaga e assumiu em 28/11/1949, certamente foi aberta a vaga em função de Antônio Gervásio em 1948 por não ter tomado posse e em 28/11/1949 e faleceu em Salvador em 1997. E Lúgia foi eleita para a cadeira, tomando posse em 13/05/1998 (José Anderson do Nascimento, 2015).

Mais uma vez foram ressaltadas como elementos que propiciaram a eleição da prof.<sup>a</sup> Lúgia Pina a sua participação no MAC e sua produção intelectual. Além desses fatores, a nova imortal já participava de uma instituição acadêmica, a Academia Literária de Vida (ALV), criada em 1992, após a sua aposentadoria do CODAP/UFS, juntamente com outras professoras. Alguns questionamentos podemos elaborar sob essa análise: Por que a ALV não foi citada, ou melhor, elencada como um fator positivo nesse processo eleitoral? O fato de ser uma academia feminina não era legitimada pela ASL, um ambiente androcentrico? Tais questões podem servir de objetos para pesquisas posteriores.

**Figura nº15.** Cerimônia de posse da Prof.<sup>a</sup> Lúgia Pina na Academia Sergipana de Letras. 13/05/1998.



Fonte: Acervo particular da Prof.<sup>a</sup> Lúgia Pina

O discurso de posse da prof.<sup>a</sup> Lúgia Pina na ASL, proferido no dia 13 de maio de 1998, foi estruturado na seguinte ordem: saudação à mesa e em seguida o convite aos presentes para passear pela Grécia antiga, onde surgiram as academias. Seguindo o discurso, realizou uma pequena biografia do patrono da sua cadeira, o Dr. Manuel Luiz Azevedo, enaltecendo os feitos dele para a educação sergipana. Na continuidade, teceu os perfis biográficos dos imortais que ocuparam a cadeira nº 27, Francisco Nobre de Lacerda, Antonio Gervásio de Sá Barreto e Benedito da Silva Cardoso.

Na segunda parte do discurso, ela destacou a situação da mulher, que sempre ficou às margens das academias. Enfatizou que a Academia Brasileira de Letras seguiu o modelo das academias francesas e, somente, a partir da eleição de Rachel de Queiroz é que as mulheres tiveram permissão de adentrar nesse espaço masculino. No caso de Sergipe, a prof.<sup>a</sup> Lúgia Pina descreve a participação de mulheres no embrião da ASL, denominado de a Hora Literária.

A Academia Sergipana de Letras teve como embrião a Hora Literária da qual fizeram parte notáveis mulheres: Cesartina Regis, Leonor Telles de Meneses, Laura Amazonas, Etelvina Amália de Siqueira, etc. Mas, quando em 1929 foi fundada a Academia, as mulheres foram deixadas de lado. E sessenta e dois anos se passaram... teria que nascer, crescer e florir outra mulher corajosa, desassombrada mesmo, intemorata como um cavaleiro medieval para abrir as portas do castelo: Núbia Marques, A ela devemos a presença feminina em nossa Academia (PINA, 2000, p. 59-60).

Nessa parte do discurso fica evidente sua inquietação na participação tardia das mulheres nos espaços das academias, e nesse trecho Lúgia Pina também nos relata o processo inicial da ASL, em cujo embrião as mulheres tinham participação ativa. No entanto, ao analisar a entrada da primeira mulher sergipana na ASL, ela atribui este mérito ao desempenho pessoal e corajoso de Núbia Marques, comparando-a a um cavaleiro medieval; ou seja, não evidencia a luta de um coletivo feminino. Mesmo questionando a falta da participação feminina nesse espaço androcêntrico, no seu discurso reforça a dominação masculina, pois, de acordo com Bourdieu:

Emfim, as próprias mudanças da condição feminina obedecem sempre a lógica do modelo tradicional entre o masculino e o feminino. Os homens continuam a dominar o espaço público e a área de poder (sobretudo econômico, sobre a produção), ao passo que as mulheres ficam destinadas (predominantemente) ao espaço privado (doméstico, lugar da reprodução) em que se perpetua a lógica da economia de bens simbólicos, ou a essas espécies de extensões deste espaço, que são os serviços sociais (sobretudo

hospitalares) e educativos, ou ainda aos universos da produção simbólica (área literária e artística, jornalismo, etc.) (BOURDIEU, 199, p.112).

Seguindo seu discurso, na terceira parte, distribuiu, simbolicamente, as folhas de louro que ornamentam o brasão da ASL às pessoas que contribuíram para a sua formação: o seu pai, sua mãe, seu tio, ao Dr. Antonio Garcia Filho, à cidade de Aracaju e às professoras que marcaram a sua vida estudantil, a exemplo de Carlota Sales Campos, Irmã Dolores, Cecinha Melo, Leyda Regis, dentre outras. Por último, os agradecimentos aos colegas do MAC e às colegas da Academia Literária de Vida. Finalizando, realizou uma louvação à princesa Isabel pela libertação dos escravos e a Nossa Senhora de Fátima.

Para recepcioná-la, o acadêmico Dr. José Anderson do Nascimento fez o pronunciamento destacando a formação intelectual da prof.<sup>a</sup> Lígia Pina, relatando os colégios onde estudou, o curso superior em Geografia e História na Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe e a experiência docente, principalmente no tocante à produção literária, nos trabalhos didáticos. Em seguida analisou os livros publicados pela prof.<sup>a</sup> Lígia Pina, destacando *A Mulher na História*, caracterizando-o como prosa:

Mas foi na prosa, especialmente no livro *A mulher na História* que a acadêmica Maria Lígia Madureira Pina veio a se notabilizar. *A Mulher na História* é um repositório de preciosas informações, pois, adotando o método empírico, narra toda a trajetória da mulher, desde a mais longínqua antiguidade até os dias atuais (REVISTA DA ACADEMIA SERGIPANA DE LETRAS, 2000, p. 75).

O discurso de acolhimento à nova imortal, reforçava a justificativa de escolha levando em conta sua produção literária e acadêmica, destacando o estudo dela sobre a história das mulheres. Por outro lado, percebemos que caracterizá-lo como método empírico, baseado nas experiências vividas torna-se redundante para tal estudo. A exemplo do que analisamos na seção anterior, no Livro “*A Mulher na História*”, também é empregada a metodologia da História Oral, por meio de entrevistas e depoimentos e outras fontes utilizadas, tais como: fotografia, diários e livros de poemas. É um trabalho de garimpagem em relação às fontes das mulheres sergipanas, consideradas pioneiras na visão da prof.<sup>a</sup> Lígia Pina.

Durante o período de 16 anos (1988 – 2014), na Academia Sergipana de Letras, a professora Lígia Pina participou ativamente das reuniões que ocorrem às tardes de segunda-feira, dos eventos patrocinados pela ASL, ocupou os cargos de secretária e vice-presidente e publicou diversos artigos na revista e jornal da instituição.



#### 4.7 - ARTIGOS PUBLICADOS EM REVISTAS E JORNAIS

Por meio das fontes que levantamos, realizamos um mapeamento dos artigos publicados pela professora Lígia Pina em revistas e jornais. Nesse sentido, obtivemos os seguintes resultados:

##### 4.7.1 – Publicações em Revistas

Segundo Bourdieu (2003) uma das formas em que o capital cultural se apresenta é através do estado objetivado, entende-se que:

O Capital cultural objetivado detém um certo número de propriedades que se definem apenas em relação com o capital cultural em sua forma incorporado. O capital cultural objetivado em suportes materiais, tais como escritos, pinturas, monumentos etc., é transmissível em sua materialidade. (BOURDIEU, 2003, p.75)

Neste caso, a publicação de artigos na revista da ASL referendava esse capital cultural e consolidava o seu campo, ou seja, o campo dos intelectuais que compõe a ASL, e contribuía para a divulgação das suas ideias.

##### Quadro 18 – Publicações de artigos da prof.<sup>a</sup> Lígia Pina em revistas

Revista	Ano	Título do artigo
Caderno de Cultura do Estudante. Ano VII – Nº 7 - UFS	1990	Quintina Diniz de Oliveira Ribeiro – uma grande mulher sergipana
Caderno de Cultura do Estudante. Ano VII – Nº 7 - UFS	1990	Leyda Regis, a professora polivalente.
Academia Sergipana de Letras. Nº 32	1997	Herma – Fonte – Hermes Fontes
Academia Sergipana de Letras. Nº 32	1997	Poesia – II canto do Quebra-Queixo
Academia Sergipana de Letras. Nº 33	1997	Em tempo de memória retrospectiva
Academia Sergipana de Letras. O Sodalício	1999	Maria Rita Soares – um exemplo de vida
Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Nº 32	1993 - 1999	A artista da história de Sergipe
Academia Sergipana de Letras. Nº 34	2000	Discurso de posse na Academia Sergipana de Letras
Academia Sergipana de Letras. Nº 34	2000	Homenagem Póstuma à Professora Núbia Marques
Academia Sergipana de Letras. Nº 35	2005	A Academia Sergipana de Letras Renovada e revitalizada
Academia Sergipana de Letras. Nº 36	2010	Mulher forte quem a encontrará

Fontes: Quadro elaborado pelo autor de acordo com as publicações nas revistas: Caderno de Cultura do Estudante (1990); Revista da Academia Sergipana de Letras (1997), (1999), (2000), (2005) e (2010); Revista do IHGS (1999)

Foram 11 artigos publicações em revistas. Destes, somente três não foram publicados na Revista da ASL. Dois saíram no Caderno de Cultura do Estudante/UFS e o outro na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe.

A primeira publicação que encontramos foi no Caderno de Cultura do Estudante, promovido pela Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis da UFS (PROEST), espaço destinado à produção dos discentes e docentes da UFS. A edição em estudo foi alusiva ao quarto centenário de Sergipe e recebeu o nome da professora Quintina Diniz. O artigo da prof.<sup>a</sup> Lígia Pina versa sobre a biografia da homenageada nessa edição do caderno, fruto de suas pesquisas que deram origem ao livro “A Mulher na História”. Inicia o estudo com o nascimento de Quintina Diniz na cidade de Lagarto, em 1878, em seguida descreve do início da carreira do magistério na cidade de Iaranjeiras à direção do Colégio Santana na mesma cidade. A partir de 1906 Quintina Diniz transferiu o Colégio Santana para a capital, Aracaju. Sobre o Colégio Santana, a prof.<sup>a</sup> Lígia Pina relata:

O Colégio Santana primava pela boa formação moral e instrução modelar, incluindo educação para o lar e educação artística. O encerramento do ano letivo era marcado pela apresentação de trabalhos de arte: exposições, teatro, inclusive dança, como afirma a professora Conceição Ouro, ex-aluna do Colégio e que participou de números de dança. O colégio possuía um corpo de baile que se apresentava nas grandes festas de fim de ano, no bairro Industrial, conforme testemunho de Nancy Lisboa Menezes, naquela época garota residente naquele bairro, que se encantava com os espetáculos, desejando estudar naquele colégio que apresentava tantos bailados bonitos (PINA, 1990, p.23).

Nesse relato sobre o Colégio Santana, comandado por Quintina Diniz, ficam notórios os objetivos da unidade escolar em relação à educação das jovens em Aracaju, ou seja, formar boas esposas nutridas de uma educação enciclopédica de acordo com a moral cristã. Outro aspecto relevante diz respeito às formas de realizar a propaganda do colégio por meio de exposições e, principalmente, do corpo de baile.

Na segunda parte do artigo, a professora Lígia Pina demonstra a participação política de Quintina Diniz, no período posterior a 1930, engajando-se na política local com a sua participação no agrupamento político de Leandro Maciel. Em consonância com as transformações políticas que estavam ocorrendo no Brasil e com o apoio das lideranças locais e da Federação Brasileira para o progresso Feminino e a União Universitária Feminina, lideradas por Cesartina Regis e Maria Rita Soares, lançaram a candidatura de Quintina Diniz à Assembleia Legislativa do Estado, eleita em 1934, sendo a primeira mulher sergipana eleita a deputada estadual. Por último, o artigo, descreve o final da vida de Quintina Diniz, com a sua

aposentadoria da Escola Normal e fechamento do seu colégio em 1941. Seu falecimento ocorreu no dia 22 de julho de 1942.

O segundo artigo publicado nesse mesmo caderno refere-se a um texto biográfico sobre a vida da professora Leyda Régis. Inicia o artigo descrevendo sua aproximação com a biografada em razão das suas pesquisas sobre as mulheres sergipanas. Nesse caso, a aproximação entre a prof.<sup>a</sup> Lúcia Pina e Leyda Regis ocorreu em virtude das pesquisas sobre Cesartina Regis (irmã mais velha de Leyda Regis). Discute a trajetória acadêmica de Leyda Regis, os colégios em que estudou, a sua aprovação na Faculdade de Medicina da Bahia (não teve condições financeiras para fazer o curso) e a sua formação de contabilista pela Escola Técnica de Comércio Conselheiro Orlando, em Aracaju. Na continuidade do artigo, prof.<sup>a</sup> Lúcia Pina ressalta a trajetória docente de Leyda Régis nos colégios em que lecionou: Grêmio Escolar, Barão de Maruim, Nossa Senhora da Glória e no Centro Operário de Sergipe. No entanto, a sua realização profissional deu-se na Escola de Aprendizes e Artífices de Sergipe (atual Instituto Federal de Sergipe-IFS). Por último, descreve as principais produções literárias da biografada, a exemplo de seus poemas, crônicas, e a criação da Revista Sergipe Artífice.

O artigo publicado na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe data do ano de 1999 com o título: A artista da história de Sergipe. Trata-se da biografia de Rosa Moreira Faria, jornalista, escritora e artista plástica (tendo obtido maior notoriedade na sociedade sergipana).

Inicia o artigo relatando a genealogia da biografada (nasceu na cidade de Capela/SE em 02 de abril de 1917) e seus percursos de formação intelectual na cidade de Capela, formando-se no curso normal em 1941, no Colégio Imaculada Conceição. Em 1946, foi transferida para Aracaju, onde lecionou no Grupo Escolar Barão de Maruim e no Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI). No campo do jornalismo foi membro da Associação Sergipana de Imprensa. Na literatura escreveu livros sobre biografia de Dom José Thomaz e monsenhor Carlos Costa; em 1955 escreveu o Álbum de Sergipe Passo a Passo.

No tocante às artes plásticas, prof.<sup>a</sup> Lúcia Pina relata os principais trabalhos desenvolvidos por Rosa Faria. “O acervo possui várias telas a óleo. Mas o que ressalta a sua obra são as pinturas em azulejo de porcelana que retratam a história de Sergipe” (PINA, 1999, p.244). Em 1968 criou a Galeria Rosa Faria, transformando-a em museu. Com o seu falecimento em 1997, todo o acervo fora doado pela família ao Memorial de Sergipe, instituição que pertence à Universidade Tiradentes – UNIT.

Em relação à Revista da ASL, encontramos artigos que foram publicados, antes da sua posse como imortal (1998), quando participava do MAC. No período de 1998 a 2014, já ocupante da cadeira de nº 27, a prof.<sup>a</sup> Lígia Pina publicou em todas as edições da Revista da ASL.

O primeiro artigo publicado em 1997 na Revista da ASL tem o título de *Herma – Fonte – Hermes Fontes*. Trata-se de um estudo biográfico de Hermes Fontes, nascido na cidade de Boquim/Se, em 28 de agosto de 1888, cujo título foi retirado do poema da autoria de Hermes Fontes, denominado *Fonte da Mata*. Esse texto enaltece a simplicidade do biografado afirmando que não desejaria um grande monumento na praça e sim uma Herma (escultura de busto), próximo a uma fonte. Por meio desse trocadilho, a prof.<sup>a</sup> Lígia Pina inicia o estudo biográfico de Hermes Fontes, destacando a sua trajetória intelectual em Aracaju e no Rio de Janeiro em razão da sua formação em ciências jurídicas, em 1911. Ressalta também a vasta produção literária, bem como a suas colaborações em diversos jornais e repartições públicas. Sobre a poesia de Hermes Fontes, prof.<sup>a</sup> Lígia Pina analisa:

Se julgarmos apenas pela aparência, a poesia de Hermes se nos apresenta intimista, individualista, cantando os próprios sentimentos, desencantos. Entretanto, se nos detivermos analisando-as veremos que o vate nos retrata suas dores, as mágoas, as dores da humanidade: a injustiça, a mesquinhez, a calúnia, o amor não retribuído, a ingratidão, a traição. Quem na vida não bebeu algum desses amargos cálices? Quem não se identifica em algum dos seus poemas? (PINA, 1997, p. 81).

A análise dos poemas de Hermes Fontes, nesse artigo, demonstra a clareza que a prof.<sup>a</sup> Lígia Pina tinha em relação aos estilos literários. Finda o artigo relatando a morte trágica do biografado no Natal de 1930. Na mesma edição da revista encontramos outra publicação da prof.<sup>a</sup> Lígia Pina. Desta vez, trata-se de um poema: II canto ao vendedor de quebra-queixo. Escolhemos o referido poema como epígrafe desta dissertação, pois demonstra a preocupação com um ser humano considerado comum e que povoa as nossas lembranças de criança.

A terceira publicação da Prof.<sup>a</sup> Lígia Pina na Revista da ASL foi: Em tempo de memória retrospectiva, de 1997. O artigo evoca a sua memória em relação aos acontecimentos no início dos anos 40 do século XX, no que tange ao torpedeamento de navios brasileiros no litoral sergipano, propiciando a entrada do Brasil na 2ª Guerra Mundial. Sobre esse período ela recorre as suas lembranças: “Lembro-me perfeitamente quando ocorreram os torpedeamentos. Foi uma coisa terrível! Famílias desoladas pela morte dos parentes, indo à praia à procura dos corpos” (PINA, 1997, p. 265). Relata também as perseguições feitas pela população aracajuana às pessoas consideradas informantes dos nazistas, a exemplo de Nicola

Mandarino; o período de escassez de produtos e o desligamento da luz às 21h. Sobre essa temática o Jornal Folha da Manhã, do dia 18 de agosto de 1942, ilustra na sua primeira página:

Figura 16: Manchete de Jornal Folha da Manhã

**De luto o Brasil**  
**REINA CONSTERNAÇÃO EM TODO TERRITÓRIO SERGIPANO**  
*Torpedeados e afundados três navios brasileiros — "Baependi" — Anibal Benevolo" e "Araraquara"*

— Ontem, a cidade logo cedo foi surpreendida com a triste notícia de que tinha torpedeado o vapor brasileiro Baependi, em águas sergipanas, próximo à costa de Estância. Mais tarde novas notícias.

Mais dois navios nacionais tinham sido vítimas das emboscadas do Eixo. A cidade iniciou ante estas notícias alarmantes que pouco a pouco como labaredas se espalharam por todos os recantos, ficou profundamente consternada.

O comércio não abriu mais as suas portas no segundo expediente.

Todos, todos, chorando a sorte dos seus irmãos, vítimas da selvageria nazista, sentidos até o íntimo da alma e indignados com o torpe e covarde atentado dos agentes militares que, impudendo por sobre as suas vítimas indefesas impotentes de reagir, trucidaram velhos, senhoras mães de família, jovens e crianças inocentes, perambulavam pelas ruas em busca de notícias novas que viesse esclarecer mais o bárbaro torpedeamento dos vapores brasileiros.

**A manifestação da paz dos estudantes**  
 Enquanto isto os estu-

landes sergipanos, os colegas patricios, herdeiros de uma tradição de bravura e de civismo, se aglomeravam pelas ruas e praças da cidade erguendo vivas ao Brasil, exaltavam a coragem indomita do nosso bravo marinheiro, pranteando o desaparecimento dos valentes soldados que tombaram no cumprimento do dever ante as balas assassinas do Eixo.

**Começam a chegar sobre viventes dos navios torpedeados**

Cerca de quatro horas mais ou menos, começaram a chegar os primeiros sobreviventes dos navios torpedeados. No Hospital de Cirurgia o Serviço de Assistência auxiliado pelos médicos da casa prestaram a todos que iam chegando os mais necessários e urgentes socorros.

**A ação do Governo**

O Governo Estadual que tem á sua frente a figura patriótica e energética do Cel. Mainard Gomes não perdeu tempo.

Sabedor do ocorrido, tomou todas as providências no sentido de prestar o necessário socorro ás vítimas.

Para tanto pois á dis-

Fonte: Jornal Folha da Manhã (1942)

A manchete do jornal reafirma os relatos da prof<sup>a</sup> Lígia Pina no tocante ao imaginário da população aracajuana diante do pavor e medo do conflito mundial. No entanto, o artigo tem outro propósito: reafirmar a diminuição dos navios de grande porte na barra do rio Sergipe e a esperança de dias melhores com a inauguração do novo porto de Sergipe.

Na revista comemorativa dos 70 anos da ASL (1999) temos um artigo da prof.<sup>a</sup> Lígia Pina com o seguinte Título: “Maria Rita Soares - Um exemplo de Vida”. Mais uma vez, trata-se de um estudo biográfico de uma mulher sergipana, a advogada e primeira juíza federal. Inicia o seu artigo lamentando a morte da biografada, ocorrida no dia 05 de abril de 1998, e em seguida, traça a trajetória intelectual de Maria Rita, que estudou no grupo escolar General Siqueira e o secundário no Atheneu Sergipense. Prestou vestibular e cursou a Faculdade de Direito em Salvador, formando-se em 1929. Retornou a Sergipe e trabalhou na advocacia. Fez o concurso para a cadeira de Literatura no Atheneu. Em 1938 transferiu-se para o Rio de

Janeiro, recomeçando a sua vida profissional. Criou escritório de advocacia, prestou concurso para professor no Colégio D. Pedro II e na Universidade do Brasil, tendo sido aprovada em ambos. Pelo seu desempenho na carreira jurídica foi nomeada juíza federal. Outro aspecto que a prof.<sup>a</sup> Lúgia Pina salienta da vida da biografada foi a sua participação no movimento feminista

No Rio conheceu mulheres notáveis como Bertha Lutz<sup>41</sup>, fundadora da Sociedade Brasileira para o Progresso Feminino, e Carmem Portinho<sup>42</sup>, da União Universitária. Maria Rita aderiu ao movimento e fundou aqui em Sergipe uma secção da SBPPF, juntamente com a Dr.<sup>a</sup> Cesartina Regis. Segundo palavras de Maria Rita, a Dr.<sup>a</sup> Cesartina foi a alma do Movimento Feminista em Sergipe. A instituição funcionava na Rua de São Cristóvão, entre João Pessoa e Itabaianinha (PINA, 1999, p. 186).

Foi por intermédio dessa articulação entre o movimento feminista no Rio de Janeiro e o de Sergipe que em 1934 foi eleita a primeira deputada estadual, a professora Quintina Diniz. O artigo finaliza com a demonstração de simplicidade de Maria Rita e de sua dedicação ao seu único amor: o poeta sergipano João Passos Cabral.

Em relação à produção acadêmica da Prof.<sup>a</sup> Lúgia Pina sobre a mulher, qual a sua relação com o movimento feminista? Em toda a sua produção ela não se autodeclara partidária do movimento feminista, uma vez que, nas fontes pesquisadas não revelam militância no citado movimento. Entretanto, no Livro a Mulher na História ela nos revela:

O principal objetivo deste trabalho é trazer à luz a vida de extraordinárias mulheres que no mundo inteiro, lutaram contra a discriminação que lhes foi imposta durante milênios, tentando derrubar tabus e os preconceitos para provar capacidade intelectual, em todos os campos da cultura. Mulheres fortes, verdadeiras pioneiras que desbravaram terrenos hostis para que as gerações futuras não continuassem presas aos trabalhos domésticos, sem independência econômica, presas muitas vezes de maridos tiranos, que lhes

<sup>41</sup> Bertha Lutz nasceu em 02 de agosto de 1894, na cidade de São Paulo, filha do médico Adolfo Lutz e da enfermeira inglesa Amy Fowler. Estudou desde a sua adolescência na Europa. Formou-se em licenciatura da Ciência pela Universidade de Sorbonne em 1918. No mesmo ano retornou ao Brasil e iniciou o movimento da campanha sufragista, defendendo a legalização do voto feminino. Em 1919 prestou concurso e foi aprovada para o Museu Nacional, participou de diversas conferências internacionais sobre a mulher representando o Brasil; criou a liga para a emancipação intelectual da mulher e a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino – FBPF. Participou ativamente para a legalização do voto feminino e na constituição de 1934. Assumiu o mandato de deputada federal em 1936, escreveu vários artigos em revistas e jornais. Faleceu em 16 de setembro de 1976. Ler: Schumacher, E Vital Brazil, (2000).

<sup>42</sup> Carmen Portinho nasceu em 26/01/1903, na cidade de Corumbá/MT. Mudou-se para o Rio de Janeiro; formou-se em engenharia, e nas décadas de 1920 e 1930 participou, juntamente com Bertha Lutz, do movimento sufragista em defesa do voto feminino. Participou da fundação da SBPPF; foi professora do Colégio Pedro II; fez o curso de urbanismo, participando de projetos arquitetônicos, a exemplo do museu de arte moderna do Rio de Janeiro. Em 1966 criou a Escola Superior em Desenho Industrial. Casou-se com o arquiteto Afonso Eduardo Reidy. Faleceu em 25 de junho de 2001, com 98 anos. Mais informações em: [cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/biografias/carmen\\_portinho](http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/biografias/carmen_portinho).

negavam qualquer direito, delas exigindo total submissão (PINA, 1994, p.15).

De acordo com essa citação podemos perceber as principais ideias do pensamento feminista da Prof<sup>a</sup> Lígia Pina, dentre as quais destacamos: a defesa da igualdade de direitos e deveres entre mulheres e homens, o fortalecimento da educação para livrar as mulheres da submissão e a independência financeira por intermédio do seu trabalho. No intuito de corroborar com esse pensamento, Freitas (2003b) ao analisar as ideias de Ítala Silva nos revela:

Defensora do feminismo, compreendido como a presença das mulheres instruídas em atividades importantes da sociedade, como a filantropia, a educação e a saúde sem deixar de cumprir as funções sociais e patrióticas da maternidade e da educação dos filhos e da responsabilidade pela harmonia do lar (FREITAS, 2003b, p.220-221)

Levando em consideração a temporalidade das ideias defendidas na citação anterior, localizadas na década de 1930<sup>43</sup>, elas coadunam com a concepção de feminismo defendido pela prof<sup>a</sup>. Lígia Pina, ou seja, a escolaridade feminina, acesso ao trabalho, fim da exploração feminina, mas sem ir de encontro com a função social da mulher.

Diante disso, nota-se que há uma semelhança entre essas ideias da prof<sup>a</sup>. Lígia Pina e as defendidas no primeiro momento do Feminismo no Brasil, organizado por Bertha Lutz, na esfera nacional e Cesartina Régis, no âmbito local, em que elas almejavam a legalidade do voto feminino, o direito à cidadania feminina, defendiam a maternidade e a ordem familiar. A luta feminina passava necessariamente pela cultura, trabalho e família. A luta travada pela prof<sup>a</sup> Lígia Pina contra as injustiças perante a mulher concentrou na produção dos seus livros, artigos e discursos; nesse sentido, uma militância acadêmica.

Na edição do ano 2000 da Revista da ASL, publicou-se o discurso de posse da professora Maria Lígia Madureira Pina na Academia Sergipana de Letras. Esse é o primeiro artigo da professora já eleita imortal dessa instituição. Na primeira parte do discurso, realiza a saudação a mesa e em seguida convida os presentes para passear pela Grécia antiga, onde

---

<sup>43</sup> De acordo com Pinto (2010), o movimento feminista no Brasil pode ser caracterizado em dois períodos: O primeiro, denominado de movimento sufragista que lutava em prol do voto das mulheres, liderado por Bertha Lutz, no início do século XX. Suas conquistas materializaram-se em 1932 com a aprovação do voto feminino. O segundo período refere-se a década de 1970 em que o movimento reivindicava ampliação dos direitos das mulheres, anistia aos presos políticos e o debate de temas tais como: violência, sexualidade, direito ao trabalho, direito à terra, direito à saúde, luta contra o racismo, dentre outros. Ver Pinto (2010).

surgiram as academias. Após isso realiza uma pequena biografia do patrono e dos imortais que ocuparam a cadeira nº 27.

Na segunda parte do discurso destaca a situação da mulher, que sempre ficou às margens das academias, ressaltando a participação das mulheres a partir da Eleição de Rachel de Queiroz (1977) para a ABL e Núbia Marques (1978) para a ASL.

Na terceira parte do seu discurso a prof.<sup>a</sup> Lígia Pina ressalta os nomes das pessoas que contribuíram para a sua formação moral e intelectual, distribuindo, de forma simbólica, os louros que ostentam o brasão da ASL. Na última parte enaltece os feitos da princesa Isabel e agradece a Maria, mãe de Jesus.

Ainda nessa mesma edição da Revista da ASL, do ano 2000, temos outro artigo da intitulado *Homenagem à Professora Núbia Marques*. Trata-se de um texto necrológico pra Núbia Marques, ocorrido no dia 26 de agosto de 1999. Inicia o artigo demonstrando a surpresa em toda a sociedade pelo falecimento de Núbia Marques e sua relação de parentesco com a prof.<sup>a</sup> Lígia Pina, pois elas tinham a mesma bisavó paterna. Ressalta as características de Núbia Marques, como uma pessoa alegre, extrovertida, sem preconceitos e que gostava de cantar e dançar, principalmente nos jantares da ASL.

Em seguida, relata, de forma tímida, a participação política de Núbia Marques pela anistia e pelos direitos políticos. No tocante à Academia, Pina (2000) descreve: “Núbia enfrentou na vida muitas batalhas: uma delas foi o ingresso na Academia Sergipana de Letras. É a nossa Rachel de Queiroz. Foi ela quem abriu as portas para nós outras – as cinco que participamos hoje, deste templo das letras” (PINA, 2000, p. 164). Na última parte do discurso, a professor Lígia Pina descreve a trajetória intelectual de Núbia Marques, sua formação ginásial e colegial no Atheneu Sergipense; graduação em Serviço Social e mestrado pela PUC-SP; os cargos que exerceu e o magistério na UFS. Em seguida analisa a produção literária e acadêmica da homenageada, a sua trajetória pela poesia, pelo conto, romance e pesquisa acadêmica.

Na edição de nº 35 da Revista da ASL, ano 2005, a prof.<sup>a</sup> Lígia Pina escreveu o artigo intitulado *A Academia Sergipana de Letras Renovada e revitalizada*. Este texto faz um balanço da ASL sob a presidência do Dr. José Anderson do Nascimento. Primeiro ressaltava as mudanças físicas do prédio, em seguida relata as seções solenes ocorridas nesse período, lançamento da revista da ASL, lançamento de livros escritos por acadêmicos; criação da medalha do Mérito Cultural Silvio Romero, comemorando os 150 anos desse sergipano e patrono da cadeira de nº 2; lançamentos de livros em parceria com a ASL; realizações de



palestras e seminários, envolvendo a comunidade externa; eleições de novos membros. Em síntese, o artigo é um relatório de gestão e de suas realizações.

O último artigo da Prof.<sup>a</sup> Lígia Pina, publicado na Revista ASL, que encontramos foi *Mulher forte quem a encontrará*, do ano 2010. Descreve o perfil biográfico de Maria Graziella Telles, natural de Capela/Se, que nasceu em 19 de dezembro de 1887. Estudou música no Conservatório de São Paulo, mas se notabilizou com a poesia, recitando versos em diversos salões pelo Brasil. Relata que a ASL a homenageou em 1998, em razão do seu centenário, bem como a Academia Literária de Vida (1999), com a matéria *Graziella: A Cigarra Cabocla*. Esta era a alcunha de Graziella. A prof.<sup>a</sup> Lígia Pina nos revela as fontes que utilizou para a pesquisa da biografada, a exemplo de entrevistas com a família e o acesso a um caderno particular de Graziella contendo diversas informações sobre o Brasil e Sergipe, sem falar dos seus poemas. Sobre os poemas de Graziella, a prof.<sup>a</sup> Lígia Pina nos diz: “Graziella difundiu a poesia brasileira, defendendo o nacionalismo, causando admiração por onde andava. Intelectuais, homens e mulheres elogiavam a sua arte exclusiva, autodidata. Ela criou um estilo inconfundível” (PINA, 2010, p. 75). Esse nacionalismo presente nos versos de Graziella teve uma projeção maior, em razão do contexto político do final dos anos 60 e anos 70 do século XX, momento em que o nacionalismo era divulgado e propagandeado pelo regime civil-militar que governava o país.

#### 4.7.2 – Os Artigos publicados em jornais

Mediante as fontes pesquisadas conseguimos catalogar as publicações feitas pela prof.<sup>a</sup> Lígia Pina em jornais sergipanos. Os textos foram publicados no jornal Letras Sergipanas, vinculado à Academia Sergipana de Letras, como podemos observar no quadro a seguir:

**Quadro 19** – Publicações de artigos da prof.<sup>a</sup> Lígia Pina publicados em jornais

Jornal	Ano	Título do artigo
Letras Sergipanas – nº 9	Set/out de 1985	Canto ao Vendedor de Quebra-Queixo
Letras Sergipanas – nº 12	Mar/abr de 1986	Um empresário Idealista
Letras Sergipanas- nº 13	Maio/jun de 1986	Uma venerável mulher
Letras Sergipanas – nº 22	Nov/dez de 1987	As Vítimas da Radioatividade
Letras Sergipanas – nº 31	Maio/jun de 1989	Um Gênio Multiforme

Fonte: Quadro elaborado pelo autor de acordo com as publicações no Jornal Letras Sergipanas (1985), (1986), (1987) e (1989)

O jornal Letras Sergipanas foi criado em 1984 pelo presidente da ASL, Antônio Garcia Filho, com a finalidade de divulgar a produção dos acadêmicos e dos participantes do

MAC, bem como informações nos campos da cultura, arte, ciências e tecnologia. A criação do jornal também tinha o propósito de preencher a lacuna de tempo entre as edições da revista, pois dependia dos possíveis patrocinadores. Nesse ínterim, a prof.<sup>a</sup> Lígia Pina, como membro do MAC, teve os seus artigos publicados no citado jornal.

A primeira publicação que encontramos foi um poema de grande expressividade no tocante às lembranças do cotidiano da sua rua, de suas memórias e da valorização da pessoa humana, o qual transcrevemos:

### CANTO AO VENDEDOR DE QUEBRA-QUEIXO

Lá vem ele...  
 o vendedor de quebra-queixo  
 passa todas as tardes,  
 manso, sereno,  
 tocando sempre a mesma música  
 doce, suave.  
 No seu realejo de boca  
 a música mais parece um lamento.  
 A criançada corre, gritando:  
 Lá vem o homem do quebra-queixo...  
 ele sorri um sorriso bom,  
 atraindo, convidando as crianças  
 a comprar o doce  
 que lhe garante o próprio sustento  
 e o dos filhos, talvez.

Lá vem ele...  
 O vendedor de quebra-queixo  
 passa todas as tardes  
 à mesma hora,  
 tocando a mesma música  
 suave, dolente,  
 parecendo um lamento.  
 Não tem ritmo de valsa,  
 bolero, samba ou fantasia,  
 nem mesmo de uma balada.  
 É um ritmo próprio, individual,  
 revelando a alma pura  
 do vendedor de quebra-queixo

(PINA, M. L. M. Canto ao vendedor de Quebra-Queixo in: **Letras Sergipanas**. Aracaju. Academia Sergipana de Letras, nº 09.1985.)

Nesse poema observa-se uma cena muito comum na paisagem urbana de Aracaju nas décadas de 1970 até 1990: o vendedor que passava, religiosamente, nos mesmos horários,

pelos mesmos locais. Como se utiliza de um instrumento musical para atrair os seus fregueses, a música impregnava as ruas por onde passava, causando um frenesi entre as crianças.

A segunda publicação que encontramos no Jornal Letras sergipanas é datada de março/abril de 1986, com o título: *Um Empresário Idealista*. Prof.<sup>a</sup> Lígia Pina traça o perfil biográfico de Augusto Luz, como ela afirma, não era um homem das letras, mas foi um grande divulgador da cultura. Conheceu-o quando eram vizinhos na av. Pedro Calazans (ao lado do Colégio Manuel Luiz). Esse empresário, na década de 1950, era o dono do Cine Guarany, Farmácia Guarany. Arrendou a emissora de Rádio Aperipê e implantou o primeiro carro de propaganda na cidade. Por meio das seções do cinema Guarany a prof.<sup>a</sup> Lígia Pina teve acesso aos filmes da sétima arte, adentrando no universo dos roteiros, atores, atrizes e diretores. Ao findar o artigo, a prof.<sup>a</sup> Lígia Pina nos informa que, apesar desses investimentos na área cultural, o senhor Augusto Luz morreu pobre e sem o justo reconhecimento por parte da sociedade, mas ela ressalta: “Sem riquezas nem glórias, mas com a alma pura e a alegria de haver cumprido uma bela missão: a de vendedor de ilusões” (PINA, 1986, p.04).

A terceira publicação da Prof.<sup>a</sup> Lígia Pina tem como título: *Uma Venerável Mulher*. Trata-se de um artigo que aborda a trajetória de Leonor Telles de Menezes, professora de Português da Escola Normal. Ela morava na mesma rua, mas a convivência com D. Leonor advém do período em que a prof.<sup>a</sup> Lígia Pina foi normalista, estabelecendo-se uma amizade que propiciou conversas das quais o principal assunto eram as lembranças e os poemas de D. Leonor Telles.

Seguindo a nossa análise, a publicação de novembro/dezembro de 1987 é um poema intitulado: *As Vítimas da Radioatividade*. No qual destaca a destruição do homem pelo homem por meio da utilização da energia atômica, citando os exemplos de Chernobyl (URSS) e do céσιο 137 em Goiânia (Brasil). Nesse texto em versos a autora atribui tais feitos à obra de satã. Termina o poema afirmando que a única esperança é o retorno de Jesus Cristo para salvar a humanidade.

O último artigo que encontramos no citado jornal foi publicado em maio e junho de 1989, cuja edição foi alusiva a Tobias Barreto, em razão do seu centésimo quinquagésimo aniversário de nascimento e do centenário da sua morte. O artigo publicado, intitulado *Um gênio Multiforme*, inicia destacando as várias facetas intelectuais de Tobias Barreto, tais como: jurista, advogado, professor, literato e filósofo. Em seguida descreve a trajetória desse sergipano a partir do seu nascimento, em 07 de junho de 1839, na cidade de Campos (atual Tobias Barreto), o qual aos 17 anos, foi nomeado professor de latim na vila de Itabaiana; aos

23 transferiu-se para a cidade do Recife/PE onde estudou e graduou-se em Direito. Passou a residir na cidade de Escada/PE, exercendo a advocacia. Foi eleito deputado estadual. A prof.<sup>a</sup> Lígia Pina nos relata que nesse período houve o caso da defesa em que Tobias Barreto realizou a favor de uma mulher em cursar o seu ensino superior de medicina. Tobias Barreto prestou concurso para a Faculdade de Direito de Recife, obtendo aprovação. Nesse ambiente Tobias Barreto criou a escola filosófica do Recife e passou a ser referência nos estudos jurídicos. Finalizando, a Prof.<sup>a</sup> Lígia Pina ressalta a veia poética do seu biografado.

Todos esses artigos publicados no jornal Letras Sergipanas compreendem o período em que a prof.<sup>a</sup> Lígia Pina participava do MAC, ou seja, fase que antecede a sua eleição para a cadeira de nº 27. Compreendemos que essas publicações também contribuíram para a sua afirmação no campo dos intelectuais que comungam nessa instituição. Por outro lado, percebemos que a temática sobre a mulher já era presente e iniciava a pesquisa que deu origem ao livro *A Mulher na História*.

#### 4.7.3 – Publicações sobre a Prof.<sup>a</sup> Lígia Pina

Nesse item analisaremos as publicações encontradas em periódicos e jornais sobre a prof.<sup>a</sup> Lígia Pina, destacando onde foram publicadas e quem as publicou, como consta no quadro a seguir:

**Quadro 20** – Publicações em periódicos e jornais sobre a prof.<sup>a</sup> Lígia Pina

Periódico	Ano	Título do artigo	Autor(a)
Jornal da Cidade	1992	Lígia Pina: Monumento Vivo da Educação	----
Caderno de Memórias da UFS	1992	Maria Lígia Maduerira Pina	José Arnaldo Vasconcelos Palmeira
Jornal da Cidade	2014	A escrita de Maria Lígia Madureira Pina	José Anderson do Nascimento
Jornal da Cidade	2014	A Grande Mestreira Maria Lígia Madureira Pina (I)	Estácio Bahia Guimarães
Jornal da Cidade	2014	A Grande Mestreira Maria Lígia Madureira Pina (II)	Estácio Bahia Guimarães

Fonte: Quadro elaborado pelo autor de acordo com as publicações: Palmeira (1992), Jornal da Cidade (1992) e (2014)

As duas primeiras publicações elencadas nesse quadro foram feitas no mesmo ano e têm o mesmo propósito, ou seja, discutem a trajetória intelectual e profissional da prof.<sup>a</sup> Lígia

Pina. A primeira, publicada no Jornal da Cidade no caderno denominado Memórias, descreve a vida estudantil dela da pré-escola a formatura em 1958; os colégios em que ela ensinou; sua metodologia de ensino voltada para a interseção da História, literatura e artes, a exemplo das peças teatrais encenadas pelos alunos. No final do artigo relata a viagem feita em 1989 a Israel onde estudou o sistema escolar desse país.

A segunda publicação refere-se à comemoração dos 25 anos da UFS, com uma coletânea de memórias de professores e diretores do Colégio de Aplicação. Nesse periódico o perfil biográfico também abrange a sua formação intelectual, os seus mestres, o início da sua vida docente, as peças teatrais e as suas condecorações e homenagens.

As três últimas publicações ocorreram após o seu falecimento (14/08/2014). São artigos escritos por acadêmicos da ASL. O artigo intitulado *A escrita de Maria Lígia Madureira Pina* foi produzido pelo Dr. José Anderson do Nascimento, presidente da ASL. Esse texto foi publicado três dias após o falecimento da prof.<sup>a</sup> Lígia Pina; aliás, a primeira publicação nos jornais de Aracaju que noticia o seu passamento. No artigo, Dr. Anderson descreve a trajetória acadêmica e profissional da prof.<sup>a</sup> Lígia Pina e prioriza a análise de suas obras e, em especial, o livro *A Mulher na História*, e a sua participação na ASL, onde ocupava a cadeira de nº 27.

Os dois últimos artigos fazem parte de um único texto que foi publicado em duas partes. O autor é o Dr. Estácio Bahia Guimarães, acadêmico da ASL, que ocupa a cadeira de nº 29, membro também do IHGS e da Associação Sergipana de Imprensa. Inicia o texto demonstrando o respeito que a sociedade japonesa tem em reverenciar os seus professores, que são considerados mestres para justificar o seu conceito de mestre atribuído a prof.<sup>a</sup> Lígia Pina. Em seguida faz um relato biográfico. Nesse sentido não difere dos demais, enfatizando a formação acadêmica e a atuação docente. No segundo momento, ele analisa a produção literária, o gosto pela poesia e os livros de Pina. Ressalta também a participação da imortal na ASL e na Academia Literária de Vida.

Após as análises das produções literárias, artigos de revistas e jornais é possível identificar o fortalecimento do seu capital cultural objetivado e a consolidação no campo da intelectualidade sergipana, por meio de suas produções no âmbito da ASL.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao estudarmos a trajetória de vida da professora Lígia Pina, sob o prisma da sua formação intelectual e sua prática pedagógica no CODAP, percebemos, inicialmente, uma lacuna nas pesquisas em História da Educação sobre mulheres intelectuais sergipanas, principalmente no tocante a professoras autoras, e nos debruçamos sobre as dissertações e teses produzidas pelo PPGED/UFS e PPED/UNIT e identificamos 29 dissertações, cuja temática está diretamente associada aos estudos biográficos e de trajetórias de vidas, os quais estão atrelados à história cultural. Destas produções, somente sete estudam trajetórias de vidas de professoras, demonstrando a existência de um campo que precisa de novas pesquisas, principalmente em relação às contribuições de diversas personalidades femininas no Estado de Sergipe que ainda estão na zona do “esquecimento”. Esta situação que começa a modificar com as pesquisas em andamento e/ou recém-concluídas sobre essas personalidades femininas, a exemplo de das pesquisas sobre as educadoras Laura Amazonas, Neide Mesquita, Ofenísia Freire, Rosália Bispo dos Santos, Carmelita Fontes e a comunicadora Nazaré Carvalho.

Prof<sup>a</sup> Lígia Pina nasceu em 30 de setembro de 1925 e faleceu no dia 14 de agosto de 2014. Realizou os seus estudos no Frei Santa Cecília e Colégio Nossa Senhora de Lourdes. Formou-se no magistério pela Escola Normal e fez o curso superior em Geografia e História pela FCFS. Sua carreira no magistério teve início em 1957, e de 1967 a 1991 foi professora de História do Colégio de Aplicação da UFS, objeto de estudo desta dissertação. Em 1992, com o apoio e participação de amigas e colegas de trabalho criou a Academia Literária de Vida. No ano de 1997 foi eleita para a cadeira de nº 27 da Academia Sergipana de Letras.

No tocante à trajetória de vida da Prof.<sup>a</sup> Lígia Pina, este estudo está alicerçado no conceito de trajetória de Bourdieu (1996), entendida como um processo de modificações e interações sociais. Percorremos a sua formação intelectual, principalmente a sua formação na Escola Normal, e a sua formação superior em Geografia e História pela FCFS. Nesse percurso intelectual de formação da professora Lígia Pina, que encontramos o início de sua prática pedagógica, estabelecendo as relações entre a plêiade de docentes que contribuíram para a sua formação, servindo como professores “modelos”, e a reprodução desse modelo na sua prática pedagógica

No decorrer desse processo foi possível também a constatação, segundo Bourdieu (2003), do capital cultural nas suas três formas: incorporado, com a aquisição dos conhecimentos inerentes aos cursos que Lígia Pina fez na Escola Normal e na FCFS;

objetivado por meio de suas produções, ou seja, escritos, artigos, poesias e livros; e o institucionalizado, com a aquisição dos diplomas, certificados e títulos recebidos nessa trajetória.

Em relação a sua trajetória docente, optamos pelo estudo de suas práticas no CODAP. Sua admissão nesse colégio ocorreu em 1967, por meio de um convite de D. Luciano, então diretor da FCFS, instituição à qual o CODAP estava vinculado. Esse convite é muito representativo, pois nos revela que a prof.<sup>a</sup> Lígia Pina tinha um capital social, ou seja, uma rede de amigas e/ou referências sobre o seu trabalho. Outro ponto que podemos destacar é o fato de D. Luciano, na posição de diretor da FCFS, ter efetivado contratações dos alunos egressos da FCFS, reforçando a credibilidade da instituição.

No CODAP, a professora Lígia Pina lecionou a disciplina História de 1967 a 1991. Nesse período desenvolveu sua metodologia do ensino da História, segundo a biografada, partindo de uma prática de esquemas e leituras de apontamentos no quadro-negro para a pesquisa, elaboração e apresentação da suas peças teatrais, júris simulados, jograis, dentre outros. Nesse aspecto é importante salientar o processo de mão dupla: os textos serviam como aporte didático ao tempo em que ampliavam as suas possibilidades de escrita, ou seja, faziam a interseção entre o trabalho pedagógico e o desenvolvimento do seu estilo literário. Várias peças foram escritas e encenadas com os alunos, a exemplo de: “As riquezas do Brasil (1969)”; “O Viajante do Tempo (1977)”, “Ponto ômega (1979)”, “A Reportagem Especial (1991)” e recitais de poesias. A utilização desses recursos didáticos servia para atrair a atenção dos alunos; permitia um intercâmbio entre os conteúdos históricos com as ciências afins, a exemplo da geografia, artes e da literatura, e despertava o interesse dos alunos no universo da pesquisa histórica. Tornou-se conhecida e reconhecida também pelo desse trabalho de interseção entre as disciplinas, contribuindo para ampliar o seu repertório cultural.

Além da trajetória profissional dessa professora, ressaltamos sua participação em instituições associadas ao campo da intelectualidade. A prof.<sup>a</sup> Lígia Pina participou do MAC entre 1984 a 1997, movimento criado para auxiliar e apoiar as atividades da ASL. Nessa instituição identificamos publicações de artigos na Revista da ASL e no jornal Letras Sergipanas, através dos quais entendemos que a prof.<sup>a</sup> Lígia Pina usou dessa estratégia para a afirmação no campo desses intelectuais, referendando e circulando os seus textos entre os seus pares.

Em 1992 a professora Lígia Pina e algumas professoras aposentadas do CODAP fundaram a Academia Literária de Vida, estabelecendo um espaço de debate e divulgação das produções literárias. A ALV é formada por mulheres e suas patronas também são mulheres.

Foi criada para ser um espaço de encontro e divulgação da produção desse grupo, mas também não representa um contraponto ao espaço da ASL, cuja maioria é composta pelo público masculino? Quantas academias literárias femininas existem no país? Indagações e/ou problemas que podem substanciar pesquisas futuras.

Em 1998 a prof.<sup>a</sup> Lúgia Pina foi empossada na ASL, ocupando a cadeira de nº 27 que possui como patrono o Dr. Manuel Luiz Azevedo de Araújo. Participou ativamente das atividades da ASL, ocupou cargos de secretária e de vice-presidente, publicou artigos na revista, e publicou livros. Entretanto, ao estudarmos a sua admissão neste Sodalício sentimos-nos incentivados a persistir em pesquisas que nos revelem a participação de mulheres neste ambiente androcêntrico, enfocando o processo eleitoral, posse e desenvolvimento de suas atividades nesta instituição; quais as suas estratégias de ingresso e permanência; e qual a percepção e/ou visão dos acadêmicos em relação às acadêmicas. Estes são aspectos que pretendemos investigar.

Por fim, destacamos a produção literária e acadêmica da prof.<sup>a</sup> Lúgia Pina. Realizamos um levantamento sobre sua produção em jornais, revistas e livros. É notório que a publicação em jornal ocorre no período em que ela participou do MAC, antes da sua eleição na ASL. Em relação às publicações em revistas, estas compreendem as fases anterior e posterior a sua eleição na ASL. Lembramos que todas as edições da Revista da ASL no período em que Lúgia foi acadêmica contém artigos de sua autoria. São textos que já demonstravam a sua linha de pesquisa, ou seja, o estudo de biografias de mulheres sergipanas.

A prof.<sup>a</sup> Lúgia Pina publicou quatro livros: “Flagrando a Vida (1983)”; “Mulher na História (1994)”, “Satélite Espião (1999)” e “A Relíquia (2008)”. No entanto sua notoriedade ocorreu com a publicação do livro “A Mulher na História”, que objetiva o estudo da condição feminina no decorrer da história da humanidade e, em especial, o estudo biográfico de mulheres consideradas pioneiras em Sergipe no final do século XIX e no início do século XX. Esse estudo se tornou referência em pesquisas sobre trajetórias de mulheres, educadoras e intelectuais femininas sergipanas no PPGED e em outros programas, a exemplo do PPED/UNIT. Em relação à concepção de história presente nos seus artigos e livros, identificamos a sua aproximação com a escrita tradicional da história, acreditando nos feitos e realizações de indivíduos, e por meio destas realizações proporcionam as mudanças no mundo, dentro de uma moral judaico-cristã. No entanto, a sua obra aponta uma ampliação no manuseio das fontes, pois utilizou-se de elementos da história oral, fontes documentais diversas, tais como: documentos oficiais, jornais, fotografias, cadernos e diários pessoais.

Mediante o exposto, fica a indagação: Quem foi a professora Lúgia Pina? Para nós uma



mulher do seu tempo, a qual estabeleceu metas para a sua formação intelectual e profissional, obtendo êxito. Uma mulher que não concordava com as injustiças que recaíam sobre as pessoas, principalmente as mulheres. Brigava, protestava e escrevia. Fez da solidão um aliado para a sua escrita e imaginação. Pessoa meiga, carinhosa, elegante que exalava humildade e simplicidade. Um verdadeiro modelo de professora, literata, mulher, ser humano.

Com a pretensão de não concluirmos, e consciente das nossas limitações, guardaremos com muito carinho o semblante sorridente da professora Lígia Pina; o seu vigor e sua crença na possibilidade de um mundo melhor, acreditando nos valores humanos.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. L. de. **Leyda Régis: reminiscências de formação intelectual e atuação profissional em Sergipe**. Dissertação (Mestrado em Educação). São Cristóvão: PPGED/Universidade Federal de Sergipe, 2009.
- ALMEIDA NETO, D. de. **Saberes, virtudes e sofrimentos: formação, atuação e ensinamentos de Dom Domingos Quirino de Souza (1813 a 1863)**. 2005. 212f. Dissertação (Mestrado em Educação). São Cristóvão: Núcleo de Pós-Graduação em Educação/ Universidade Federal de Sergipe. 2005.
- AMORIM, S. S. **A trajetória de Alfredo Montes (1848-1906): representações da configuração do trabalho docente no ensino secundário em Sergipe**. 2006. 136f. Dissertação (Mestrado em Educação). São Cristóvão: PPGED/Universidade Federal de Sergipe, 2006.
- ANDRADE, A. S. e FILHO J. de O. B. **O ir e vir das ruas João Pessoa e Laranjeiras (1920-1940)**. São Cristóvão: Editora UFS, 2012.
- BARRETO, L. A. **Pequeno dicionário prático de nomes e denominações de Aracaju**. Aracaju: ITBEC/BANESE, 2002.
- BARRETO, L. A. **100 anos de Gonçalo Rollemberg Leite**. Disponível em <http://www.infonet.com.br/luisantoniobarreto/ler.asp?id=44237&titulo=Luis Antonio Barreto>. Acesso em 23/03/2016.
- BERGER, M. André. Igreja x Educação: o papel do Colégio Nossa Senhora de Lourdes na formação da elite feminina. In: **Cadernos de História da Educação**. Uberlândia. EDUFU. n°. 3 - jan./dez. 2004. Pags. 147 a 154. Disponível: <http://www.seer.ufu.br/index.php/che/issue/view/53>. Acesso 05/10/2015.
- BISPO, M. M. G. **Uma análise da produção textual e escrita dos alunos do sexto ano do ensino fundamental do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe**. 2011. 129f. Dissertação (Mestrado em Educação). São Cristóvão: NPGL/Universidade Federal de Sergipe, 2011.
- BITTENCOURT. C. M. F. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo. Cortez, 2004.
- BONILHA L. R. e RIVORÊDO C. R. Puericultura: duas concepções distintas. In: **Jornal de Pediatria**. Rio de Janeiro, n°.81, p. 7-13, 2005.
- BORGES, V. P. “O historiador e seu personagem: algumas reflexões em torno da biografia”. In: **Revista Horizontes**. Bragança Paulista: v. 19. jan/dez., 2001.
- BOSI, E. **O tempo Vivido da Memória: ensaios de Psicologia Social**. São Paulo: Ateliê Editorial. 2003.

BOURDIEU, P. “Ilusão biográfica”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos & Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p.183-200.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BOURDIEU, P. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, M. A; CATANI, A. (orgs.). **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 2002.

BOURDIEU, P. **Questões de Sociologia**. Lisboa: Fim de Século, 2003.

BOURDIEU, P. **O poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

BOURDIEU, P. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. 9ª ed. São Paulo: Papirus, 2008.

**BRASIL**. Decreto nº 26.065, de 22 de dezembro de 1948 - concede à firma "Cabral Machado & Companhia" autorização para funcionar como empresa de navegação de cabotagem. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1940-1949/decreto-26065-22-dezembro-1948-453164-norma-pe.html>. Acesso em 20/03/2016.

CHARTIER, R.. **A História ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CONCEIÇÃO, J. T. **Internar para educar: colégios-internatos no Brasil (1840 – 1950)**. 323p. Tese (Doutorado em Educação) Salvador: PPH/Universidade Federal da Bahia. 2012.

COSTA, S. S. **Espaços construídos, posições ocupadas: história docente de José Calasans Brandão da Silva em Sergipe**. 2011. 190f. Dissertação (Mestrado em Educação). São Cristóvão: PPGED/Universidade Federal de Sergipe, 2011.

COSTA, R. M.. **Fé, civilidade e ilustração: as memórias de ex-alunas do Colégio Nossa Senhora de Lourdes (1903-1973)**. 2003. 129f. Dissertação (Mestrado em Educação) – PPGED/Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2003.

DANTAS, I. **História de Sergipe: República (1889-2000)**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004.

DANTAS, M. J. **Escrever-te-ei... Tu também me escreverás? A escrita epistolar católica como prática docente: um olhar sobre Chiara Lubich e suas estratégias de Formação**. 2014. 367f. Tese (Doutorado em Educação). São Cristóvão: PPGED/Universidade Federal de Sergipe. 2014.

FANINI, M. A. As mulheres e a Academia Brasileira de Letras. In: **História**. Franca:UNESP, v 29, 2010, p. 345 – 367.

FARIA FILHO, Luciano et al. A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira. In: **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v.30, n.1, p. 139-159, jan./ abr.2004.

FIGUEIRÔA, M. S. “**Matéria livre... Espírito livre para pensar**”: um estudo das práticas abolicionistas em prol da instrução e educação de ingênuos na capital da província sergipana

(1881-1884). 2007. 176 f. Dissertação (Mestrado em Educação). São Cristóvão, Universidade Federal de Sergipe, 2007.

FREITAS, A. G. B. **Vestidas de Azul e Branco: um estudo sobre as representações de ex-normalistas (1920-1950)**. São Cristóvão: Ed. UFS. 2003a.

FREITAS, A. G. B.. **Educação, Trabalho e Ação Política: sergipanas no início do século XX**. 2003b. 289 p, Tese (Doutorado em Educação). Universidade de Campinas, Campinas, São Paulo.2003b.

FREITAS, A. G. B. **Para que(m) contar a História das Mulheres professoras/literatas paraibanas?** In: Educação e Educadores na Paraíba do século XX. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2009, p.08.

FREITAS, S. S. S. **Monsenhor Soares e a educação em Propriá (1949 – 1960)**. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação). 2014. 127f. São Cristóvão: PPGED/Universidade Federal de Sergipe, 2014.

FONSECA, S. G. **Caminhos da História ensinada**. Campinas: Papirus. 1999. p. 85 – 86.

GALLY, C. de M. **Brício Cardoso no Cenário das Humanidades do Atheneu Sergipense (1870 – 1874)**. 2004. 196f. São Cristóvão: Dissertação (Mestrado em Educação) Núcleo de Pós-Graduação em Educação/Universidade Federal de Sergipe. 2004.

GRAÇA, T. C. C. da. **Pés-de-anjo e letreiros de neon: ginásianos na Aracaju dos anos dourados**. São Cristóvão: Editora da UFS, 2002.

LE GOFF, J.. **São Luís**. Biografia. 5ª ed. São Paulo: Record, 2014.

LIMA, M. do S. **República, política e direito: representações do trabalho docente de Carvalho Neto (1918 – 1921)**. São Cristóvão: Editora UFS, 2013.

LIMA, F. M. V. de A. **Contribuições de Dom Luciano Cabral Duarte ao ensino superior sergipano (1950 – 1968)**. 2009. 92f. Dissertação (Mestrado em Educação). São Cristóvão: PPGED/Universidade Federal de Sergipe, 2009.

MEIHY, J. C. S. B. e HOLANDA, F. **História Oral: como fazer, como pensar**. 2ª ed. São Paulo: Editora Contexto. 2013.

MELNIKOFF, E. A. A. **Trajetória de Núbia Marques: contribuições para a educação em Sergipe**. 2014. 137f. Dissertação (Mestrado em Educação). São Cristóvão: PPGED/Universidade Federal de Sergipe, 2014.

MELO. S. P de A. **Representações das práticas de leitura de normalistas do Instituto de ‘Educação Rui Barbosa’ durante as décadas de 60 e 70 do século XX**. 2009. 136f. Dissertação (Mestrado em Educação). São Cristóvão: PPGED/Universidade Federal de Sergipe.2009.

MORAIS. G. **Dom Luciano Cabral Duarte: Relato Biográfico**. Aracaju: J. Andrade. 2008.

NASCIMENTO, J. C. do. **Historiografia Educacional Sergipana: Uma Crítica aos Estudos de História da Educação**. São Cristóvão: Ed. UFS. 2003.

NASCIMENTO, J. C. do. Sobre o campo da História da Educação no Nordeste. In: VASCONCELOS, José Gerardo; NASCIMENTO, J. C. do. (orgs.) **História da Educação no Nordeste Brasileiro**. Fortaleza: Edições UFC, 2006.p.29-43.

NASCIMENTO, J. C. do. Os embates teóricos e a produção historiográfica educacional nos 15 anos do PPGED. In: BERGER, M. A. (org.). **A pesquisa educacional e as questões da educação na contemporaneidade**. Maceió: EDUFAL, 2010. p.105-124.

NETO, E.M.G. **Educação feminina**, prazer e poder em Atenas (séculos VI-IV a.C.). PHOÏNIX, Rio de Janeiro. 2011, p.51-81. Disponível em de: [http://www.revistaphoenix.com/phoenix20112/artigo004\\_edsonneto.pdf](http://www.revistaphoenix.com/phoenix20112/artigo004_edsonneto.pdf). Acesso 28/03/2016

NUNES, C. e CARVALHO, M. M. C. de. Historiografia da educação e fontes. In: **Cadernos ANPED**. Belo Horizonte, 1993 (5). p. 7-64.

NUNES, M. T. **História da Educação em Sergipe**. São Cristóvão: Editora da UFS. 2008.

NUNES, M. S. C. **O Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe (1959-1968)**. 2008. 122f. Dissertação (Mestrado em Educação). São Cristóvão: PPGED/Universidade Federal de Sergipe. 2008.

NUNES, S. M. de A. **Uma leitura de história de vida de mulheres docentes da Universidade Federal de Sergipe e da Universidade do Porto**. 2014.263f. Tese (Doutorado em Educação). São Cristóvão: PPGED/Universidade Federal de Sergipe. 2014.

OLIVEIRA, J. P. G. **A formação do professor de História na Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe: entre disciplinas, docentes e conteúdos (1951-1962)**. São Cristóvão: Editora UFS, 2013.

OLIVEIRA, J. P. G. **A “área” da geografia no curso de geografia e história da faculdade católica de filosofia de Sergipe (1951-1962)**.VII Congresso Brasileiro de História da Educação. Anais.20 a 23 maio de 2013.Cuiabá-MT, p. 1-14.

OLIVEIRA, J. P. G. **Caminhos cruzados: itinerários de professores do ensino superior sergipano (1915-1954)**. 2015. 307p.Tese (Doutorado em Educação) São Cristóvão: PPGED/Universidade Federal de Sergipe.

OLIVEIRA, J. P. G.. O domínio dos bacharéis no ensino acadêmico de história em terras sergipanas (1951-1962). In: **Revista Brasileira de História da Educação**. Maringá-PR: Autores Associados, v. 14, n. 2 (35), p. 135-156, maio/ago. 2014. Disponível em: <http://www.rbhe.sbhe.org.br/index.php/rbhe/article/view/444>. Acesso em 23/03/2016.

OLIVEIRA, Y. D. de. **Educação da criança à luz da Pedagogia Científica: a contribuição de Helvécio de Andrade em Sergipe (1911-1935)**. São Cristóvão: Editora da UFS, 2012.

PALMEIRA, José A. V. **Cadernos de Memórias 25 anos (1967-1992):** Jubileu de Prata da Universidade Federal de Sergipe. Colégio de Aplicação – CODAP, 1992.

PINTO, C. R. J. Feminismo, História e poder. In: Revista de Sociologia e Política. Curitiba. v. **18**, n. **36**, p. 15-23, jun. 2010. Disponível no site: <http://revistas.ufpr.br/rsp>. Acesso em 17/06/2016.

RIBEIRO, N. M. G. **Transformações do Espaço Urbano:** o caso de Aracaju. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Massananga, 1987.

SANTOS, M. N. **Professora Thétis:** uma Vida. Aracaju. Gráfica Pontual. 1999.

SANTOS, N. M. **O Celibato pedagógico feminino em Sergipe nas três primeiras décadas do século XX:** uma análise a partir da trajetória de Leonor Telles de Menezes. 2006. 135f. Dissertação (Mestrado em Educação). São Cristóvão: PPGED/Universidade Federal de Sergipe, 2006.

SANTOS, O. **Memória de políticos de Sergipe no século XX.** Aracaju: Gráfica J. Andrade. 2002, p.374-377.

SANTOS, P. F. **José Aloísio de Campos:** Trajetórias e representações sobre o seu reitorado na Universidade Federal de Sergipe (1976-1980). 2014. 143f. Dissertação (Mestrado em Educação). São Cristóvão: PPGED/Universidade Federal de Sergipe, 2014. Disponível em [http://bdtd.ufs.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=2166](http://bdtd.ufs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2166). Acesso 05/10/2015.

SANTOS, V. M. dos. **Josefina Leite Campos:** vestígios de uma professora da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe. IV Congresso Brasileiro de História da Educação. Goiás 05-08/11/2006.

SCHWARCZ, L. M. Biografia como gênero e problema in: **Revista História Social.** Campinas. N° 24, 2013, p. 51 – 73. Disponível em: <<http://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/rhs/issue/view/94/showToc>> acesso em 01 abr. 2015.

SCHUMAHER, S. e VITAL BRAZIL, E. (orgs.). **Dicionário Mulheres do Brasil.** De 1500 até a atualidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

SILVA, A. K. M. e. **Felto Bezerra (1933 – 1958)** – um quartel de atividades lítero-científicas. 2014. 112f. Dissertação (Mestrado em Educação). São Cristóvão: PPGED/Universidade Federal de Sergipe, 2014.

SILVEIRA, J. M. V. **Da medicina ao Magistério:** Aspectos da trajetória de João Cardoso Nascimento Júnior. 2008. 345f. Dissertação (Mestrado em Educação). São Cristóvão: PPGED/Universidade Federal de Sergipe, 2008.

SOUZA, A.T de. **A memória revelando práticas** educativas: representações da configuração docente na cidade de Aracaju – Década de 1980. 2015.186f. Dissertação (Mestrado em Educação). Aracaju: PPGED/Universidade Tiradentes, 2015.

SOUZA, C.V.de. A “República das Letras” em Sergipe (1889-1930). In: **Revista de Aracaju**. Aracaju: FUNCAJU.2002. n° 09, p. 189 – 208.

SOUZA, J. E. **Nunes Mendonça**: um escolonovista sergipano. São Cristóvão: Editora da UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2003.

SOUZA, J. E. **História e Memória Universidade Federal de Sergipe (1968-2012)**. São Cristóvão: Editora UFS, 2015.

STONE, L. Prosopografia. In: **Revista de Sociologia e Política**. Curitiba: UFPR, v. 19, n° 39, p.115-137 jun. 2011. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/rsp/article/view/31689>. Acesso em 21/03/2016.

VALENÇA, C. de A. **Civilizar, Regenerar e Higienizar**. A difusão dos ideais da Pedagogia Moderna por Helvécio de Andrade (1911-1935). 2006. 234f. Dissertação (Mestrado em Educação). São Cristóvão: PPGED/Universidade Federal de Sergipe, 2006

VIDAL, D. G. e FARIA FILHO, L. M. de. História da Educação no Brasil: a constituição histórica do campo e sua configuração atual. In: VIDAL, D. G. e FARIA FILHO, L. M. de. **As lentes da história**: estudos de história e historiografia da educação no Brasil. Campinas, SP: Autores Associados, 2005. p.73-127.

VIEIRA, C. E. *Intelligentsia* e intelectuais: sentidos, conceitos e possibilidades para a história intelectual. In: **Revista Brasileira de História da Educação**. Campinas; Autores Associados, v. 8, n° 16. 2008.

## FONTES

### 1. Entrevistas

- ARAÚJO, M. I. O. 2015. Entrevistador: José Genivaldo Martires. Aracaju.13/04/2015.
- CABRAL, M. S. 2015. Entrevistador: José Genivaldo Martires. Aracaju. 08/04/2015.
- FERREIRA, O. L. C. 2015. Entrevistador José Genivaldo Martires. Aracaju. 26/08/2015.
- LESSA, C. M. B. 2015. Entrevistador José Genivaldo Martires. Aracaju. 04/11/2015.
- MAIA, D.C. 2015. Entrevistador José Genivaldo Martires. Aracaju. 04/09/2015.
- NASCIMENTO, J A. 2015. Entrevistador José Genivaldo Martires. Aracaju. 27/07/2015.
- NUNES, M. S. C. 2015. Entrevistador José Genivaldo Martires. Aracaju.08/04/2015.
- PINA, M. L. M. 2004. Entrevistador José Genivaldo Martires Aracaju. 06/01/04, 20/01/2004 e 04/02/2004.
- PINA, M. L. M. 2011. Entrevistadora: Raylane Andreza Dias Navarro Barreto. Aracaju. 30/04/2011.
- REIS, M. da C. O. 2015. Entrevistador José Genivaldo Martires. Aracaju. 11/03/2015.
- SANTANA, C. B. de. 2015. Entrevistador José Genivaldo Martires. Aracaju. 03/07/2015.
- SILVA. N. A. A. 2015. Entrevistador José Genivaldo Martires. Aracaju. 11/03/2015.
- SOUZA, M.S. R. 2015. Entrevistador José Genivaldo Martires. Aracaju. 24/02/2015.
- VASCONCELOS. M. M. de. 2015. Entrevistador José Genivaldo Martires. Aracaju 07/04/2015.

### 2. Produção da Prof.<sup>a</sup> Lígia Pina

- PINA, M. L. M. **Flagrando a Vida**. Aracaju: SEGRASE, 1983.
- PINA, M. L. M. Canto ao Vendedor de Quebra-Queixo. In: **Letras Sergipanas**, nº 9, set/out de 1985.
- PINA, M. L. M. Um empresário Idealista. In: **Letras Sergipanas**, nº 12, mar/abr de 1986.
- PINA, M. L. M Uma venerável mulher. In: **Letras Sergipanas**, nº 13, maio/jun de 1986.
- PINA, M. L. M. As Vítimas da Radioatividade. In: **Letras Sergipanas**, nº 22, nov/dez de 1987.
- PINA, M. L. M. Um Gênio Multiforme. In: **Letras Sergipanas**, nº 31, maio/jun de 1989.
- PINA, M. L. M. Quintina Diniz de Oliveira Ribeiro – uma grande mulher sergipana. In: **Caderno de Cultura do Estudante**. São Cristóvão:UFS/PROEST, nº 07, 1990.



PINA, M. L. M., Leyda Regis, a Professora Polivalente. In: **Caderno de Cultura do Estudante**. São Cristóvão: UFS/PROEST, nº 07, 1990.

PINA, M. L. M. **A mulher na história**. Aracaju: FUNDESE, 1994.

PINA, M. L. M. **Satélite Espião observando a vida no planeta azul**. Aracaju: Gráfica Popular, 1998.

PINA, M. L. M. A artista da história de Sergipe. In **Revista do IHGS**. Aracaju, nº 32. 1993-1999.

PINA, M. L. M. Herma – Fonte – Hermes Fontes. In **Revista da Academia Sergipana de Letras**. Aracaju, nº 32. 1997.

PINA, M. L. M. II canto do Quebra-Queixo. In **Revista da Academia Sergipana de Letras**. Aracaju, nº 32. 1997.

PINA, M. L. M. Em tempo de memória retrospectiva. In: **Revista da Academia Sergipana de Letras**. Aracaju, nº 33, 1997.

PINA, M. L. M. Maria Rita Soares – um exemplo de vida. In: **O Sodalício**. Aracaju: J. Andrade, 1999.

PINA, M. L. M. Discurso de posse na Academia Sergipana de Letras. In: **Revista da Academia Sergipana de Letras**. Aracaju, nº 34, 2000.

PINA, M. L. M. Homenagem Póstuma à Professora Núbia Marques. In: **Revista da Academia Sergipana de Letras**. Aracaju, nº 34, 2000.

PINA, M. L. M. A Academia Sergipana de Letras Renovada e revitalizada. In: **Revista da Academia Sergipana de Letras**. Aracaju: Editora Diário Oficial, nº 35, 2005.

PINA, M. L. M. Mulher forte quem a encontrará. In: **Revista da Academia Sergipana de Letras**. Aracaju: Editora Diário Oficial, nº 36, 2010.

### **3. Jornais e Revistas**

Caderno de Cultura do Estudante – Proest/UFS – 1990.

Genesis – Jornal do Centro Cívico Gilberto Amado do Colégio de Aplicação da UFS – 1975 – 1981.

JORNAL DA CIDADE, Aracaju, 1992, 2014.

JORNAL CORREIO DE ARACAJU, Aracaju, 1927.

JORNAL FOLHA DA MANHÃ, Aracaju, 1942.

JORNAL LETRAS SERGIPANAS, Aracaju, 1985, 1986, 1987, 1989.

Revista da Academia Sergipana de Letras. nº 32 – 1997.  
 Revista da Academia Sergipana de Letras. nº 33 – 1997.  
 Revista da Academia Sergipana de Letras. nº 34 – 200.  
 Revista da Academia Sergipana de Letras. nº 35 – 2005.  
 Revista da Academia Sergipana de Letras. nº 36 – 2010.  
 Revista da Academia Sergipana de Letras. O Sodalício – 1999.  
 Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. nº 32 - 1993-1999.  
 SERGIPE JORNAL. Aracaju, 1940.

#### 4. Documentos Diversos

ACADEMIA SERGIPANA DE LETRAS. Livro de Atas da Academia Sergipana de Letras. 1929.

BRASIL, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Sinopse Estatística do Município de Aracaju**. Rio de Janeiro: IBGE, 1951.

Caderno Manuscrito da prof.<sup>a</sup> Lígia Pina.

CEMDAP – Pacotilha nº 98.

CEMDAP – Pacotilha nº 102.

GUARANÁ, A.. **Dicionário Bio-bibliográfico Sergipano**. Rio de Janeiro, Ed. Pongetti & C. 1925.

#### 5. Sites consultados

<https://www.sigaa.ufs.br>

<http://www.infonet.com.br/luisantoniobarreto>

<http://severinouchoa.blogspot.com.br>

<http://www.agencia.se.gov.br>

<http://www.osmario.com.br>

<http://academialiterariadevida.blogspot.com.br>

<http://jornaisdesergipe.ufs.br/>

<http://cpdoc.fgv.br>

<https://www.unit.br>